

Gabriela Oppitz

VIVENDO A PAISAGEM

Contribuições transdisciplinares para o estudo do contexto regional de sambaquis do litoral central de Santa Catarina

Florianópolis
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Gabriela Oppitz

VIVENDO A PAISAGEM

Contribuições transdisciplinares para o estudo do contexto regional de sambaquis do litoral central de Santa Catarina

Monografia submetida ao Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial e último à obtenção dos graus de Licenciada e Bacharel em História.

Orientadora: Dione da Rocha Bandeira

Florianópolis
2011

AGRADECIMENTOS

Embora sempre apareçam antes de qualquer coisa começar a ser dita, os agradecimentos costumam ser a última coisa a ser feita, o coroamento de muitos meses de estudo, dedicação e colaboração de pessoas diversas. É a estas pessoas que agradeço neste momento de desfecho – ou de abertura.

Bem, a primeira pessoa a figurar aqui é minha orientadora, Dione da Rocha Bandeira, que aceitou tomar para si essa tarefa, apesar da forma – um tanto quanto peculiar, eu diria – como fiz o convite. Obrigada pela confiança e liberdade concedida, pela atenção e pelas respostas rápidas que a fizeram sempre presente em meio à distância e, ainda, pela paciência frente às minhas angústias e dúvidas iniciais. Neste contexto de “orientação”, já aproveito para agradecer à amiga Angela Sabine Salvador que, literalmente, esteve ao meu lado no momento do fatídico convite à Dione e, também, à amiga Fernanda Codevilla Soares, que me incentivou e deu um “empurrãozinho” para que tal convite acontecesse.

E, por falar em Angela e Fernanda, fica aqui minha reverência ao nosso muito estimado Núcleo de Arqueologia da UFSC (NAU) e seus demais integrantes Lucas Bond Reis e Jeanne Silveira: conseguimos realizar muitas coisas juntos, coisas que julgaríamos impossíveis há alguns poucos anos atrás! Entre elas, com certeza, encontra-se este TCC. Incluem-se aí também Daniela Sophiati e Tânia Tomázia do Nascimento, que deram início a tudo isto, e Bruno Labrador, ex-membro que por muito tempo fez parte do Núcleo.

Não posso deixar de agradecer a TODOS os meus companheiros de labuta na Scientia Consultoria Científica, Unidade Florianópolis: Adriana Aparecida da Silva, Aline Costa Cherini, Ana Lucia Herberts, Angela Sabrine Salvador, Bruna Amorim, Bruno Lisboa, Edenir Bagio Perin, Edmara Schuch, Ivo Rodrigues Neto, Jeanne Silveira, Kelli Bisonhim, Letícia Morgana Müller, Pâmela Pereira Kilka, Rodrigo Lavina, Sabrina Escobar Freitas Ribeiro e Silvano Silveira da Costa. Foi lá que, depois de muito sonhar, finalmente adentrei o mundo da Arqueologia, e foi para lá que me dirigi, de segunda à sexta, para espaiar depois de noites ou manhãs inteiras de produção de TCC. As risadas e os momentos agradáveis que passamos juntos me foram essenciais ao longo deste semestre. Obrigada por fazerem tão prazerosos meus dias de trabalho! Faço ainda um agradecimento especial à Letícia que, com seu jeitinho atencioso e paciente de ser, me ensinou a maior parte do que aprendi nestes dois anos e alguns meses de Scientia, além de ter vivenciado minha fase de “definição de problemática do TCC”, aconselhando-me e encorajando-me – a propósito, seus “Anais do Museu de Antropologia da UFSC” permanecem meus reféns! Ainda entre os colegas de trabalho, agradeço especialmente à compreensão da Ana que, além de me ajudar na confecção do mapa de localização dos sambaquis do litoral central, me concedeu um mês inteiro entre o término do estágio e a contratação, bem como vários dias de meio expediente, para que eu pudesse me dedicar à monografia, e ao Silvano por ter participado comigo da busca pela época de atuação do colecionador de material arqueológico Carlos Berenhauser, levando minhas dúvidas até São Leopoldo.

Desta busca participou também Tânia Tomázia do Nascimento que, por meio do envio de um antigo artigo de jornal, forneceu uma pista para o estabelecimento aproximado de sua época de atuação. Aliás, muito obrigada pela simpatia e atenção nos e-mails – e pela indicação daquele texto da Cristiana Barreto que, como poderá ser constatado durante a leitura deste trabalho, veio muito bem a calhar!

E se agradeço por indicação de bibliografia devem aqui igualmente figurar Edenir Bagio Perin, colega de trabalho que me auxiliou na área da Geografia com sugestões e empréstimos de livros, e Diego Mendes, colega de Cidade de Pedra na primeira escavação da minha vida, que me enviou diversos livros digitais entre os quais estavam as obras de Ingold e Tilley que acabaram tornando-se essenciais para esta pesquisa. Ah, e ainda o antigo colega de LABHIN e atual colega de NAU Lucas Bond Reis, por ter intermediado alguns pedidos de bibliografia para mim!

Cabe ainda um agradecimento ao Prof. Paulo De Blasis, com quem conversei durante a IV Semana de Arqueologia e Patrimônio da UFSC sobre o que eu estava pensando para o

TCC e que, ao responder um e-mail em que pedi as datações conhecidas para os sambaquis do litoral sul, me presenteou com muito mais do que eu havia pedido, enviando-me algumas páginas digitadas em Word repletas de idéias e hipóteses em torno da problemática que escolhi, a partir das quais muita reflexão pode ser feita e muitas novas idéias surgiram.

E, agora, vêm os agradecimentos às pessoas que, embora não estejam relacionadas diretamente à esfera arqueológica da minha vivência no mundo, são essenciais a esta vivência, se fazendo presentes em todas as outras esferas.

Entre estas pessoas encontram-se meus pais, Rossana de Fátima Oppitz e Rodrigo Bohrer Oppitz, responsáveis por meu fascínio pela leitura, por minha disciplina e dedicação nos estudos e que, desde o início, apoiaram minha decisão pelo curso de História e pelo futuro – ainda hoje – incerto, na Arqueologia. Encontra-se também Letícia Cobra Lima, amiga de vários anos com quem tive muitos momentos de esparecimento em meio a pipocas de chocolate, filmes e jogos de tabuleiro, além de termos vivido juntas a experiência de produção de TCC e, assim, termos dividido todas as angústias, preocupações e felicidades que lhe são intrínsecas.

E, por fim, agradeço ao meu namorado Lucas Alves da Silva que, por razões óbvias que envolvem nossa habitação conjunta de um mesmo apartamento, é mais presente em minha vida do que qualquer outra pessoa. Apesar da reação “ah, tu é dessas”, que apresentaste no momento em que eu disse, como caloura do curso de História, que gostava de Arqueologia, nunca deixaste de acreditar que um dia eu seria, de fato, “uma dessas”, me incentivando e me acompanhando à primeira SAB da minha vida. Obrigada por compreender a importância que esta monografia tem para mim, por ter lido cada um dos capítulos deste trabalho e feito sugestões pertinentes. Obrigada por me aturar.

RESUMO

O Estado de Santa Catarina é comumente lembrado por seus grandes e imponentes sambaquis. O litoral central do Estado, no entanto, constitui uma exceção à regra, apresentando sambaquis de menor porte e, assim, instaurando uma descontinuidade no padrão dimensional que costuma ser atribuído aos sítios catarinenses. Após serem analisadas possíveis explicações para este contexto peculiar de sambaquis – em torno da subsistência, da distância biológica, da cronologia, da cultura material e da complexidade social –, algumas contribuições puderam ser feitas. Com o auxílio da Fenomenologia – e de autores que aplicaram esta forma de tratar a questão do “ser” ao campo de estudo da Arqueologia – entendida à luz de uma metodologia Transdisciplinar, foi possível compreender o desenvolvimento de um contexto peculiar de sambaquis no litoral central como decorrente do estabelecimento de relações diferenciadas entre os grupos humanos associados a estes sítios e os demais elementos constituintes do meio que os circundava, o que teria dado origem a uma paisagem diferenciada. Estes pescadores-caçadores-coletores, possivelmente, “viveram o mundo” de forma distinta e os sambaquis de menores dimensões são extensões dessa vivência, tornando-se seus mais evidentes indicadores. Uma vivência de mundo peculiar resultou num contexto de sambaquis igualmente peculiar.

Palavras-chave: Sambaqui. Litoral central catarinense. Paisagem. Transdisciplinaridade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1.....	12
Apresentando o contexto de sambaquis do litoral central de Santa Catarina	
1.1 DEFINIÇÕES DIVERSAS	14
1.1.1 A área de estudo	14
1.1.2 Sambaquis ou sítios conchíferos rasos?	19
1.2 BREVE HISTÓRICO DAS PESQUISAS	24
1.2.1 Brasil monárquico e algumas expedições (1822-1889)	25
1.2.2 A formação da coleção de Carlos Berenhäuser (1900-1949)	27
1.2.3 As primeiras pesquisas sistemáticas (1949-1964)	29
1.2.4 Tempos de regime civil-militar (1964-1985)	32
1.2.5 Nova geração e tendências atuais (1985-2011)	38
CAPÍTULO 2	43
A descontinuidade no padrão dimensional dos sambaquis do litoral central	
2.1 EXPLICAÇÕES JÁ DANTES PROPOSTAS	46

2.1.1 Beck, Prous, Bastos e a menor disponibilidade de moluscos.....	46
2.1.2 Walter Neves e a paleogenética dos grupos pré-coloniais do litoral central	55
2.2 NOVAS POSSIBILIDADES A SEREM ANALISADAS	58
2.2.1 Possibilidades em torno da cronologia	58
2.2.2 Possibilidades em torno da cultura material	67
2.2.3 Possibilidades em torno da complexidade social	71
CAPÍTULO 3	74
Contribuições transdisciplinares para o estudo de um contexto peculiar	
3.1 A ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR	75
3.1.1 Da fragmentação do conhecimento à transdisciplinaridade	76
3.1.2 Metodologia e alguns princípios	78
3.1.3 Em busca de uma Arqueologia transdisciplinar	81
3.2 UM POUCO DE FENOMENOLOGIA	83
3.2.1 A ciência dos fenômenos	84
3.2.2 Para além da dicotomia sujeito-objeto	85
3.2.3 Ser-no-mundo	90
3.3 E DE VOLTA À ARQUEOLOGIA	91
3.3.1 Tim Ingold e sua <i>dwelling perspective</i>	91
3.3.2 Vivendo a paisagem	98
3.4 ENFIM ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
ANEXOS	127
Anexo I: mapa de localização dos sambaquis do litoral central de Santa Catarina	128
Anexo II: quadro dos sambaquis do litoral central de Santa Catarina	130

INTRODUÇÃO

O Estado de Santa Catarina é comumente lembrado por seus grandes e imponentes sambaquis – elevações as quais devem sua formação, principalmente, à acumulação antrópica de valvas de moluscos –, figurando entre eles os maiores do mundo. Estes sambaquis de grandes dimensões, no entanto, têm ocorrência restrita às porções norte e sul do litoral catarinense – sobretudo à região da baía da Babitonga e à região de Laguna, Tubarão e Jaguaruna –, não sendo encontrados na porção central, onde possuem, em média, de 1 m a 2 m de altura, com os maiores atingindo – em tempos passados, antes de serem destruídos para a fabricação de cal, pavimentação de estradas ou construção de moradias – de 10 a 15 m (Rio Tavares III, Barra da Lagoa I, Ponta das Canas I e Lagoinha da Ponta das Canas I).

Tendo isto em vista, procuro aqui entender por que os sambaquis do litoral central do Estado de Santa Catarina possuem menores dimensões, sendo cercados ao norte e ao sul por exemplares muito maiores. Por que o litoral central instaura uma descontinuidade no padrão dimensional dos sambaquis catarinenses? Este é somente um aspecto do contexto de sambaquis da região, escolhido como alvo de investigação por ser o mais facilmente – e visivelmente – identificável e, por isso, está sendo tomado aqui somente como base para reflexão, na busca por uma melhor compreensão dos seres humanos que assim compuseram a paisagem.

Nisso tive o auxílio da Fenomenologia de Martin Heidegger (2008) e de Maurice Merleau-Ponty (1999), bem como das idéias de Tim Ingold (2002) e Christopher Tilley (2004), autores que aplicaram a forma como a ciência dos fenômenos trata a questão do “ser” ao campo de estudo da Antropologia e da Arqueologia, respectivamente, e, com isso, desenvolveram o conceito de “paisagem” que aqui será utilizado. Tanto a Fenomenologia quanto os conceitos de Ingold e Tilley foram aqui entendidos à luz de uma metodologia Transdisciplinar que se fez sempre presente e, em muitos momentos, elucidativa.

Bem, tudo começa no Capítulo 1, com algumas considerações relativas à definição da área de estudo – que vai de Porto Belo a Garopaba, numa faixa costeira de aproximadamente 100 km – e aos conceitos de “sambaqui” e “sítio conchífero raso”. Em seguida, é esboçado um panorama geral dos sambaquis do litoral central e das pesquisas envolvendo sambaquis até o momento realizadas nesta porção litorânea de Santa Catarina. Este breve histórico é feito a partir de uma cronologia definida com base nos anos de atuação dos pesquisadores. Para uma melhor distribuição destes pesquisadores no tempo, me apoio – porém com algumas modificações – na periodização para as pesquisas em Arqueologia no Estado de Santa Catarina proposta por Rafael Brandi (2004) em seu trabalho de conclusão de curso que, por sua vez, foi baseada na periodização sugerida por Funari para a Arqueologia no Brasil.

Até o momento nenhum trabalho teve como foco principal a questão da descontinuidade no padrão dimensional dos sambaquis do litoral central catarinense. É verdade que esta característica peculiar do contexto de sambaquis da região já foi por muitos constatada, mas às constatações nunca seguem maiores explicações.

O Capítulo 2, portanto, com vistas a suprir esta carência de atenção à questão da descontinuidade dimensional dos sambaquis desta porção do litoral, é composto por dois momentos, um de apresentação de antigas explicações e outro de lançamento de novas possibilidades. No primeiro deles são abordadas e problematizadas as idéias sugeridas por Anamaria Beck (2007), André Prous (1992), Rossano Lopes Bastos (1994) e Walter Neves (1988) que, cabe destacar, além de terem sido as únicas explicações encontradas na literatura pertinente, não estavam entre os objetivos de estudo dos autores. Os três primeiros atribuem as menores dimensões dos sambaquis do litoral central a uma suposta escassez de moluscos, numa perspectiva que pode ser compreendida como pautada pelo determinismo ambiental, enquanto o último deles propõe uma explicação em torno da paleogenética, a partir da análise de marcadores osteológicos não-métricos de esqueletos provenientes de sítios da costa dos Estados de Santa Catarina e Paraná, que teria indicado certa distância biológica entre os grupos associados aos sambaquis do litoral central e os grupos das demais porções litorâneas.

No segundo momento deste capítulo são elencadas novas hipóteses para a questão, relativas à cronologia, à cultura material e à complexidade social, num exercício de eliminação de possibilidades.

Uma vez apresentado o contexto de sambaquis do litoral central de Santa Catarina e após serem levantadas e analisadas algumas das possíveis explicações para este contexto diferenciado, chega o momento de apresentar algumas contribuições transdisciplinares para seu estudo. Isso acontece no Capítulo 3, que tem início com uma elucidação em torno da “transdisciplinaridade” que vem a caracterizar essas contribuições. O que, afinal, é transdisciplinaridade? Logo em seguida, se faz necessária nova elucidação, dessa vez sobre a relação entre a Transdisciplinaridade e a Arqueologia. Alguns comentários são feitos a respeito da característica da Arqueologia de reunir diversas disciplinas sob um axioma comum, porém, são relações mais profundas que efetivamente conectam estes dois campos do conhecimento e, para que esta conexão seja estabelecida, é preciso realizar uma breve apresentação em torno da Fenomenologia, que aqui aparece como elo entre a Transdisciplinaridade e as idéias de Tim Ingold (2002) e Christopher Tilley (2004), autores trabalhados ao voltarmos para o domínio da Arqueologia e pensarmos a questão da “paisagem”. Após os devidos esclarecimentos são, finalmente, apresentadas algumas contribuições para o estudo do contexto de sambaquis do litoral central de Santa Catarina, de forma a cumprir a promessa feita no título deste trabalho.

A partir do estudo deste contexto de sambaquis e da problemática relativa à inexistência de sítios de grandes dimensões na região, tentei compreender como se dava a relação entre os grupos de pescadores-caçadores-coletores que habitaram o litoral central e os demais elementos constituintes – humanos e não-humanos – do meio que os circundava. O objetivo não foi, meramente, averiguar as possibilidades em torno da questão de por que no litoral central não se desenvolveram grandes sambaquis, mas, entendendo os sambaquis como extensões da vivência destes seres humanos no mundo, partir deste aspecto peculiar relativo às suas dimensões para compreender melhor os seres humanos que assim se manifestaram, lançando algumas idéias que pudessem servir de base para estudos futuros mais aprofundados e elucidativos.

Os pescadores-caçadores-coletores da porção central do litoral catarinense, evidentemente – e a mais visível evidência está nos sambaquis – “perceberam”, “experienciaram”, “viveram” o mundo de forma diferenciada. É esta vivência de mundo que pretendo captar.

CAPÍTULO 1

Apresentando o contexto de sambaquis do litoral central de Santa Catarina

Sambaquis são elevações de formas e dimensões variadas, constituídas principalmente por valvas de moluscos e encontradas em diferentes partes do mundo. No caso brasileiro, estas elevações estão associadas a grupos pré-coloniais de pescadores-caçadores-coletores que se instalaram na faixa litorânea por volta de 6.500 A.P.¹, deixando vestígios como frutos, sementes, restos faunísticos, artefatos líticos e ósseos, marcas de estacas, manchas de fogueiras e sepultamentos humanos. Os sambaquis brasileiros, mais especificamente aqueles do Estado de Santa Catarina, são conhecidos como os “maiores do mundo”, chegando alguns deles a atingir dimensões gigantescas, com mais de 30 m de altura, destacando-se consideravelmente na paisagem.

Estes sambaquis de grandes dimensões, no entanto, têm ocorrência restrita às porções norte e sul do litoral catarinense – sobretudo à região da baía da Babitonga e à região de Laguna, Tubarão e Jaguaruna –, não sendo encontrados na porção central, onde possuem, em média, de 1 m a 2 m de altura, com os maiores atingindo, em tempos passados, de 10 a 15 m (Rio Tavares III, Barra da Lagoa I, Ponta das Canas I e Lagoinha da Ponta das Canas I) (ver anexo II).

¹ Existem datações que chegam a 8.000 A.P., porém 6.500 A.P. é um horizonte mais seguro e convencionado.

Por existir um longo histórico de aproveitamento das conchas dos sambaquis para a produção de cal, pavimentação de estradas e outras atividades, a primeira explicação para a ausência de grandes exemplares no litoral central que vem à mente é a de que o padrão dimensional que percebemos hoje não corresponderia ao original. Desta forma, grandes sambaquis poderiam, sim, ter existido nesta parte do litoral, porém hoje estariam destruídos. Carlos Wiener (1876, p. 8 *apud* DUARTE, 1971, p. 33), ao descrever a forma e dimensão dos sambaquis em seu trabalho “Sobre os sambaquis do Sul do Brasil”, coloca o seguinte:

O primeiro sambaqui que examinamos, o do rio Tavares, tendo sido em grande parte explorado por fabricantes de cal não apresentava mais contorno algum [...].

O segundo e o terceiro, situado à cerca de um kilometro de distancia do primeiro, não foram ainda explorados; levantamos-lhes a planta.

O primeiro tem 91 metros de comprimento sôbre uma largura máxima de 35 metros e mínima de 7 metros.

Sua elevação varia entre 6 e 11 metros. O segundo tem apenas 9 metros de comprimento sobre 6 ½ de largura. [...] e se eleva cerca de um metro acima do nível do charco [...].

Duarte (1971, p. 34) comenta que este sambaqui maior referido por Wiener deve se tratar do sambaqui da Freguesia do Rio Tavares – Rio Tavares III no CNSA² – e que, em 1971, quando escreveu o trabalho sobre a distribuição e localização dos sambaquis da Ilha de Santa Catarina, dos sítios da localidade do Rio Tavares havia vestígio somente das proporções de suas bases.

Alturas mais elevadas são também atribuídas por Bigarella (1949) aos sítios Ponta das Canas I (10-15 m), Lagoinha de Ponta das Canas I (mais de 10 m) e Praia Grande (7 m), sendo que nos dias de hoje nenhum deles apresenta mais estas dimensões.

É inegável que os sambaquis da porção central do litoral catarinense não possuem mais suas formas e dimensões originais. Este fato, contudo, não se sustenta como explicação para a ausência de grandes sambaquis na região. As porções litorâneas norte e sul também foram importantes centros de produção de cal, não obstante, muitos de seus sambaquis permanecem com grandes dimensões. Um bom exemplo disso é a região da baía da Babitonga, que ainda hoje abriga inúmeros grandes exemplares, apesar de ter tido ocupação colonial tão antiga quanto a da grande Florianópolis e nela se encontrar a terceira maior cidade do sul do Brasil, Joinville, que despendeu muito cal para ser erguida. Sobre a produção de cal na região da Babitonga, Wiener (1876, p. 12 *apud* DUARTE, 1971, p. 34) coloca que

² Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montaPaginaSGPA.do>. Acesso em: 22 jan. 2011.

“segundo informações do Sr. Conde de La Hure um só sambaqui forneceu toda a cal empregada na construção de todas as casas da cidade de Nossa Senhora da Graça, do Rio São Francisco Xavier, do Sul”.

Tendo tudo isto em vista e uma vez reconhecida a descontinuidade no padrão dimensional dos sambaquis da porção central do litoral de Santa Catarina, darei início a este capítulo, no qual pretendo inicialmente fazer algumas considerações relativas à definição da área de estudo e aos conceitos de “sambaqui” e “sítio conchífero raso”. Em seguida, esboçarei um quadro geral das pesquisas envolvendo sambaquis até o momento realizadas no litoral central de Santa Catarina.

1.1 DEFINIÇÕES DIVERSAS

1.1.1 A área de estudo

Faixas litorâneas, embora muitas vezes sejam formadas por rochas mais ou menos idênticas e estruturas semelhantes àquelas encontradas nas demais porções do continente, costumam ser individualizadas em seu relevo devido ao predomínio da ação de determinados agentes que as modelam – como as forças oceânicas representadas pelas correntes, vagas e marés – e às influências climáticas, formando unidades à parte (LAGO, 1968, p. 30-31).

Estas unidades, por vezes podem vir a ser subdivididas com base em numerosas particularidades. É o que acontece com a faixa litorânea catarinense que Paulo Fernando Lago (1968), apesar de ter consciência da possibilidade de criação de novas divisões dentro das subdivisões, divide assim:

Litoral Norte: Caracteriza-o a extensa planície, aqui e acolá interpolada por formações cristalinas. É predominantemente arenosa, embora alguns mangues sejam observados. Estende-se desde a barra do rio S. Francisco até a barra do Itapocu.

Remanescentes do relevo cristalino, destacando-se na paisagem, condicionam a função portuária da cidade de S. Francisco que se encontra numa ilha rochosa circundada por sedimentos recentes. Hoje, pelo aterro do “linguado” ficou ligada ao continente. Como S. Francisco, a cidade de Joinville também está parcialmente assentada sobre terrenos cristalinos (colinas baixas) e sedimentares (planícies).

Litoral Central: Vai desde a barra do Itapocu até a altura da extremidade sul da ilha de Santa Catarina. A morfologia se caracteriza pela maior movimentação isto é, as formações cristalinas esbarram mais frequentemente no mar, guardando cristas, entretanto, sua direção mais ou menos oblíqua. Daí, a resultante é a ausência de uma frente mais contínua. Em

consequência, muitas enseadas e baías de forma elíptica tornam-se numerosas e, em geral, apresentam fundos lodosos ou de mangues. Alguns rios importantes deságuam no litoral central, formando planícies de sedimentação também marítimas (Itajaí, Tijucas). O acidente mais destacado é a ilha de Santa Catarina, orientada para NE-SW.

A Ilha de Santa Catarina é, em realidade, um conjunto de esporões que o processo de sedimentação, ainda no quaternário, culminou por uni-los, preservando ainda em seu interior duas lagoas.

Litoral Sul: Marca novamente o predomínio das baixadas. O processo de retificação, por efeito da sedimentação éolo-marinha, combinado com a deposição de detritos de rios importantes como o Tubarão, Araranguá, etc., está bem avançado e por isso se apresenta bastante retilíneo sobretudo a partir da cidade de Laguna, quando se inflete na direção SW.

Terrenos cristalinos são ainda observados, como em Garopaba, e esporadicamente sob a forma de pontões constituindo ilhas e cabos (S. Marta, por exemplo).

Entre os acidentes mais importantes salienta-se a planície deltaica do rio Tubarão, em parte ocupada para fins agrícolas e criatórios e em parte, ainda não consolidada, dando lugar a áreas alagadiças, é, em alguns trechos, aproveitada para o cultivo de arroz (LAGO, 1968, p. 31-33).

Esta divisão foi utilizada por Anamaria Beck (2007)³ em sua tese de doutorado, com vista a referenciar geograficamente a variação do conteúdo cultural dos sambaquis do litoral catarinense.

Aziz Ab'Sáber (2006) também propõe uma divisão para a faixa costeira do Estado de Santa Catarina, incluída naquilo que ele chama de “uma setorização prévia do litoral brasileiro” e correspondendo aos setores 39, 40, 41, 42 e 43, como poder ser observado no trecho abaixo:

39) *Setor Litorâneo de Paranaguá, de Guaratuba (PR) e São Francisco do Sul, Joinville (SC)* – Pequenas baías da ingressão marinha de 5.500-6.000 anos A.P., com recuo posterior, e extensão de manguezais na retroterra e borda de estuários. Extensões de restingas e praias na fronteira Paraná/Santa Catarina. Na retroterra, as terminações do núcleo principal da Serra do Mar, em Garuva.

40) *Setor Recortado do Litoral Central de Santa Catarina ao Sul da Enseada da Barra Velha (SC) até a Retroterra Serrana da Ilha de Santa Catarina* (sítio de Florianópolis) – Últimas serranias, talhadas no embasamento regional da Bacia do Paraná, designado trecho terminal (rebaixado) da Serra do Mar, precedendo a alta Serra Geral, mantida por espessa pilha de basaltos.

41) *Setor Ilha de Santa Catarina e Canal do Estreito* – Alongada ilha continental norte-sul, sul-norte. Costa marcada por demorados processos tectônicos, fisiográficos e eustáticos, desvinculadores da fachada costeira de

³ A tese de Anamaria Beck, na verdade, é de 1972, porém foi publicada em edição especial pela Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) no ano de 2007.

Santa Catarina. Sítio urbano insular, marcado por um notável surto recente de ecoturismo.

42) *Litoral de Laguna* – De Garopaba, Imbituba à borda sul da lagoa (Laguna). Região de praias sincopadas, entre esporões de maciços costeiros que foram paleoilhas. Pequenas lagoas no reverso dos maciços costeiros, entre feixes de restingas de antigas enseadas marinhas. Grandes possibilidades para um ecoturismo interno, se bem gerenciado e conduzido. Presença de campos de dunas subatuais, fixadas por vegetação rupestre semi-arbórea, de grande biodiversidade, a serem melhor protegidas.

43) *Litoral de Araranguá* – Da Lagoa de Garopaba II até a Lagoa do Sombrio. Primeiro trecho da linha de costa retilinizada que se prolonga para o Sul, de NNE para SSW, por centenas de quilômetros de extensão. Lagoas semi-alinhadas entre feixes de restingas de diferentes idades. Trecho interrompido nos morrotes de Torres, na fronteira do Rio Grande do Sul com Santa Catarina. Área terminal rígida dos manguezais tropicais brasileiros (AB'SÁBER, 2006, p. 105).

Nota-se que Ab'Sáber (2006), embora utilize uma denominação diferente, separa o litoral catarinense em norte, sul e central da mesma forma que Lago (1968), porém divide a porção central em dois setores diferentes, definidos em função da presença da Ilha de Santa Catarina. O mesmo ocorre com o litoral sul dividido em dois setores pelo autor, um referente à região de Laguna e outro à região de Araranguá.

A porção central do litoral catarinense, área de enfoque deste trabalho, não corresponde exatamente à divisão morfológica proposta por Lago (1968) e Ab'Sáber (2006), uma vez que neste estudo existem outros fatores a serem considerados, de cunho arqueológico, como a ocorrência ou não-ocorrência de grandes sambaquis, assunto aqui em questão, e a presença de sítios de inscrições rupestres, uma especificidade do litoral central de Santa Catarina no contexto litorâneo nacional, que se dá entre os municípios de Porto Belo e Garopaba (COMERLATO, 2005, p. 73).

Deste modo, o litoral central compreende neste estudo a faixa litorânea que se estende de Porto Belo a Garopaba, tendo início bastante abaixo da barra do Itapocu ou enseada da Barra Velha – limite norte da divisão de Lago (1968) e Ab'Sáber (2006) – e continuando para um pouco além do término da Ilha de Santa Catarina – limite sul da divisão de ambos autores.

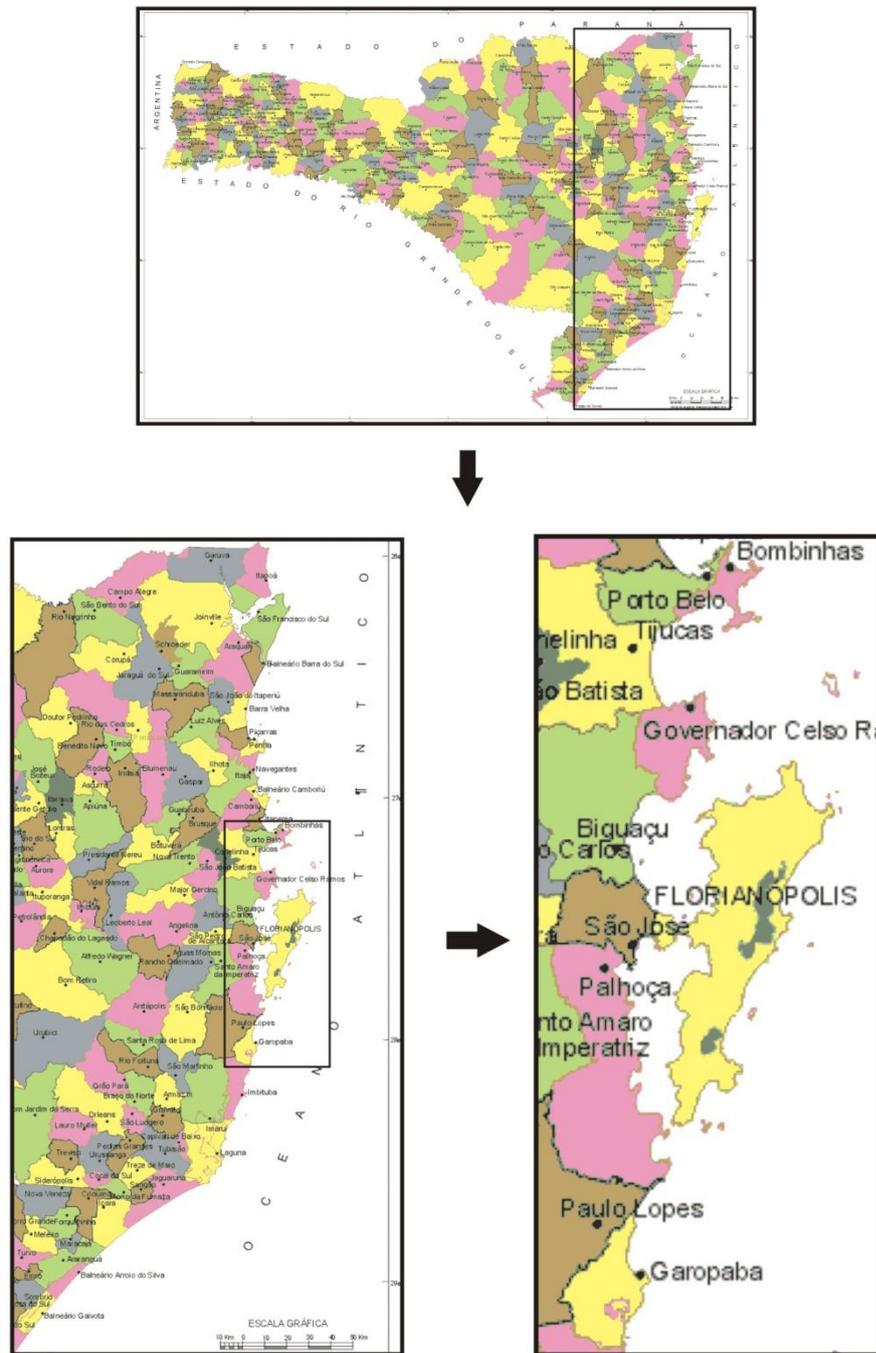


Figura 1: A área de estudo, de Porto Belo a Garopaba. Adaptado de: www.belasantacatarina.com.br/mapas.asp. Acesso em: 24 jan. 2011.

Além das diferenças morfológicas e dos fatores arqueológicos colocados, algo que favorece esta divisão do litoral em três porções diferentes são as bacias hidrográficas. A porção do litoral que será estudada é banhada pela região hidrográfica Litoral Centro (RH 8), da qual fazem parte as bacias dos rios Tijucas, Biguaçu, Cubatão do Sul e Madre.

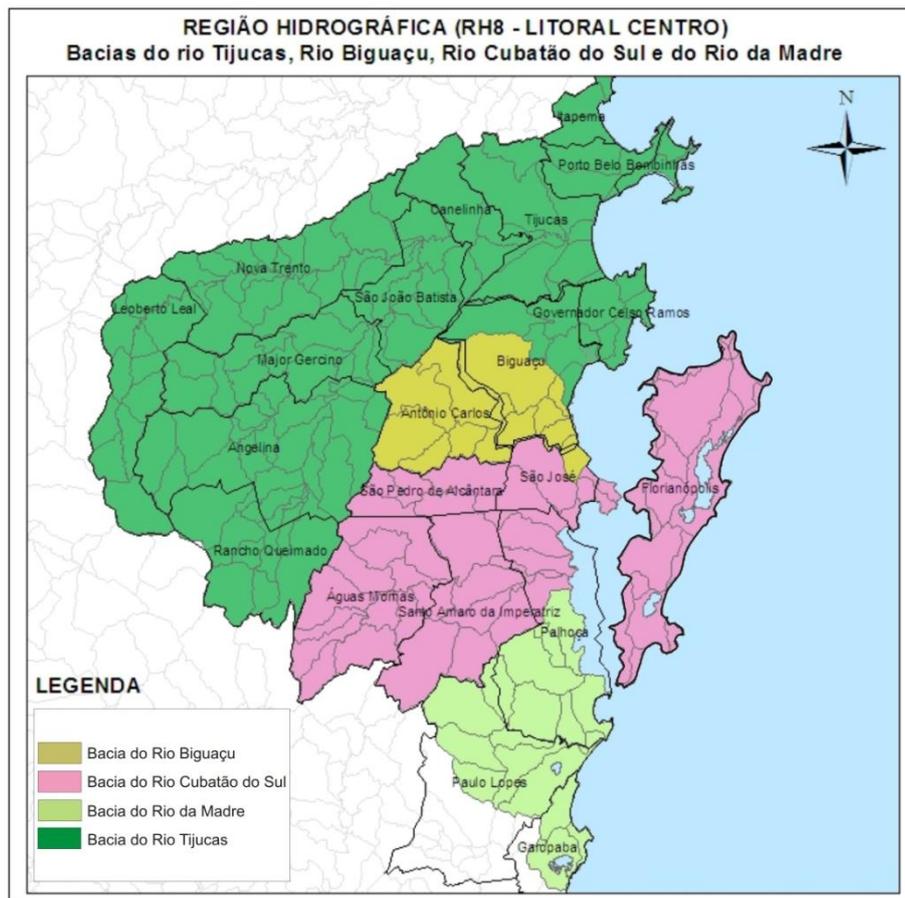


Figura 2: Região hidrográfica Litoral Centro (RH 8). Adaptado de: Scientia (2011).

Como é possível perceber no mapa acima, os limites da região hidrográfica Litoral Centro (RH 8), em sua porção litorânea, coincidem com os limites da área de enfoque deste trabalho. A cidade de Itapema, contudo, limite norte da RH 8, não será incluída aqui, uma vez que nela não há sítios arqueológicos do tipo sambaqui registrados.

A escolha por trabalhar com todo o litoral central, e não somente com a Ilha de Santa Catarina, se deu por me parecer um grande equívoco separá-la de seu continente próximo. De quase todos os pontos da Ilha é possível visualizar o continente, e vice-versa. Como separá-los, se nem ao campo de visão eles se deixam escapar? Mas estes são apenas pensamentos de uma moradora da Ilha que facilmente se impressiona com a onipresença das terras continentais. A geógrafa Olga Cruz, entretanto, também enfatiza a íntima relação da Ilha com o continente:

Com 53 Km de extensão e 18 Km de largura máxima, sendo do tipo continental, a Ilha guarda íntimas relações com o Continente como paisagem física, histórica, cultural e social. Nos aspectos físicos, tais ligações

destacam-se de acordo com suas características hidrográficas, geológicas, topográficas, morfológicas, pedológicas e biológicas (CRUZ, 1998, p. 67).

Tenho consciência de que a utilização de limites geopolíticos, bem como a divisão do litoral catarinense em norte, sul e central, apesar de pautada em semelhanças e diferenças hidrográficas, geológicas, topográficas, morfológicas, pedológicas e biológicas, é artificial e completamente arbitrária quando se trata de populações pré-coloniais, porém, por conveniência, e por até o momento não ter encontrado uma forma alternativa de divisão, tomarei ela como base. Até porque, coincidentemente ou não, a não-ocorrência de grandes sambaquis, no contexto catarinense, é uma característica exclusiva desta porção central de nosso litoral – pelo menos é o que indicam os levantamentos realizados até o momento –, o que me permite, então, a utilização desta divisão que, com isso, deixa de ser tão arbitrária assim.

1.1.2 Sambaquis ou sítios conchíferos rasos?

Quando se começa a ler sobre as diversas populações pré-coloniais que habitaram a porção central do litoral de Santa Catarina e seus remanescentes caracterizados por oficinas líticas, representações rupestres, sambaquis, sítios conchíferos rasos sem cerâmica, sítios conchíferos rasos com cerâmica, difícil é não perder o foco pensado para o limitado tempo de realização de um trabalho de conclusão de curso. De repente, a preocupação com o contexto regional de sambaquis é deixada de lado e se está tentando resolver toda a problemática da ocupação pré-colonial do litoral catarinense.

Pensando, então, no foco deste trabalho, e de forma a honrá-lo apropriadamente, não abordarei aqui qualquer outro tipo de sítio que não seja do tipo sambaqui. Existe registrado no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA/IPHAN) um total de 88 sambaquis para o litoral central. Destes 88 sambaquis, 4 se encontram no município de Porto Belo, 1 em Bombinhas, 9 em Governador Celso Ramos, 1 em Biguaçu, 64 em Florianópolis, 6 na Palhoça, 2 em Paulo Lopes e 1 em Garopaba. Além destes 88 sítios, existem outros 17 que constam nos levantamentos consultados – 16 em Florianópolis e 1 em Paulo Lopes –, porém não estão registrados no CNSA (ver anexo II).

O fato de 75% dos sambaquis do litoral central se localizarem na cidade de Florianópolis nada demonstra além da maior frequência com que foram feitos levantamentos arqueológicos na capital do Estado: de todos os levantamentos já realizados na área que

deram atenção a sambaquis (BIGARELLA, 1949; ROHR, 1960, 1961, 1962, 1984; PIAZZA, 1962⁴ *apud* FOSSARI, 1987; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987, 1988a, 1988b, 1989), os únicos que também contemplaram o continente próximo de Florianópolis foram os levantamentos empreendidos por Rohr (1984), que possuem resultados compilados no artigo “Sítios arqueológicos de Santa Catarina”.

Existem ao longo do litoral catarinense sítios arqueológicos que apresentam uma cultura material muito parecida com a encontrada nos sambaquis, porém com mínimo substrato conchífero, devendo sua pequena altura – que raramente ultrapassa 1m de espessura – muito mais à terra acumulada que a conchas e, devido a isso, são por vezes classificados de forma a diferenciarem-se dos sambaquis “tradicionais”, sendo chamados de acampamentos, assentamentos conchíferos, sítios rasos ou “sujos” – em contraposição aos “limpos” – por alguns estudiosos. Com base nisso, Prous e Piazza redefiniram “sambaqui” como

sítios arqueológicos (ou a porção de sítios, quando com sobreposição), nos quais os vestígios culturais seriam parte de um espesso sedimento detrítico e cuja totalidade, ou lentes, seriam formadas em mais de ¾ partes por conchas de moluscos terrestres ou aquáticos. Além do termo sambaqui os mesmos autores utilizaram o termo acampamento conchífero para sítios de ocupação litorânea (ou porção de sítios) nos quais os vestígios culturais se encontravam em uma matriz pouco ou não estratificada, terrosa ou cheia de cinzas, que comportasse uma proporção não negligenciável de restos de conchas, geralmente concentradas em bolsões (SCHMITZ *et al.*, 1992, p. 11).

Não obstante a desigualdade morfológica e estratigráfica, me parece complicado separar em categorias diferentes sítios de cultura material tão semelhante. O problema é que as divisões que costumamos fazer e os modelos que costumamos criar para tornar as coisas mais práticas e inteligíveis acabam por influenciar em demasia nossa forma de pensar, colocando limites onde estes não existem. A partir do momento em que se considera sambaqui e sítio conchífero raso como tipos distintos de sítios arqueológicos, acaba-se deixando de lado a possibilidade de estes sítios estarem mais próximos e mais intimamente relacionados do que aparentam. É como se as barreiras morfológicas e estratigráficas – que, de fato, existem – impusessem barreiras culturais quando, na verdade, estas ultrapassam a esfera material das manifestações humanas. Como coloca Marcelo Rede (1996, p. 274),

⁴ De acordo com Fossari (1987), trata-se de um cadastro organizado por Walter F. Piazza no ano de 1962, não publicado e ao qual não tive acesso. Os dados deste cadastro que foram aqui utilizados são todos provenientes de Fossari (1987, 1988a, 1988b, 1989).

[...] a materialidade é um atributo inerente, mas que, porém, não esgota o objeto culturalmente considerado. Do contrário, tomado por suas características físicas, o objeto informaria apenas sobre a sua própria materialidade. Logicamente, mesmo as características físicas são resultado de um processo social que atua desde a seleção da matéria-prima [...].

E justamente por não se limitarem aos seus ingredientes materiais que as coisas têm um papel que excede ao de quadro físico da vida social. Tal distinção seria, aliás, inconcebível. O universo material não se situa fora do fenômeno social, emoldurando-o, sustentando-o. Ao contrário, faz parte dele, como uma de suas dimensões e compartilhando de sua natureza, tal como as idéias, as relações sociais, as instituições.

Eis aí a fortuna do termo cultura material além das ambigüidades possíveis: ele denota que a matéria tem matriz cultural e, inversamente, que a cultura possui uma dimensão material.

Evitando topar com barreiras imaginárias, abordarei aqui tanto os sambaquis ditos “clássicos” – que se enquadrariam na definição sugerida por Prous e Piazza para sambaqui – quanto aqueles sítios conhecidos por acampamentos ou sítios conchíferos rasos. Eles serão considerados como parte de um mesmo universo de sítios conchíferos, aproximando-se numa intersecção de conchas – em maior ou menor quantidade –, demais restos faunísticos, implantação no ambiente, indústria lítica, óssea e práticas mortuárias. De forma a não desconsiderar as diferenças morfológicas e estratigráficas, porém, continuarei me referindo a eles com denominações distintas, entendendo estas como indicadoras das diferenças mencionadas, e não como divisoras culturais.

No Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA/IPHAN), existem apenas 6 sítios que poderiam ser considerados sítios conchíferos rasos sem cerâmica, nele registrados como “acampamento” ou “cemitério” – 2 em Florianópolis, 2 em Bombinhas e 2 em Palhoça –, sendo que sem registro no CNSA/IPHAN existe apenas 1, em Florianópolis, e outro em Bombinhas. Nota-se que são poucos, sendo então importante mencionar que este número não é definitivo, por diversas razões. A primeira delas seria a existência de 6 sítios classificados como sambaqui no CNSA/IPHAN que, na bibliografia consultada, no entanto, são descritos como constituídos por pouca quantidade de conchas ou por conchas misturadas com muito húmus. Com isso percebe-se que, na maioria dos casos, sítios caracterizados por presença não negligenciável de conchas foram sempre considerados sambaquis, sendo descritos sob esta denominação. A segunda razão está relacionada à falta de informação a respeito da presença de cerâmica nesses 8 sítios, uma vez que o pesquisador responsável pelo registro pode ter encontrado cerâmica, porém não tê-la mencionado ao descrever o sítio, ou, pode de fato não ter encontrado este tipo de material superficialmente, mas com um estudo mais aprofundado talvez o encontrasse. Nesse mesmo sentido, segue que dos 88 sítios classificados como

sambaqui no CNSA/IPHAN para o litoral central de Santa Catarina, poucos foram alvo de pesquisas sistemáticas, o que restringe o número de sítios sobre os quais se tem um conhecimento maior da espessura e densidade do substrato conchífero. Para agravar o quadro, existe ainda o fato de que muitos dos sambaquis já não apresentavam suas dimensões e estratigrafias originais na época em que foram registrados. Assim, sítios que outrora seriam vistos como “clássicos” podem ter aparentado ser rasos para o pesquisador responsável pelo registro.

Os poucos sítios já sistematicamente estudados são: Carianos IV (ROHR, 1960), Rio Tavares IV (ROHR, 1960), Praia Grande (ROHR, 1960), Canto da Lagoa I (ROHR, 1961), Canto da Lagoa II (DE MASI, 2001)⁵, Ponta das Almas (PIAZZA, 1966; BECK, 2007; HURT, 1974), Ponta do Lessa I (BECK *et al.*, 1969), Pântano do Sul I (ROHR, 1977), Porto do Rio Vermelho I (DE MASI, 2001), Porto do Rio Vermelho II (DE MASI, 2001), em Florianópolis; Ponta do Maruim (UFSC, 1998), em Palhoça; Sambaqui da Rua 13 (LAVINA, 2006), em Bombinhas; e Armação da Piedade I (FARIAS, 2008), em Governador Celso Ramos. Existe ainda o sítio da Armação do Sul, escavado por Rohr e Andreatta nos anos de 1969 e 1974, e classificado no CNSA como sítio multicomponencial, sobre o qual existem opiniões divergentes. Schmitz *et al.* (1992, p. 205), como a maioria dos autores, afirmam que ele não é o que costumeiramente se denomina sambaqui, devido à pouca quantidade de conchas e pequena espessura da camada arqueológica. Rohr, por sua vez, segundo informação pessoal concedida a Walter Neves (1988, p. 45), não descarta a possibilidade de este sítio tratar-se de um sambaqui em fase inicial de “construção”. Provavelmente foi a grande semelhança entre a cultura material encontrada neste sítio e a dos sambaquis – como esqueletos pintados com ocre e a presença de estruturas de argila não cozida – que levou Rohr a pensar dessa forma.

Creio que o responsável pelo surgimento de minha preocupação com as continuidades e discontinuidades entre os sambaquis ditos “clássicos” e os sítios conchíferos rasos seja, justamente, este sítio da Armação do Sul. Assim como ele, o sítio do Pântano do Sul (ROHR, 1977) dá margem a interpretações distintas, ocasionadas por seu caráter misto: em uma das extremidades, configura-se como sambaqui, porém, por baixo deste, continua uma camada arqueológica de 2 m de espessura que vai até as dunas, configurando-se como sítio raso. Estas interpretações, contudo, não descartam uma à outra.

⁵ De Masi (2001) chama o sítio por ele escavado de Canto da Lagoa I, porém, no CNSA/IPHAN ele está registrado como Canto da Lagoa II. O sítio Canto da Lagoa I, segundo o CNSA/IPHAN, corresponde ao sambaqui escavado por Rohr (1961).

Schmitz e Bitencourt (1996, p. 120-123) não se referem à parte que Rohr (1977) chama de sambaqui com esta denominação, preferindo a idéia de que, talvez, a camada de conchas compactas se trate de um depósito de lixo. Esta “lixreira” seria a única estrutura permanente encontrada, fazendo-os pensar que, pela pouca quantidade de sepultamentos – apenas quatro escavados –, pelas diferenças quantitativas que verificaram no material das diferentes partes do sítio e pela ausência de estruturas mais duradouras, a área escavada não poderia ser uma aldeia permanente, mas resultado de ocupações sucessivas por grupos que alternariam seu local de habitação, formando um rodízio com outros sítios registrados nos arredores, que forneceriam recursos iguais ou diferentes.

Já Rohr (1977, p. 10), vendo para toda a área do sítio do Pântano do Sul, tanto na parte sambaqui quanto na parte sítio raso, uma mesma cultura material, chega à conclusão de que o sítio, em toda a sua extensão, teria sido ocupado por grupo de uma mesma cultura, no caso, a cultura dos pescadores-caçadores-coletores comumente associados aos sambaquis. Em seguida, Rohr estende esta conclusão para todos os sítios rasos já estudados no litoral catarinense – tanto àqueles sem cerâmica, como o Armação do Sul, quanto àqueles com cerâmica, como o Itacoara, Balneário das Cabeçadas, Base Aérea e Tapera – dizendo que “apesar de não serem sambaquis, pertencem à cultura sambaquiana. Os homens construtores dos sambaquis, vindo a faltar-lhes as conchas, devido a mudanças ecológicas, dedicavam-se, predominantemente, à pesca e à caça” (ROHR, 1977, p. 89).

E assim complica-se ainda mais nosso quadro do contexto regional de sambaquis: entram em cena os sítios conchíferos com cerâmica. Sítios que Anamaria Beck (2007, p. 39) cogita serem os locais de habitação dos pescadores-caçadores-coletores associados aos sambaquis, onde teriam seus utensílios de cerâmica e, devido à função distinta destes sítios, poderiam em rápida observação ser interpretados como sítios de grupos culturalmente diferentes aos dos sambaquis. Teresa Fossari (2004), por outro lado, considera todos os sítios que apresentam cerâmica com características que se enquadram na classificação pronapiana de “tradição Itararé” – representados pelas ocupações da Tapera, Base Aérea, Caiacanga-Mirim, Rio do Meio, entre outras –, como sítios de grupos pertencentes à família Jê do tronco lingüístico Macro-Jê. Um dos resultados do estudo de Maria Mercedes Okumura (2008, p. 193), no entanto, sugere novas possibilidades, mostrando a partir da análise morfológica craniana que as populações de sítios com cerâmica da Ilha de Santa Catarina possuem afinidades com as de sítios sem cerâmica.

Esta é só uma amostra do quão mais complexo se torna o quadro ao incluirmos nele os sítios conchíferos com cerâmica, e é por isso que este tipo de sítio arqueológico não será abordado aqui com o detalhamento que merece.

Com esta breve explanação é possível perceber que cada caso é um caso, cada sítio tem suas peculiaridades – e os sítios da Armação do Sul e do Pântano do Sul exemplificam isso muito bem –, dificultando o estabelecimento de critérios para definições acerca de o quê é e o quê não é sambaqui. No caso do sítio do Pântano do Sul, seu número diminuto de sepultamentos não corresponde às características que costumam ser atribuídas aos sambaquis – grande presença de conchas, de sepultamentos e ausência de cerâmica. Nele, contudo, foram encontrados exemplares de objetos zoomorfos polidos em pedra – mais conhecidos como zoólitos e comumente associados aos sambaquis – três deles adquiridos por compra e dois encontrados na escavação, mostrando que critérios e modelos existem apenas para facilitar nossa orientação em meio a miríade de sítios arqueológicos existentes, e não para serem levados à risca, impondo limites imaginários.

Antes de finalizar, cabe ainda colocar que neste trabalho receberão maior atenção somente aqueles sítios que foram alvo de pesquisas sistemáticas (Ponta do Lessa, Ponta das Almas, Canto da Lagoa I, Carianos IV, Rio Tavares IV, Armação do Sul, Pântano do Sul I, Praia Grande, Porto do Rio Vermelho I e II, Ponta do Maruim, Armação da Piedade I e Sambaqui da Rua 13). A respeito dos demais sítios – um número de 100 entre sambaquis, sítios conchíferos rasos sem cerâmica e ocorrências não registradas no CNSA/IPHAN – sabe-se muito pouco, o que me impele a apenas mencioná-los, descrevendo sumariamente suas características.

1.2 BREVE HISTÓRICO DAS PESQUISAS

Foram poucas e pontuais as pesquisas sistemáticas realizadas em sambaquis do litoral central do Estado de Santa Catarina. Tendo isso em vista, não poderei me ater aqui às escavações propriamente ditas, fazendo-se igualmente necessário mencionar os levantamentos responsáveis pelo registro dos sambaquis hoje conhecidos, bem como alguns estudos que não possuíam os sambaquis desta porção do litoral como temática principal, porém que os abordaram de alguma forma, mesmo que sucintamente.

Destes estudos que em algum momento abordaram os sambaquis do litoral central, contudo, não serão todos mencionados, do contrário, esta seção não seria um breve histórico

das pesquisas realizadas, mas uma revisão bibliográfica completa. Além disso, mencioná-los todos implicaria numa amostra muito variada de temas que daria origem a muitas novas questões e estas, por sua vez, desorientariam este trabalho de seu objetivo central, que continua sendo uma melhor compreensão dos pescadores-caçadores-coletores que habitaram o litoral central a partir da descontinuidade no padrão dimensional de sambaquis que esta região instaura no contexto catarinense.

As informações que constarão aqui sobre os sítios já pesquisados estarão desprovidas de maiores detalhes. Eles serão tratados como objetos de suas respectivas pesquisas, com informações sobre como se deram as escavações, seus objetivos, o tipo de material encontrado e as conclusões a que os pesquisadores chegaram.

Este breve histórico das pesquisas realizadas em sambaquis do litoral central será feito a partir de uma cronologia definida com base nos anos de atuação dos pesquisadores. Para uma melhor distribuição destes pesquisadores no tempo, me apoiarei – porém com algumas modificações – na periodização para as pesquisas em Arqueologia no Estado de Santa Catarina proposta por Rafael Brandi (2004) em seu trabalho de conclusão de curso que, por sua vez, foi baseada na periodização sugerida por Funari para a Arqueologia no Brasil.

Como não foram encontrados registros de estudos ou de relatos de viajantes sobre os sambaquis do litoral central catarinense que remetesse aos tempos coloniais, este histórico terá início com o advento do império no Brasil, em 1822. Tendo em vista que a carta do dinamarquês Peter Wilhelm Lund sobre a origem artificial dos sambaquis só veio a ser divulgada no Brasil no ano de 1870, talvez fosse mais interessante a escolha desta data como marco inicial – principalmente se para essa escolha fosse levado em consideração o tema deste trabalho – e, assim, o fez Prous (1992, p. 7), ao considerar como “o início da arqueologia brasileira” os anos de 1870 a 1910. Penso, no entanto, que a divulgação da carta de Lund no Brasil está atrelada a um contexto de fomento às pesquisas científicas que teve em acontecimentos bastante recuados, como aqueles dos anos de 1808 e 1822, importantes condicionantes.

1.2.1 Brasil monárquico e algumas expedições (1822-1889)

Em tempos imperiais teve início no Brasil um grande incentivo a pesquisas e expedições científicas que pudessem vir a auxiliar na consolidação do Império e na formação de uma identidade nacional, desenvolvendo-se, principalmente, no âmbito do Museu Nacional

– instituição fundada em 1818 por D. João VI com o nome de “Museu Real” – e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838.

Entre as inúmeras áreas do conhecimento que tiveram suas pesquisas fomentadas, estava a Arqueologia. No caso do Estado de Santa Catarina, a maior parte dos estudos arqueológicos deste período estava relacionada aos sambaquis, sobretudo àqueles de grandes dimensões do litoral norte e sul.

Quanto aos sambaquis do trecho central da costa catarinense, podem ser citados dois estudos que lhes deram uma maior atenção. O primeiro trata-se dos “Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil”, publicado por Carlos Wiener nos Arquivos do Museu Nacional, em 1876. De acordo com Walter Piazza (1966, p. 71), este teria sido o primeiro trabalho sobre sambaquis a ser realizado com financiamento do Museu Nacional, sendo descrito, por este mesmo autor, da seguinte forma:

Êste trabalho pioneiro, inicialmente focaliza a situação topográfica, a forma e as dimensões dos sambaquis, abrangendo “algumas observações sôbre os terrenos em que se acham os sambaquis” e “situação topográfica dos sambaquis relativamente à costa atual e os terrenos adjacentes”, referindo-se, ali, à posição dos sambaquis de Sanhassu, da Armação da Piedade, de Pôrto Belo, do Rio Tavares, do Rio Cachoeira, de Canasvieiras, do Rio Baú e do Luiz Alves, passando, ainda, a classificar quanto à forma e às dimensões, em três categorias: 1) muito extensos e pouco elevados; 2) em forma de colina, irregular, isolada, apoiando-se em montanhas ou rochedos; 3) de forma, mais ou menos regular, “de pão-de-açúcar”. Analisa, em seguida, os materiais de que se compõem a disposição interior (estes classificados em três: 1) com camadas irregulares; 2) com túmulos; e 3) sem divisão interior. E, por fim, breve descrição dos objetos colhidos. Nessa expedição de estudos, realizada em 1875, pela primeira vez, o Museu Nacional, o seu patrocinador, preocupou-se com a questão dos sambaquis (PIAZZA, 1966, p. 70-71).

O outro estudo a ser citado é de Carl von den Steinen, publicado pela Sociedade Antropológica de Berlim em 1887 sob o título “Sambaki – Untersuchungen in der Provinz Sta. Katharina”. Como descreve Piazza, em seu trabalho Steinen

analisa, preliminarmente, a situação, no litoral de Santa Catarina, dos sambaquis, e em seguida, citando aqueles que visitou, como em Laguna: Magalhães, Fidelis (?), Roseta, Cabeçuda, Caputera, Carniça, S. Marta Pequena, Laranjal; no Destêrro (hoje Florianópolis): Estreito – atualmente arrasado – Cristovão (Tijuquinhas) (?) e Armação da Piedade; em Itajaí: Luiz Alves; e, em Joinville, São Francisco: Fettbach (?), Krelling (?), Schrodgers Goldberg (?) e Miranda. Trata dos moluscos neles encontrados, dos esqueletos, bem como registra a versão de “origem diluviana dos sambaquis”, relatada pelo povo (PIAZZA, 1966, p. 68).

Este estudo é fruto de uma expedição realizada pela Comissão Científica Alemã – coordenada por Steinen –, que saiu do Rio de Janeiro rumo ao rio da Prata para, em seguida, acompanhar o caminho fluvial de Buenos Aires até Corumbá. A comissão, entretanto, teve seu caminho interrompido por uma epidemia de cólera-morbo que assolava o Mato Grosso e, com isso, teve que finalizar a viagem em Santa Catarina, onde permaneceu por três meses que foram aproveitados para a visita e o estudo de alguns sambaquis do litoral catarinense (FICKER, 1969, p. 209-212).

1.2.2 A formação da coleção de Carlos Berenhäuser (1900-1949)

Para os tempos republicanos, até o ano de 1949 – quando têm início as primeiras pesquisas sistemáticas – não foram encontrados estudos sobre os sambaquis do litoral central catarinense. Nesse meio tempo, contudo, uma atividade diferente foi levada a cabo pelo gerente de uma casa comercial em Florianópolis que, nas horas vagas, recolhia material arqueológico de sítios da Ilha de Santa Catarina, algumas vezes oferecendo retalhos de tecidos em troca de “preciosidades” arqueológicas

As atividades de colecionismo deste negociante de tecidos, Carlos Berenhäuser, no entanto, foram empreendidas em data desconhecida ou, simplesmente, não mencionada pelos autores que o citam (ROHR, 1950; SCHMITZ, 1959; ROHR, 1960, 1961, 1984; REIS e FOSSARI, 2009). Sabe-se apenas que o Museu do Colégio Catarinense, em Florianópolis, adquiriu sua coleção no ano de 1948 e que, de acordo com texto escrito por João Alfredo Rohr em jornal de 1971, tal coleção fora reunida por Berenhäuser ao longo de “quarenta anos de coleta paciente e apaixonada” (NOTÍCIAS, 1971, p. 21).

Com base nessas informações e voltando 40 anos no tempo a partir da aquisição da coleção em 1948, chegaríamos ao ano de 1908 que, talvez, corresponda aproximadamente ao início das atividades deste colecionador. Apesar de meramente especulativa, esta atribuição do início das atividades de Berenhäuser aos primórdios do século XX é o mais próximo de uma “estimativa” ao qual será possível chegar.

O material arqueológico reunido por Carlos Berenhäuser durante esses 40 anos não é pouco, compondo hoje grande parte da coleção do Museu do Homem do Sambaqui do Colégio Catarinense. Constitui-se de 80 mil fragmentos de cerâmica, em sua maioria associados à cultura Guarani, uma série de recipientes cerâmicos inteiros, crânios e esqueletos

humanos retirados dos sambaquis e milhares de artefatos líticos (8 mil peças), ósseos e feitos em conchas, em grande parte, também, oriundos de sambaquis (NOTÍCIAS, 1971, p. 21).

Morador do Morro das Pedras, no sul da Ilha de Santa Catarina, Berenhäuser recolheu material principalmente de sítios dessa porção da Ilha⁶. Segundo Rohr (1960, p. 9; 1984, p. 113), ele retirou diversos esqueletos do sambaqui Rio Tavares I, bem como cerâmica e material lítico de sítio localizado na Costa da Lagoa – o segundo da Costa da Lagoa por ele mencionado em suas pesquisas paleo-etnográficas (ROHR, 1961) – e muito material do sítio Pântano do Sul I, inclusive, alguns zoólitos (ROHR, 1977).

Carlos Berenhäuser com certeza não foi o único morador de Florianópolis a colecionar material arqueológico, mas possivelmente foi aquele que conseguiu reunir o maior número de peças, além de obter importância pelo fato de sua coleção compor grande parte do acervo do Museu do Homem do Sambaqui.

Tal coleção, contudo, permaneceu por muito tempo – desde a década de 80 – em estado de abandono, sem realização de qualquer higienização ou organização e localizada na “Sala dos Escoteiros” do Colégio Catarinense (NASCIMENTO; BASTOS; OOSTERBEEK, no prelo). Atualmente a reserva técnica onde se encontra a coleção de Berenhäuser está sendo higienizada e reorganizada por Tânia Tomázia do Nascimento, que está estudando o material relativo aos sítios da Ilha de Santa Catarina conhecidos como “acampamentos”, guardado nas dependências do museu, para sua tese de doutorado. Ela nos relata em seu artigo, ainda no prelo, “Museu do Homem do Sambaqui ‘Pe. João Alfredo Rohr, S. J.’: uma coleção lítica revisitada”, as condições precárias em que encontrou o material que está estudando: acomodado em caixas de madeira e sacos plásticos – alguns rasgados devido à ação do tempo –, colocado de forma aleatória nas estantes e, na maioria dos casos, sem etiquetas de identificação, sendo que as poucas etiquetas que restavam estavam sendo devoradas por traças. Frente a esta confusão, que dificultou em muito sua pesquisa no acervo do museu, Nascimento higienizou e reorganizou – dentro dos limites impostos pelo prolongado estado de abandono – as três coleções pétreas que fazem parte da reserva técnica do museu, a coleção arqueológica, a coleção geológica e a coleção de Carlos Berenhäuser. Tal feito em muito facilitará o trabalho de futuros pesquisadores que venham a almejar aventurar-se nas dependências da reserva técnica do Museu do Homem do Sambaqui.

Existe outro nome que aparece na bibliografia consultada (ROHR, 1960, 1961 e 1984), porém, assim como o de Berenhäuser, sempre desacompanhado de maiores

⁶ Informação fornecida oralmente por Pedro Ignácio Schmitz, em conversa com Silvano Silveira da Costa.

informações a respeito de sua época de atuação. Trata-se do Dr. Norton de Oliveira, personagem que além de possuir período de atuação desconhecido, não se sabe quem foi. Neste caso, nem as mais especulativas estimativas podem ser feitas, sendo possível deduzir somente que ele atuou em tempos anteriores às publicações de Rohr que lhe fazem referência, ou seja, antes de 1960. As únicas informações encontradas não passam de breves comentários de Rohr informando que o Dr. Norton de Oliveira teria realizado escavações no sambaqui da Barra da Lagoa I (ROHR, 1961, p. 7; ROHR, 1984, p. 114), e no sambaqui da Praia Grande (ROHR, 1960, p. 17), dos quais teria retirado alguns sepultamentos que foram encaminhados para o Museu Nacional do Rio de Janeiro. E isso é tudo.

1.2.3 As primeiras pesquisas sistemáticas (1949-1964)

Este período corresponde ao “Início da pesquisa universitária (1950-1964)” de Brandi (2004), porém recuado em um ano e, portanto, tendo início em 1949, de forma a adaptar-se melhor ao foco deste trabalho.

A primeira pesquisa envolvendo exclusivamente sambaquis do litoral central – neste caso, da porção norte da Ilha de Santa Catarina – foi realizada pelo curitibano João José Bigarella (1949) e intitulada “Contribuição ao estudo da planície sedimentar da parte norte da Ilha de Santa Catarina”. Antes desta pesquisa, a maioria dos estudos deixava de lado os sambaquis da região em questão, dando mais atenção aos exemplares de grandes dimensões situados no litoral norte e sul ou, então, abordando todos em conjunto.

Neste trabalho, além de fornecer datações para alguns sítios do tipo sambaqui, Bigarella “[...] descreve a paleogeografia associada à ocorrência de sambaquis, agrupando os sambaquis do norte da Ilha de Santa Catarina, de acordo com o ambiente de origem, neste caso lagunar” (COMERLATO, 2007, p. 30). Este trabalho pode ser considerado o primeiro levantamento de sambaquis localizados na porção central do litoral catarinense.

Em publicação do pesquisador João Alfredo Rohr, de 1950, o Pe. Jorge A. Lutterbeck descreveu todo o material feito em pedra polida que compunha a coleção do Colégio Catarinense, a maioria proveniente de sambaquis da Ilha de Santa Catarina e encontrada por Carlos Berenhäuser, o que inclui os doze objetos zoomorfos que compunham tal coleção (ROHR, 1950). Estes objetos de forte apelo estético para as sociedades atuais são cuidadosamente polidos em pedra (zoólitos) ou em osso de baleia, adquirindo forma estilizada de diferentes espécies de animais – principalmente de aves, peixes e mamíferos – e sendo comumente associados aos sambaquis pela literatura arqueológica, apesar de muitos destes

sítios jamais terem apresentado ocorrência deles. Algo curioso e presente em grande parte destes objetos é uma concavidade de profundidade variável, geralmente ventral e, com menor frequência, lateral, para a qual até hoje não se identificou uma função.

No ano de 1960, o imigrante alemão e arqueólogo amador Guilherme Tiburtius, juntamente com a artista plástica curitibana Iris Koehler Bigarella, publicam na revista do Instituto Anchietao de Pesquisas (IAP), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), estudo que consistiu numa catalogação de todos os objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná dos quais na época se tinha notícia. A maior parte dos objetos catalogados foi encontrada nos sambaquis por trabalhadores que os desmontavam para a pavimentação de estradas, produção de adubo ou cal, apesar de alguns terem sido encontrados em escavações sistemáticas. Dos 47 objetos descritos por eles, 12 correspondem à coleção do Colégio Catarinense, já descrita anteriormente por Jorge A. Lutterbeck (ROHR, 1950), porém desta vez catalogada com ilustrações mais detalhadas e com adaptações ao método descritivo que Tiburtius e Bigarella empregaram (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 27).

Em suas “Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina” empreendidas nos anos 1959, 1960 e 1961, publicadas na revista do Instituto Anchietao de Pesquisas em 1960, 1961 e 1962, Rohr levantou e registrou grande número de sítios arqueológicos do tipo sambaqui, entre os quais alguns foram alvo de pequenas escavações. Um deles, denominado “Carianos IV” em obra posterior (ROHR, 1984), localiza-se na extensa planície da região da Ressacada, para onde cinco sambaquis foram registrados. Conforme Rohr (1960, p. 6), este sítio já fora parcialmente desmontado na época da construção da estrada da Base Aérea, ocupando aproximadamente 800 m² e elevando-se pouco acima do solo, apesar de apresentar 1,50 m de espessura de concha. O autor explica que

na primeira visita rápida àquele sambaqui, em meados de 1958, topamos com restos de uma caveira, que aflorava à superfície das conchas e apresentava a abrasão característica dos dentes do homem do sambaqui. No intuito de fazer um estudo comparativo, entre os construtores da jazida de Caiacanga-Mirim e o autêntico homem do sambaqui, fizemos em princípios de 1959, algumas tentativas de escavação neste sambaqui (ROHR, 1960, p. 6-7).

Ironicamente, nenhum vestígio de esqueleto humano foi encontrado durante a escavação deste sítio. Nele assinalou-se somente a presença de material lítico, representado por fragmentos irregulares de rocha dos quais os únicos que apresentaram sinais inequívocos de uso foram alguns quebra-coquinhos (ROHR, 1960, p. 7-8).

Na região do Rio Tavares, curso d'água que nasce a oeste da Ilha de Santa Catarina e tem sua foz na Baía Sul, Rohr (1960, p. 9) identificou um total de cinco sambaquis. Em primeira sondagem rápida na área de aproximadamente 100 m² do sítio posteriormente denominado (ROHR, 1984, p. 113) “Rio Tavares IV”, a 70 cm de profundidade, um crânio humano apareceu, levando Rohr a interromper as pesquisas no sambaqui da Ressacada (Carianos IV) e dar início a escavações sistemáticas neste outro sítio. Numa camada arenosa de cor amarela, dura e compacta foram encontrados nove sepultamentos humanos, ossos esparsos de mamíferos, aves e peixes, algumas conchas isoladas, restos de carvão e muito material lítico (ROHR, 1960, p. 10-16).

Dentre os doze sambaquis que Bigarella (1949) levantou em sua “Contribuição ao estudo da planície sedimentar da parte norte da Ilha de Santa Catarina”, três situam-se na região do Rio Vermelho, como o sambaqui localizado nas dunas, a poucos metros da chamada Praia Grande, ou praia do Moçambique, que posteriormente viria a ser escavado por Rohr (1960; 1962).

O sambaqui da Praia Grande foi escavado pela primeira vez pelo Dr. Norton de Oliveira – que encaminhou alguns materiais para o Museu Nacional do Rio de Janeiro – e, depois, nos anos de 1958, 1959 e 1960, por Rohr (1960; 1962), que o descreve como sendo um sítio bastante extenso, ocupando uma área de mais ou menos 2000 m², além de possuir uma camada de conchas que atinge a espessura de três a quatro metros. Nele foram encontrados vários sepultamentos com os ossos tintos de vermelho, além de grandes vasos de barro vermelho (ocre) não cozidos, artefatos feitos em ossos, conchas e material lítico.

No nordeste da Ilha de Santa Catarina, na área da Lagoa da Conceição, dezesseis sambaquis foram assinalados por Rohr (1961), dos quais três correspondem àqueles levantados por Bigarella (1949) no Rio Vermelho. Nesta área, mais especificamente no Canto da Lagoa, um sítio posteriormente denominado “Canto da Lagoa I” (ROHR, 1984, p. 113) foi alvo de escavação por nele terem aparecido “[...] dois fragmentos de machados líticos de corte perfeito e muito bem alisado. Colhemos daí a impressão de estarmos diante de uma jazida muito rica em material paleo-etnográfico” (ROHR, 1961, p. 10).

Ao final da escavação, o sítio apresentou uma espessura de 30 a 40 cm e nele foram encontrados muitos fragmentos de pedras carbonizadas sem qualquer sinal de uso, alguns machados, um quebra-coquinhos, raros fragmentos de ossos de mamíferos e oito fogões formados por ajuntamentos de pedras grandes e pequenas (ROHR, 1961, p. 11-15).

Para um balanço deste período, é interessante perceber que a maioria dos trabalhos foram publicados na revista do Instituto Anchieta de Pesquisas, de São Leopoldo (RS), já

que o Instituto de Antropologia da UFSC ainda não havia sido criado, o que veio a acontecer somente em 1965. Percebe-se, também, uma predominância de pesquisadores residentes no Paraná, o que evidencia certa influência deste Estado sobre a área de estudo em questão.

1.2.4 Tempos de regime civil-militar (1964-1985)

Marcado pelo golpe civil-militar de 1964, pela implantação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA)⁷, em 1965, e pela criação do Instituto de Antropologia da UFSC – hoje, Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral –, também no ano de 1965, este período diferencia-se em muito do anterior.

O PRONAPA foi resultado de um convênio entre o Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa (CNPq), o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), o *Smithsonian Institution* e o *Ministry of Education and Culture*, dos Estados Unidos. Coordenado pelos arqueólogos Betty Meggers e Clifford Evans, este Programa deveria promover entre os anos de 1965 e 1971 prospecções e testes com o objetivo de elaborar rapidamente um quadro geral das culturas indígenas do Brasil (PROUS, 1992, p. 16).

O grande expoente do PRONAPA no Estado de Santa Catarina foi Walter F. Piazza, professor na Universidade Federal de Santa Catarina – fundada em 1960 – e na Fundação Educacional da Região de Joinville, que até então não havia atuado na área da Arqueologia. Piazza começa a realizar diversas pesquisas arqueológicas pelo Estado, entre elas a escavação do sambaqui da Ponta das Almas, na Lagoa da Conceição, empreendida em 25 dias ao longo dos anos 1962, 1963, 1964 e 1965 (PIAZZA, 1966).

Walter Piazza escolheu este sítio para ser estudado porque desde seu registro por Rohr (1961) até aquele momento ainda não havia sido alvo de pesquisa, além de localizar-se próximo à Universidade Federal de Santa Catarina, para a qual serviria de campo de treinamento destinado aos alunos do curso de História. Durante as escavações – que por motivos diversos nunca chegaram a ser completadas – foi encontrado material lítico, material ósseo de peixes e baleias e quatro sepultamentos humanos, dos quais três eram constituídos por dois esqueletos cada um. Foram também recolhidas e encaminhadas ao laboratório do *Smithsonian Institution* amostras de carvão para a datação das diversas camadas do sítio (PIAZZA, 1966, p. 7-16).

⁷ Mais tarde, em 1973, viria a ser instituída a missão arqueológica franco-brasileira. Seu domínio, contudo, não atingiu o Estado de Santa Catarina com a mesma força que o PRONAPA.

O sambaqui de Ponta das Almas ainda viria a ser escavado em abril de 1966 por Anamaria Beck (2007), com o objetivo de treinar os alunos do curso de História e dar continuidade aos trabalhos iniciados por Piazza (1966). Este segundo período de trabalhos de escavação, no entanto, por falta de verba também não pôde ser concluído, durando apenas quatro dias e resultando na localização de outros quatro sepultamentos, além do recolhimento de pequena quantidade de material lítico (BECK, 2007, p. 127-129).

Uma última tentativa de escavação deste sítio foi possível por meio de convênio com a Indiana University, sob a coordenação de Wesley R. Hurt (1974), em setembro de 1966. Foram escavados, além do sambaqui da Ponta das Almas, mais outros três sambaquis de Santa Catarina, escolhidos com base em sua implantação na paisagem (HURT, 1974, p. 20). Com essas escavações, Hurt buscou estudar o ambiente natural no qual estes sambaquis estavam inseridos, o meio de subsistência dos grupos associados a eles, bem como os fatores que influenciaram tais grupos na escolha do local de assentamento e no seu posterior abandono (HURT, 1974).

Desta vez, os trabalhos de campo foram completados, revelando “elementos importantes, para o entendimento da ocupação humana da área da Lagoa da Conceição e da ilha de Santa Catarina, no período pré-histórico” (BECK, 2007, p. 130).

Os estudos de Anamaria Beck são de muita relevância ao se pensar nas pesquisas realizadas em sambaquis do litoral central catarinense no período do regime civil-militar. Em sua tese de doutorado, defendida em 1972, fez um estudo comparativo sobre “A variação do conteúdo cultural dos sambaquis do litoral de Santa Catarina”, a fim de estabelecer um quadro amplo que facilitasse a identificação e investigação de problemas mais específicos e, ao mesmo tempo, realizar salvamento arqueológico ao priorizar a escavação de sítios que estavam na iminência de desaparecerem sob a expansão dos centros urbanos e balneários (BECK, 2007, p. 17). Para comparar o conteúdo cultural dos diferentes sambaquis, Beck dividiu a faixa litorânea catarinense em litoral norte, litoral sul e litoral central e baseou-se em alguns critérios, decidindo pela comparação dos

[...] restos de alimentos, em três categorias: marinhos, vegetais e fauna terrestre (aves e mamíferos); tecnologia e subsistência, comparando os tipos de instrumentos encontrados em cada sambaqui, a fim de podermos identificar as atividades de subsistência praticadas; costumes funerários considerando que constituem um ótimo indicador quanto às influências que estes grupos possam ter recebido além de ser uma constante, o achado de sepultamentos em sambaqui (BECK, 2007, p. 18).

Ao final de seu trabalho, a autora conclui que existe uma variação cultural nos sambaquis da região por ela estudada, principalmente no que se refere à tecnologia e à obtenção de alimentos, mas também com relação às variações nas práticas mortuárias (BECK, 2007, 59-60), não sendo possível, portanto, considerar os sambaquis do litoral catarinense como um todo homogêneo.

Para chegar a estes resultados, Beck (2007) utilizou dados que já estavam previamente publicados juntamente com dados até então inéditos, obtidos por ela e sua equipe na escavação do sambaqui de Ponta das Almas (Florianópolis), Rio Lessa (Florianópolis), Congonhas (Tubarão), Morro do Ouro (Joinville) e Enseada (São Francisco do Sul). Como os trabalhos realizados no sítio de Ponta das Almas já foram aqui mencionados, é ao sambaqui do Rio Lessa que neste momento será dada atenção.

Este sítio localizado no bairro da Agrônômica, escavado durante um período de 45 dias entre maio e junho de 1969, foi selecionado para ser alvo de pesquisa por estar localizado em área urbana densamente povoada e, por isso, encontrar-se ameaçado de destruição. Além disso, como o sambaqui está situado em ponta dentro da Baía Norte, a maré costuma erodir suas bordas, revelando material arqueológico que gerou interesse de realização de uma escavação (BECK, 2007, p. 181). Com os trabalhos de campo, foram encontrados instrumentos líticos e feitos em ossos, dentes e conchas, material cerâmico (BECK, 1969, p. 156), além de restos de peixes e mamíferos (BECK *et al.*, 1969, p. 155) e restos de ossos humanos com corante vermelho dispersos por todas as camadas, sendo possível identificar somente um sepultamento (ARAÚJO, 1969, p. 175-176).

Apresentando pequenas dimensões, o sítio do Rio Lessa é de pequena espessura, atingindo profundidade máxima de 1,05 m com camadas constituídas de valvas de moluscos – inteiras e fragmentadas – areia, húmus e, raramente, argila, além de terem sido identificadas no perfil lentes formadas por conchas fragmentadas e areia, ou conchas inteiras e húmus (BECK *et al.*, 1969, p. 153-154). Para Beck, o sítio do Rio Lessa, devido a suas dimensões

[...] parece ter sido habitado por um período de tempo, relativamente curto. Ao mesmo tempo, a espessura do depósito arqueológico e sua pequena extensão, contribuem no sentido de aceitarmos a hipótese de que se tratam de remanescentes culturais de um grupo humano reduzido. Se o compararmos aos demais sítios arqueológicos da Ilha de Santa Catarina, podemos observar, então, que suas dimensões correspondem, em média, às dimensões dos demais sítios localizados nessa área, até o presente. Podemos, assim, pensar que a Ilha de Santa Catarina não dispunha de recursos alimentares abundantes, que permitissem a fixação de grupos humanos numerosos, por um período de tempo prolongado. É possível, também, que esses grupos estivessem em constante movimentação dentro da área,

evitando que se esgotassem os recursos naturais ou permitindo que os mesmos se refizessem, nos locais onde estavam situados seus acampamentos (BECK *et al.*, 1969, p. 169).

A problemática relativa às dimensões dos sambaquis será trabalhada somente no próximo capítulo, porém, com estas palavras de Beck fica aqui uma pequena lembrança daquilo que está por vir.

Ainda sobre o sítio do Rio Lessa, cabe colocar que, assim como no caso dos sítios do Pântano do Sul e da Armação do Sul, existem diferentes opiniões quanto à sua classificação como sambaqui ou sítio conchífero raso, uma vez que Beck *et al.* (1969) refere-se a ele como sambaqui, enquanto Prous (1992) prefere classificá-lo como acampamento conchífero.

Voltando a pensar no contexto temporal e espacial em que se deram estas pesquisas do período de ditadura civil-militar, percebe-se nos trabalhos de Anamaria Beck influência de algumas idéias propostas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, apesar de ela nunca ter feito parte dele. Sua preocupação com a variação do conteúdo cultural dos sambaquis, com a esfera material da cultura correspondendo à cultura propriamente dita, por exemplo, vai ao perfeito encontro do objetivo principal do PRONAPA que era de elaborar um quadro geral das culturas indígenas pré-coloniais do Brasil a partir de prospecções arqueológicas. Além disso, embora posteriormente tenha alertado para a insuficiência de dados na definição de fases e horizontes culturais, considerando prematura este tipo de classificação (BECK, 2007, p. 262), Beck caracterizou, à moda pronapiana, cinco fases culturais relacionadas aos sambaquis para o litoral de Santa Catarina (Fase Congonhas, Fase Ponta das Almas, Fase Rio Lessa, Fase Morro do Ouro e Fase Enseada), com base na cultura material por eles apresentada.

Assim como no período das primeiras pesquisas (1940-1964), estudos oriundos da Geologia e Geomorfologia envolvendo sambaquis do litoral central se fazem presentes nestes tempos de regime autoritário, como o trabalho de Gerusa Maria Duarte (1969) sobre “O sambaqui do Rio Lessa (SC.LF.39) e suas relações com o meio natural”, no qual ela faz um estudo sobre o paleoambiente deste sítio arqueológico.

Duarte (1971) também realizou importante levantamento dos sambaquis da Ilha de Santa Catarina, retornando a sítios já registrados por Bigarella, Rohr e Piazza e localizando outros até então desconhecidos. No total, foram elencados 61 sambaquis com informações a respeito de suas dimensões, do material encontrado e de seu estado de preservação. Duarte (1971, p. 36) percebeu que, destes 61 sítios, a maioria se concentra na parte norte e leste da Ilha (Ratones, Jurerê, Vargem Pequena, Vargem do Bom Jesus e Lagoa da Conceição), sendo

que no sul eles estão principalmente junto ao rio Tavares e vão até o Pântano do Sul. A maior parte deles se encontra sobre terreno arenoso de antigos cordões litorâneos, junto à antiga linha d'água, em áreas que hoje são alagadiças, embora quatro estejam localizados sobre material de encosta (Ponta das Canas, Lagoinha, Costa da Lagoa e Cemitério de Pântano do Sul) e outros estejam sobre pontões rochosos rasos como o Rio Lessa, Ponta das Almas e Leca, ou em pontões altos como o da Ponta do Vigia (DUARTE, 1971, p. 37).

O Pe. João Alfredo Rohr, já bastante atuante no primeiro período, continua com alta produção nestes anos. Rafael Brandi (2004, p. 77) calcula para ele um total de 20 trabalhos neste período dominando pelo PRONAPA, contra 17 publicações do representante do Programa Nacional em Santa Catarina, Walter Piazza.

Entre os trabalhos de Rohr realizados neste período, é de relevância para este estudo a escavação do sítio da Armação do Sul, a escavação do sítio do Pântano do Sul (ROHR, 1977) e uma compilação de sítios por ele levantados, publicada em 1984 (ROHR, 1984).

O sítio da Armação do Sul, na ocasião de sua escavação, apresentou milhares de artefatos líticos, pontas de projétil feitas em ossos longos de aves e mamíferos, adornos feitos de conchas perfuradas, restos alimentares de origem vegetal (alguns coquinhos carbonizados) e de origem animal (mamíferos marinhos, aves marinhas, répteis marinhos, peixes, moluscos e alguns mamíferos terrestres), além de 86 sepultamentos, os mais antigos cobertos por pigmento vermelho e acompanhados de adornos e artefatos, e os mais recentes sem pigmento vermelho, sem acompanhamentos e muitos com uma ou duas pontas de projétil sobre o peito (SCHMITZ *et al.*, 1992).

Como já mencionado anteriormente, não há um consenso entre os arqueólogos em torno de uma classificação para o sítio da Armação do Sul. Enquanto Rohr não descarta a possibilidade de se tratar de um sambaqui em fase inicial (NEVES, 1988, p. 45), Schmitz *et al.* (1992, p. 205), como a maioria dos autores, afirma que devido a pouca quantidade de conchas e pequena espessura da camada arqueológica ele não é o que costumeiramente se denomina sambaqui.

No ano de 1975, Rohr (1977) realizou escavações de salvamento no sítio do Pântano do Sul, encontrando um grande número de sepultamentos, ossadas de peixes, aves e mamíferos, conchas decompostas, seixos, artefatos líticos polidos e lascados – zoólitos, inclusive –, artefatos ósseos e fogueiras. O sítio do Pântano do Sul é bastante interessante por configurar-se como sambaqui em uma das extremidades e, por baixo, continuar numa camada de dois metros de espessura até as dunas, formando um sítio raso de sepultamentos (ROHR, 1977, p. 10).

Assim como o sítio da Armação do Sul, o do Pântano do Sul guarda controvérsias a respeito de sua classificação. Rohr (1977, p. 10 e 89), vendo tanto na parte sambaqui quanto na parte sítio raso uma mesma cultura material, chega à conclusão de que o sítio, em toda sua extensão, teria sido ocupado por grupo de uma mesma cultura, no caso, a cultura dos pescadores-caçadores-coletores comumente associados aos sambaquis que, vez por outra, face a períodos de escassez de moluscos, mudariam de regime alimentar, passando a dedicar-se à pesca. Já Schmitz e Bitencourt (1996, p. 120-123) preferem a idéia de que a parte do sítio que Rohr (1977) chama de sambaqui se trate de um depósito de lixo, por ser uma camada compacta de conchas. Pela pouca quantidade de sepultamentos, pelas diferenças quantitativas que verificaram no material das duas partes do sítio e pela ausência de estruturas mais duradouras, para eles, a área escavada não poderia ser uma aldeia permanente, mas resultado de ocupações sucessivas por grupos que alternariam seu local de habitação, fazendo um rodízio com outros sítios registrados nos arredores, que forneceriam recursos iguais ou diferentes.

Em 1984 é publicada nos Anais do Museu de Antropologia da UFSC uma compilação de todos os sítios arqueológicos do Estado de Santa Catarina levantados por Rohr até aquele momento. Rohr (1984) organiza-os por tipos e municípios, descrevendo as características básicas de cada um (dimensões, localização, material encontrado e estado de preservação). Antes disso ele faz breves explanações sobre cada tipo de sítio existente no Estado, falando de sambaquis, estruturas subterrâneas, abrigos sob rocha, cerritos, entre outros. Para a Ilha de Santa Catarina, foram descritos sambaquis, sítios rasos de sepultamentos, cerâmicos Guarani, oficinas líticas e inscrições rupestres, totalizando 50 sítios. Deste número, a maioria caracteriza-se como sambaqui de pequeno porte, parcialmente ou totalmente destruído para a fabricação de cal.

Com este, encerram-se os trabalhos realizados sobre os sambaquis do litoral central nos tempos do regime civil-militar no Brasil. Diferentemente do período anterior, neste apenas um estudo foi publicado na Revista do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP) – o da escavação do sítio da Armação do Sul, por Rohr e Andreatta –, tendo a maior parte dos trabalhos sido publicada nos Anais do Instituto de Antropologia da UFSC. Este foi fundado em 1965 e chamado assim até a década de 70, quando a implantação da Reforma Universitária implicou a transformação do Instituto em Museu, que passou a ter que exercer atividades de extensão e ensino, além das pesquisas que já realizava. Em 1978, o Museu de Antropologia torna-se Museu Universitário e, com isso, passa a ser uma instituição voltada

exclusivamente para a guarda de acervo⁸. Logo, contudo, as pesquisas são retomadas com o projeto sobre “O povoamento pré-histórico na Ilha de Santa Catarina”, coordenado pela arqueóloga Teresa Fossari (1987, 1988a, 1988b, 1989). É esta retomada das pesquisas que será adotada aqui como marco para o início do próximo período.

1.2.5 Nova geração e tendências atuais (1985-2011)

Este novo período é inaugurado pelo projeto “O povoamento pré-histórico na Ilha de Santa Catarina” (FOSSARI, 1987, 1988a, 1988b, 1989), que buscou caracterizar as diferentes ocupações pré-coloniais e suas prováveis inter-relações espaciais e temporais na região da Ilha. Baseado nos levantamentos previamente realizados por outros pesquisadores e em depoimentos orais, “[...] as informações sobre a conservação e tamanho do sítio raramente podem ser confirmadas hoje. Porém, elas proporcionam, no mínimo, um diagnóstico do grau e intensidade da destruição submetida ao nosso patrimônio arqueológico nas últimas décadas” (FOSSARI, 1987, p. 2).

Para o registro dos sítios – tanto daqueles já cadastrados como daqueles inéditos – foram considerados sambaquis aqueles caracterizados pela presença de material conchífero em grande quantidade; acampamentos os sítios com presença de material conchífero, porém, em pequena quantidade; sítios cerâmicos aqueles cuja identificação se dá pela ocorrência de cacos de cerâmica na superfície e uma quase ausência conchas; sítios de oficinas líticas os matacões e fragmentos rochosos que apresentam marcas resultantes de polimento para a fabricação de artefatos líticos; e sinalações rupestres aquelas produzidas na superfície da rocha (FOSSARI, 1987, 1988a, 1988b, 1989). No total, foram registrados 112 sítios arqueológicos, dos quais 56 tratam-se de sambaquis, 8 são acampamentos, 10 são cerâmicos, 23 são oficinas líticas, 10 são sinalações rupestres, 2 são sítios líticos, e os quatro restantes são acampamento pré-cerâmico, “mancha-preta”, sítio pré-cerâmico e abrigo cerâmico.

No ano de 1990, o arqueólogo Marco Aurélio Nadal De Masi apresenta dissertação de mestrado sobre o sítio da Armação do Sul, realizada com base nos dados gerados por Rohr quando o escavou em 1969 e 1974. Nos anos de 1996 a 1998 os sítios Porto do Rio Vermelho I, Porto do Rio Vermelho II e Canto da Lagoa I também foram alvo de pesquisa por De Masi (2001), desta vez com atividades de escavação e para sua tese de doutorado sobre os “Pescadores coletores da costa sul do Brasil”, apresentada em 1999. Ele buscou identificar as

⁸ Disponível em: <http://www.museu.ufsc.br/>. Acesso em: 4 fev. 2011.

categorias de Binford de base residencial e acampamento nestes três sítios. Segundo o modelo de Binford, bases residenciais seriam lugares de execução de atividades múltiplas, como processamento, produção de artefatos e atividades de manutenção, durante um longo período de tempo, o que lhes conferiria alta visibilidade arqueológica. Acampamentos seriam lugares de realização de atividades especializadas e esporádicas, durante um curto espaço de tempo, o que lhes conferiria baixa visibilidade. Ao final de seu trabalho, De Masi conclui que Porto do Rio Vermelho I e Porto do Rio Vermelho II teriam funcionado como bases residenciais, enquanto Canto da Lagoa I teria funcionado como acampamento, considerando a redundância das ocupações, a organização interna da estratigrafia, a diversidade dos artefatos e as estruturas de estocagem.

Com sua pesquisa, De Masi (2001) procurou, também, identificar uma exceção ao modelo geral de Binford que prediz alta mobilidade residencial para caçadores-coletores, uma vez que estes dependem da distribuição dos recursos. De fato, os resultados da pesquisa demonstraram que os caçadores-coletores pré-coloniais da Ilha de Santa Catarina constituem uma exceção dentro deste modelo, percebendo-se para eles baixa mobilidade residencial, sendo a dependência da pesca correlata com assentamentos mais permanentes. A idéia de subsistência baseada na pesca é também um dos resultados desta pesquisa que, a partir da análise de isótopos estáveis de carbono e nitrogênio do colágeno dos ossos humanos e animais, indicou os peixes como recurso principal destas populações pré-coloniais.

Neste período do ano de 1985 ao ano de 2011 aparecem novamente pesquisas de caráter Geológico e Geomorfológico que abordam os sambaquis do litoral central. Neste sentido, é digno de nota o trabalho de conclusão de curso de Fernanda Comerlato “Sambaquis e a reconstituição paleogeográfica da bacia do rio Ratones, Florianópolis, SC”, apresentado no ano de 2007. Em seu estudo, Comerlato (2007) utilizou dados da topografia, da geologia e da posição dos sambaquis da bacia do rio Ratones para elaborar um modelo digital do terreno (MDT). Este modelo, associado aos dados de geologia dos depósitos quaternários, foi utilizado para simular situações com diferentes níveis relativos do mar, já pré-estabelecidos por trabalhos anteriores, e reconstituir a paleogeografia da atual bacia do rio Ratones, a fim de elaborar um quadro geral de como era a paisagem na qual as populações associadas aos sambaquis da área de estudo viveram.

Outro recente trabalho de conclusão de curso é o de Edson Bettanin (2008), que se propôs a levantar os fatores de desgaste dos sítios pré-coloniais da Ilha de Santa Catarina, bem como seus estados de conservação. Para isso, Bettanin revisitou um total de 71 sítios –

destes, 23 são sambaquis – da Ilha, chegando a resultados nada promissores representados no gráfico abaixo:

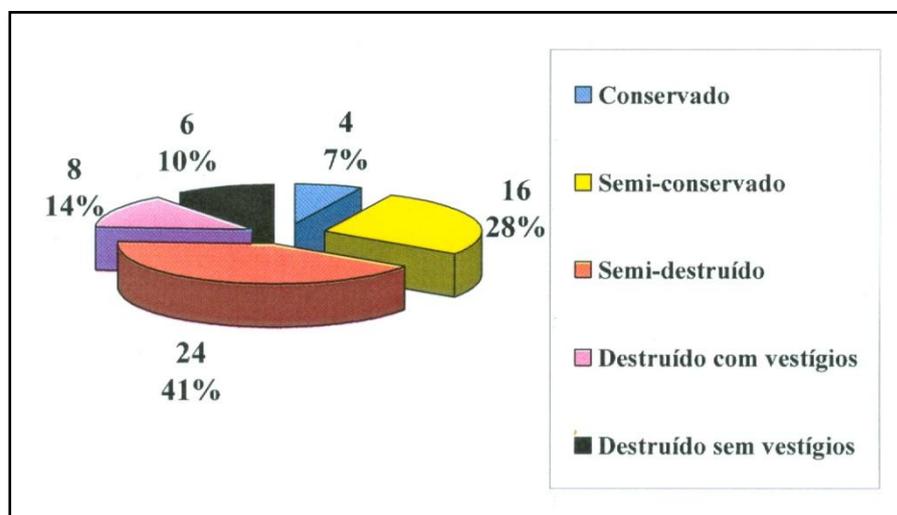


Figura 3: Gráfico do estado de conservação dos sítios arqueológicos pré-coloniais na Ilha de Santa Catarina. Fonte: Bettanin (2008, p. 55).

Com o acentuado desenvolvimento da indústria do turismo, da construção civil, do comércio e serviços, os vestígios deixados pelas populações que habitaram a ilha no passado estão desaparecendo sob estradas, prédios, condomínios residenciais. Entre os fatores antrópicos de destruição, Bettanin (2008, p. 34-53) levantou os seguintes: agricultura; caieiras industriais e extração de conchas para o fabrico particular de calcário; estradas, terraplenagem para construção de estrada sobre o local do sítio arqueológico ou a retirada de material dos sambaquis para compactação do leito de estradas; vandalismo, aventura e desconhecimento; infra-estrutura e empreendimentos turísticos; pontes e canais; casas e loteamentos; e pesquisas arqueológicas. Já os fatores naturais de destruição observados por Bettanin (2008, p. 31-34) foram aqueles relacionados ao intemperismo, como o desmoronamento, as marés, o esfoliamento e o vento.

Para este período ainda temos o surgimento das pesquisas de Arqueologia Preventiva, que possibilitaram o registro de alguns sambaquis inéditos ou ainda não cadastrados. É o caso do levantamento na área de impacto imediato à duplicação da BR-101, no trecho entre Garuva e Palhoça (UFSC, 1996), no qual foram registrados três sambaquis situados na área de estudo deste trabalho, um em Biguaçu (sambaqui de Areias de Baixo) e dois em Porto Belo (sambaquis Perequê I e Perequê II).

Em outro levantamento na área de influência das obras de duplicação da BR-101, desta vez no trecho entre Palhoça a Passo de Torres, Osvaldo Paulino da Silva (1998) e sua

equipe cadastraram um novo sítio para o município de Paulo Lopes, o sambaqui Fazenda da Madre.

Ainda no domínio da Arqueologia Preventiva, alguns sambaquis foram alvo de escavações de resgate. É o caso do sítio Sambaqui da Rua 13 – primeiramente delimitado por Fabiana Comerlato (1999) –, situado no Balneário de Bombas, no município de Bombinhas, pesquisado entre setembro e novembro de 2005, pela equipe da Unidade de Arqueologia do Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas (IPAT), da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Os trabalhos de campo, coordenados por Rodrigo Lavina (2006), revelaram sepultamentos humanos, vestígios de fauna (conchas, ossos de peixe, aves e mamíferos), artefatos líticos, ósseos e conquíferos.

No município de Governador Celso Ramos, na localidade de Armação da Piedade, quatro sambaquis foram pesquisados pela equipe do Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia (GRUPEP), sob a coordenação de Deisi Scunderlick Eloy de Farias (2008). Destes quatro sítios, três – Armação da Piedade I, III e IV – apresentaram-se bastante alterados pela ação das caieiras e um – Armação da Piedade V – foi considerado totalmente destruído, sendo identificada somente sua base. O sambaqui da Armação da Piedade I teve sua base resgatada, enquanto nos de número III, IV e V foram feitos apenas alguns perfis para a caracterização da estratigrafia e coletas de amostras para datação e análise sedimentológica. O material resgatado constituiu-se, em geral, de artefatos líticos e arqueofaunísticos, bem como de vestígios ósseos humanos.

Também no município de Governador Celso Ramos, o GRUPEP-Arqueologia (FARIAS, 2011) realizou atividades de salvamento em sítio arqueológico que foi chamado pela equipe de Governador Celso Ramos 1. O sambaqui apresentou composição estratigráfica totalmente alterada por ação antrópica, o que foi atestado por uma bóia de isopor – utilizada na pesca – encontrada no penúltimo nível estratigráfico do sítio. De acordo com a comunidade local, em tempos idos costumava-se utilizar as conchas dos sambaquis para aterrar estradas e terrenos mais baixos, dando margens para o desenvolvimento de duas hipóteses, ambas consideradas plausíveis pela equipe do GRUPEP-Arqueologia: ou o sítio escavado trata-se de um sambaqui altamente impactado pela urbanização, ou, na verdade, a área escavada não é um sítio arqueológico e, sim, um local onde material proveniente do desmanche de sambaquis era acumulado para ser vendido aos interessados em utilizá-lo no aterro de terrenos baixos ou em outras atividades afins.

Uma última escavação de salvamento a ser mencionada se deu no município de Palhoça pela equipe do Museu Universitário da UFSC (1998), coordenada pela arqueóloga

Teresa Fossari. Tal pesquisa fez parte dos estudos na área de influência das obras de duplicação da rodovia BR-101, no trecho Garuva-Palhoça, e o sítio escavado foi o sambaqui Ponta do Maruim, com atividades de campo realizadas entre novembro de 1997 e abril de 1998. Ao longo da pesquisa, foram evidenciados quatro sepultamentos humanos, material conchífero, ósseo e lítico.

Bem, deixando de lado as pesquisas realizadas no âmbito da Arqueologia Preventiva, percebe-se para o período da “Nova geração e tendências atuais” o término da publicação dos Anais do Museu de Antropologia da UFSC – já desde 1993 chamado de Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral – que tiveram seu último número publicado em 1988. Após o projeto “O povoamento pré-histórico na Ilha de Santa Catarina”, a equipe do Museu Universitário não realizou mais pesquisas envolvendo os sambaquis do litoral central catarinense. Está em processo desde o ano de 1996 o projeto “Gerenciamento dos sítios arqueológicos do empreendimento Jurerê Internacional”, coordenado por Teresa Fossari, no qual seriam pesquisados quatro sambaquis do bairro de Jurerê, porém, por falta de verba, as intenções permanecem no papel.

É de se destacar, ainda, que os últimos trabalhos de escavação sistemática realizados em sambaquis da área de estudo foram aqueles empreendidos por Marco Aurélio Nadal de Masi (2001) para sua tese de doutorado, nos sítios Porto do Rio Vermelho I, Porto do Rio Vermelho II e Canto da Lagoa I, que se deram na década de 1990.

CAPÍTULO 2

A descontinuidade no padrão dimensional dos sambaquis do litoral central

Até o momento nenhum trabalho teve como foco principal a questão da descontinuidade no padrão dimensional dos sambaquis do litoral central catarinense, situado entre duas porções litorâneas, ao norte e ao sul, bastante conhecidas por seus sambaquis de grandes dimensões. É verdade que esta característica peculiar do contexto de sambaquis do litoral central já foi por muitos constatada, mas às constatações nunca seguem maiores explicações.

Anamaria Beck (2007) fez um estudo comparativo entre os sambaquis dessas porções do litoral em sua tese de doutorado, contudo, atentando unicamente para a variação do conteúdo cultural. A menor dimensão dos sítios do litoral central foi uma das variações constatadas por Beck, porém brevemente comentada e atribuída a uma suposta escassez de moluscos nessa porção do litoral, como veremos logo mais.

A dimensão de alguns sítios arqueológicos do litoral central foi levada em consideração no trabalho de Marco Aurélio Nadal de Masi (2001) sobre os “Pescadores coletores da costa sul do Brasil”, porém, a partir de uma problemática bastante diversa daquela que sugiro aqui. De Masi, entre outras coisas, buscou identificar as categorias de Binford de base residencial e acampamento em três sítios da Ilha de Santa Catarina: Porto do

Rio Vermelho I, Porto do Rio Vermelho II e Canto da Lagoa I. Segundo o modelo de Binford, bases residenciais seriam lugares de execução de atividades múltiplas, como processamento, produção de artefatos e atividades de manutenção, durante um longo período de tempo, o que lhes conferiria alta visibilidade arqueológica. Acampamentos seriam lugares de realização de atividades especializadas e esporádicas, durante um curto espaço de tempo, o que lhes conferiria baixa visibilidade. Ao final de seu trabalho, De Masi conclui que Porto do Rio Vermelho I e Porto do Rio Vermelho II teriam funcionado como bases residenciais, enquanto Costa da Lagoa I teria funcionado como acampamento, considerando a redundância das ocupações, a organização interna da estratigrafia, a diversidade dos artefatos e as estruturas de estocagem.

Madu Gaspar (2004, p. 60), ao estudar os sambaquis da Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, percebeu que lá existem duas categorias de sítios, os grandes, com cerca de 6 m de espessura, e os pequenos, que não ultrapassam 2 m, sendo o número de sítios menores muito mais significativo que o número de sítios maiores, e havendo sempre ambas as categorias dentro dos diferentes agrupamentos. Para Gaspar, a diferença de tamanho dos sítios deve-se ou ao tempo de duração do assentamento ou ao número de pessoas envolvidas em sua formação. Ela acredita que pertencer a um grupo maior poderia ser motivo de prestígio, o que sugeriria uma hierarquia entre sítios, com alguns sambaquis maiores e mais importantes do que outros. O trabalho de Gaspar, contudo, além de possuir área de estudo bastante diferente e distante da abordada aqui, foi empreendido numa escala local, com análise e comparação entre sítios de uma mesma micro-região, ao passo que a idéia aqui proposta é de uma análise de escala regional, com comparações entre os contextos de sambaquis de três micro-regiões que compõem o litoral catarinense. Um estudo da relação entre os sítios maiores e menores do litoral central também seria um tanto quanto interessante, porém deveras complicado de ser realizado face à escassez de dados sobre os sambaquis desta porção do litoral.

Outro estudo que deu atenção à questão da variação nas dimensões de sítios, porém com o litoral sul catarinense como área de enfoque, é a dissertação de mestrado de Sílvia Alves Peixoto (2008). Embora a área de estudo de Peixoto seja dominada por numerosos sambaquis de grandes dimensões, ela escolheu como alvo para suas investigações aqueles de menor representatividade numérica e dimensional (até 6 m de altura), tentando entender qual era a relação entre os pequenos e grandes sambaquis, todos situados num mesmo horizonte espacial e cronológico. O contexto com que Peixoto trabalha, entretanto, é bastante diferente do contexto de sambaquis do litoral central, onde pequenas dimensões são a regra e sítios com

mais de 6 m de altura são exceção. Além disso, os pequenos sambaquis do litoral sul são bastante peculiares quanto a sua estratigrafia e cultura material, exibindo

um extenso pacote arenoso, que pode ou não ser resultado de uma deposição antrópica (em Encantada III parece ser), fato que ainda precisa ser verificado, coberto grosso modo por uma delgada camada de material composta majoritariamente por conchas. Essa camada que recobre o pacote arenoso parece, por seu caráter, ter sido depositada em um curto espaço de tempo, provavelmente resultado de poucos eventos.

É interessante o fato de que se encontram nesses sítios pouquíssimas evidências de fauna (em alguns sítios, uma sondagem de 1 x 0,50 metros de extensão forneceu apenas dois otólitos), em meio a uma grande quantidade de conchas (PEIXOTO, 2008, p. 121-122).

A isso, acrescenta-se que em nenhum dos sítios estudados por Peixoto foram encontrados sepultamentos humanos, sendo que estes ocorrem com frequência nos sambaquis da porção central do litoral. Em face desta grande diferença contextual, não é possível estabelecer relações imediatas entre a pesquisa realizada por Peixoto e a problemática que neste trabalho me proponho a investigar.

Um último estudo a ser citado está, de acordo com informe no boletim eletrônico diário da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP)⁹, sendo desenvolvido neste momento pelo Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em parceria com o grupo de paleopatologia e paleoparasitologia da ENSP. O projeto possui o título “Sambaquis médios, grandes e monumentais: estudo sobre dimensões de sítios arqueológicos e seus significados sociais”, que parte da inevitável comparação entre o padrão dimensional dos sambaquis do litoral do Rio de Janeiro – em sua maioria, de pequeno porte – com os sambaquis do litoral norte e sul catarinense – considerados os maiores do mundo. Tal projeto está ainda em fase inicial e muito terá a acrescentar na busca por uma melhor compreensão dos grupos de pescadores-caçadores-coletores que no passado habitaram a costa brasileira.

De volta à realidade do litoral central catarinense, este capítulo será composto por dois momentos. No primeiro deles serão apresentadas as explicações propostas por Anamaria Beck (2007), André Prous (1992), Rossano Lopes Bastos (1994) e Walter Neves (1988) para a descontinuidade no padrão dimensional dos sambaquis dessa região que, cabe destacar, além de terem sido as únicas explicações encontradas na literatura pertinente, não estavam entre os objetivos de estudo dos autores, sendo lançadas de forma oportunista e brevemente mencionadas, sem uma investigação aprofundada ou maiores pretensões de elucidação da

⁹ Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/materia/index.php?matid=23389>. Acesso em: 15 dez. 2010.

questão. No segundo momento, serão elencadas novas hipóteses para a questão, num exercício de eliminação de possibilidades.

2.1 EXPLICAÇÕES JÁ DANTES PROPOSTAS

2.1.1 Beck, Prous, Bastos e a menor disponibilidade de moluscos

Ao falar sobre as diferenças na tecnologia e subsistência dos grupos pré-coloniais associados aos sambaquis do litoral catarinense, Anamaria Beck (2007, p. 266) defende que tais diferenças seriam fruto de reações adaptativas à disponibilidade de recursos marinhos e outros existentes ao longo do litoral. De forma a complementar a idéia, Beck escreve que

[...] se considerarmos as disponibilidades ambientais existentes nas três áreas do Litoral de Santa Catarina podemos sentir algumas diferenças relativas aos recursos disponíveis. Fato que pode ser observado, por exemplo, nas dimensões dos sítios. Os Sambaquis existentes no Litoral Sul e no Litoral Norte são de grandes dimensões em um período, enquanto que no Litoral Central, e mais especificamente, na Ilha de Santa Catarina, são de pequenas dimensões, de pouca espessura. Isto poderia significar que os recursos disponíveis existentes no Litoral Sul, no Litoral Norte e no Litoral Central, eram os mesmos quanto à qualidade, porém variavam quanto a quantidade, o que obrigaria os grupos que percorriam a Ilha de Santa Catarina ou a permanecerem um tempo menor na área, ou a reduzirem o tamanho do grupo, dividindo-se em vários segmentos (BECK, 2007, p. 267).

Uma suposta escassez de recursos alimentares – e quando Beck se refere a “recursos alimentares” no trecho citado está falando de “moluscos” –, portanto, teria levado os grupos pré-coloniais em questão a permanecerem por menos tempo na área dos sítios ou, então, a reduzirem o número de pessoas em cada local, ocasionando sambaquis de menores dimensões.

Esta explicação para a descontinuidade no padrão dimensional pautada na escassez de moluscos é compartilhada por André Prous (1992) que, esboçando uma classificação para os sambaquis situados desde São Paulo até o Rio Grande do Sul e ao descrever aquilo que ele chama de “Subdivisão 3: ilha de Santa Catarina - Imbituba”, comenta que

outra característica, já notada pelos arqueólogos que trabalham nos sambaquis insulares, são suas dimensões modestas: raramente ultrapassam dois metros de altura, talvez porque os recursos em moluscos locais fossem mais limitados do que no continente. Tal hipótese explicaria também por que a pesca tornou-se fundamental na economia dos homens pré-históricos mais

cedo lá do que em terra firme, antecipando o desenvolvimento dos “acampamentos” [...] (PROUS, 1992, p. 261).

Rossano Lopes Bastos (1994), em sua dissertação de mestrado – na qual foi orientado por Anamaria Beck e Gersa Duarte – demonstra ter opinião semelhante a dos autores já mencionados ao dizer que

as grandes dimensões dos sítios da antiga Ilha de São Francisco do Sul, localizada ao Norte do Estado de Santa Catarina, pode-se observar que as dimensões modestas dos sítios arqueológicos da Ilha de Santa Catarina, é uma característica da maioria dos sítios insulares no Brasil Meridional. Apesar de algumas exceções de ilhas, esta constatação reforça a hipótese do esgotamento dos recursos insulares e que, a constante movimentação dos grupos tinha como objetivo a procura de outros sítios piscosos e a regeneração do sítio abandonado (BASTOS, 1994, p. 115).

A perspectiva teórica que rege estes pensamentos de Beck (2007), Prous (1992) e Bastos (1994) é a mesma que dá embasamento à interpretação ainda muito comum nos dias atuais de que, ao longo de milhares de anos, o aumento populacional teria resultado na diminuição dos bancos de moluscos e esta, por sua vez, teria posteriormente levado a uma especialização na pesca, que com o tempo cessaria as atividades de acumulação de valvas de moluscos e os sambaquis deixariam de ser formados. É a perspectiva do determinismo ambiental, na qual fatores ecológicos são responsáveis pela aquisição de determinadas características culturais e sociais por populações humanas¹⁰. As condições ambientais sempre devem ser levadas em consideração, no entanto, explicações alicerçadas somente por elas dificilmente se sustentarão. Há uma diferença sutil, porém, fundamental, entre os termos “condicionar” e “determinar”, sendo sempre preferível entender as características ambientais como “condicionantes”.

De acordo com Trigger (2004, p. 283), Julian Steward – expoente do neo-evolucionismo na década de 1950, juntamente com Leslie White – foi um dos pioneiros em relacionar desenvolvimento cultural e adaptação ecológica, percebendo nele regularidades significativas que se devem à determinação de limites de variação nos sistemas culturais, ocasionados pelo meio ambiente. Steward, a partir de estudos comparativos, buscou determinar “[...] as diferentes maneiras como as culturas se desenvolveram em ambientes

¹⁰ Relacionar as menores dimensões dos sambaquis do litoral central a uma menor disponibilidade de moluscos não qualifica, necessariamente, determinismo ambiental. Fazer esta atribuição de forma direta, no entanto, como fazem Beck (2007), Prous (1992) e Bastos (1994), sem levar em consideração outros fatores da vivência de mundo desses seres humanos, torna a idéia de escassez de moluscos passível de tal qualificação.

naturais distintos, acreditando que elas assumem a mesma forma e seguem trajetórias de desenvolvimento similares em cenários naturais semelhantes” (TRIGGER, 2004, p. 283).

As idéias propostas por Steward, assim como aquelas propostas por White, por serem acessíveis ao estudo arqueológico e por estarem os arqueólogos menos inclinados que os etnólogos a criticar as deficiências da teoria neo-evolucionista, tendo em vista a carência de informação sobre crenças e comportamento a qual tinham acesso, foram adaptadas à ciência arqueológica (TRIGGER, 2004, p. 285). Uma das primeiras pessoas a realizar esta adaptação foi Betty Meggers, entendendo cultura como fruto do ambiente e da tecnologia e, portanto, aceitando que ao se atingir a reconstrução da tecnologia e do ambiente de uma cultura fosse possível, também, atingir as características básicas do resto dessa cultura (TRIGGER, 2004, p. 285).

Para Trigger (2004, p. 317-318), Lewis Binford e sua Nova Arqueologia da década de 1960 carregaram resquícios de várias formas de determinismo ecológico – e, também, de determinismo demográfico – que situam “os principais fatores responsáveis por promover mudanças fora do sistema cultural e tratam os seres humanos como vítimas passivas de forças quase sempre além de sua compreensão e controle” (TRIGGER, 2004, p. 318).

No contexto brasileiro, Cristiana Barreto (2006, p. 3) atribui a Steward o lançamento de tal perspectiva, ao rotular a populações amazônicas como “tipo cultural de selva tropical”. Desde a década de 1950, este modelo conduziu os arqueólogos que trabalharam na região amazônica, como Betty Meggers e Clifford Evans, a interpretar sinais de sociedades mais complexas como intrusões das terras altas, focando-se em estudos de meio ambiente e de difusão cultural (BARRETO, 2006, p. 4).

Aliás, com base nisso é possível afirmar que o PRONAPA, nas figuras de Meggers e Evans – e, depois, na de tantos outros pesquisadores que levaram suas idéias adiante – foi o mais importante fomentador do determinismo ambiental no Brasil e de sua propagação pelos quatro cantos do país.

A partir de década de 1950, não apenas as questões culturais da região amazônica passaram a ser explicadas a partir das condições ecológicas, mas as de outras regiões do Brasil também passaram a ser entendidas sob esta lógica (BARRETO, 2006, p. 3). A perspectiva determinista ambiental foi estendida a contextos diferentes, como o de sambaquis, como pode ser percebido pela interpretação – mencionada alguns parágrafos acima –, de que os grupos associados aos sambaquis teriam se especializado na pesca devido à diminuição dos bancos de moluscos, interpretação esta que é apontada por Barreto como um exemplo típico de como se deu a proliferação do modelo (BARRETO, 2006, p. 9).

É importante colocar que esta idéia de que a diminuição dos bancos de moluscos teria levado à especialização na pesca, inclusive, vai contra estudos recentes a respeito da subsistência dos grupos pré-coloniais associados aos sambaquis, e o mesmo pode ser dito com relação à interpretação proposta por Beck (2007), Prous (1992) e Bastos (1994). São estudos que a partir de cálculos do Número de Peças Identificadas (NPI) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI) estimaram a proporção de massa comestível entre restos de peixes e moluscos presentes nos sítios, mostrando que os pescados correspondem à maior parte da massa comestível estimada (BANDEIRA, 1992, p. 94-95; FIGUTI, 1998, p. 58). Seguindo por caminho diferente, um estudo do uso de recursos a partir de isótopos estáveis de carbono e nitrogênio do colágeno dos ossos humanos e animais, chegou a resultados semelhantes, indicando uma dieta essencialmente marinha, baseada principalmente em peixe (DE MASI, 2001, p. 120). Algumas pesquisas (WESOLOWSKI, 2007) sugerem, inclusive, o consumo de vegetais ricos em carboidratos pelos grupos associados aos sambaquis, mostrando que a questão em torno da subsistência destes pescadores-caçadores-coletores está ainda longe de ser resolvida.

Assim sendo, a despeito da grande quantidade de valvas de moluscos que caracteriza a estratigrafia dos sambaquis, os grupos humanos a eles associados tinham provavelmente nos peixes sua principal fonte de alimento, sendo os moluscos provavelmente utilizados como iscas e consumidos em quantidade irrisória – “se consumidos”, acrescenta De Masi (2001, p. 120). Há, ainda, estudo feito no sambaqui Jabuticabeira II, situado no município de Jaguaruna, que sugere serem resultantes de festins funerários os vestígios faunísticos nele encontrados (KLOKLER, 2008). Estes seriam, então, consumidos esporadicamente, em ocasiões especiais de caráter ritualístico, permanecendo desconhecido o meio de subsistência diário do(s) grupo(s) responsáveis por sua formação.

As explicações propostas por Beck (2007), Prous (1992) e Bastos (1994) são anteriores – ou contemporâneas – às pesquisas mencionadas e, portanto, partilhavam da idéia muito em voga na época de que os moluscos correspondiam à principal fonte de alimento dos, então, considerados apenas caçadores e coletores. Esta idéia limitava as possibilidades de interpretação, uma vez que induzia ao entendimento dos sambaquis como sítios resultantes do acúmulo de restos de alimento, estimulando-os a relacionar as menores dimensões com uma menor disponibilidade de recursos, da seguinte forma: moluscos como principal fonte de subsistência resultam em sambaquis, considerados depósitos intencionais dos restos da alimentação diária desses grupos; se sambaquis são restos de alimentos, e se no litoral central estes sítios apresentam menores dimensões, isso quer dizer que nessa região os grupos

humanos estavam “comendo” menos. E por que estariam eles “comendo” menos? Porque havia menor disponibilidade de recursos. Grandes sambaquis resultam do acúmulo de grande quantidade de restos de alimento e, assim, de grande quantidade de moluscos consumidos/disponíveis; pequenos sambaquis resultam do acúmulo de pequena quantidade de restos de alimento, logo, de pequena quantidade de moluscos consumidos/disponíveis. Ao ser constatado que a alimentação dos grupos pescadores-caçadores-coletores não era baseada em moluscos, a linha de raciocínio dos autores perde seu principal alicerce.

Finalizando os comentários sobre o determinismo ambiental, cabe aqui menção àquilo que Madu Gaspar coloca ao falar sobre os sambaquis da costa brasileira em geral, chamando atenção para o caráter cultural da acumulação de valvas de moluscos que resultou nos sambaquis.

Não aceito a explicação corrente de que tais sítios sejam resultado da maior oferta de fauna marinha que caracterizou algumas regiões nos últimos 10 mil anos. Considero que essas condições ambientais propiciaram o desenvolvimento de sociedades que se apoiavam na exploração de recursos aquáticos, mas a maior oferta desses recursos não explica o hábito cultural de acumular restos faunísticos. Trata-se de intenso trabalho social que, em algumas regiões, resultou na construção de verdadeiras montanhas (GASPAR, 2004, p. 38).

Bem, além de sugerir uma interpretação determinista para contexto de sambaquis do litoral central, baseada na idéia de menor disponibilidade de moluscos, Beck (2007), Prous (1992) e Bastos (1994) não tentam elencar elementos que pudessem confirmar esta suposta menor disponibilidade, o que enfraquece a explicação por eles proposta. Numa pequena busca por tais elementos favoráveis à suposição de uma escassez de moluscos no litoral central, feita em trabalhos da área da Arqueologia, Biologia, Aquicultura e Geografia, também não foi possível encontrá-los. Pelo contrário, acabei por deparar-me com dados que vão de encontro a esta suposição, como as informações existentes sobre as dimensões de alguns sambaquis da Ilha de Santa Catarina e os resultados de estudos recentes realizados no âmbito da Geomorfologia.

Embora raros e hoje não mais apresentando suas dimensões originais, sambaquis de maior porte são descritos na literatura arqueológica mais antiga sobre o litoral central. Carlos Wiener (1876, p. 8 *apud* DUARTE, 1971, p. 33) atribui uma altura de 6 a 11 m ao sambaqui que, segundo Duarte (1971, p. 34), corresponde àquele da Freguesia do Rio Tavares, denominado “Rio Tavares III” no CNSA/IPHAN. Da mesma forma, Bigarella (1949) atribui

uma espessura de 10 a 15 m para o sambaqui da Ponta das Canas I, de mais de 10 m para o sambaqui da Lagoinha de Ponta das Canas I e de 7 m para o sambaqui da Praia Grande.

As dimensões dos sítios citados, se entendidas dentro do contexto geral catarinense, não são das mais elevadas, no entanto, podem ser tomadas como ponto de partida ao serem questionadas as idéias em torno de uma suposta escassez de moluscos. Afinal, imagina-se que numa localidade que apresenta quatro sambaquis da ordem dos 10 m de altura não haja tal problema de escassez.

Frente a estes dados, poderia ser levantada a possibilidade de estes sambaquis maiores serem resultado de sucessivas ocupações por grupos pré-coloniais que permaneciam por menos tempo em cada localidade tendo em vista a sempre iminente falta de alimento. Quanto a isso é interessante lembrar que De Masi (2001, p. 93), a partir da análise dos isótopos estáveis de oxigênio das conchas dos sambaquis Porto do Rio Vermelho I e II, constatou que a utilização destes sítios se deu de forma contínua, ao longo das estações úmidas (dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril e maio) e secas (junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro). Os resultados alcançados por De Masi para os sítios Porto do Rio Vermelho I e II desestimulam a criação de explicações para o contexto de sambaquis do litoral central baseadas na idéia de ocupações curtas e sucessivas.

A ocorrência de – poucos, mas existentes – sambaquis com 10-15 m de espessura coloca em dúvida a idéia de escassez de moluscos proposta por Beck (2007), Prous (1992) e Bastos (1994), contudo, não se faz suficiente na problematização da questão. São pesquisas na área da Geomorfologia que vêm a auxiliar na desconstrução desta idéia.

Sabe-se que um bom número de moradores da área de estudo deste trabalho têm na produção e coleta de moluscos seu sustento, sendo a região da grande Florianópolis – correspondente aos municípios banhados pelas baías norte e sul – responsável por mais de 90% da produção de ostras e mexilhões (EPAGRI, 2009). Dados como este sugerem um meio ambiente adequado que fornece excelentes condições para a proliferação da fauna malacológica. Cabe, entretanto, questionar: estas excelentes condições existiam em tempos pré-coloniais?

Estudos de evolução paleogeográfica como o de Gerusa Duarte (1981), Francisco Caruso Jr. (1987, 1993 *apud* DE MASI, 2001, p. 54), Janete Abreu de Castilhos (1995) e Fernanda Comerlato (2008) atestam que, pelo menos na Ilha de Santa Catarina, o quadro paleoambiental em que viveram os grupos humanos associados aos sambaquis era de baías e lagunas. Este tipo de sistema costeiro costuma ser biologicamente muito ativo, favorecendo o estabelecimento da vida marinha e, portanto, a proliferação de moluscos.

O trabalho de estratigrafia e evolução do Quaternário de Duarte (1981) indica este quadro paleoambiental para o plano costeiro norte da Ilha de Santa Catarina, nas áreas de Jurerê, Ratoles, Canasvieiras e Ponta das Canas (bacia do rio Ratoles). Para a porção sul da Ilha, são encontradas informações paleoambientais em Castilhos (1995), que aborda a evolução e morfologia da planície costeira da praia da Armação.

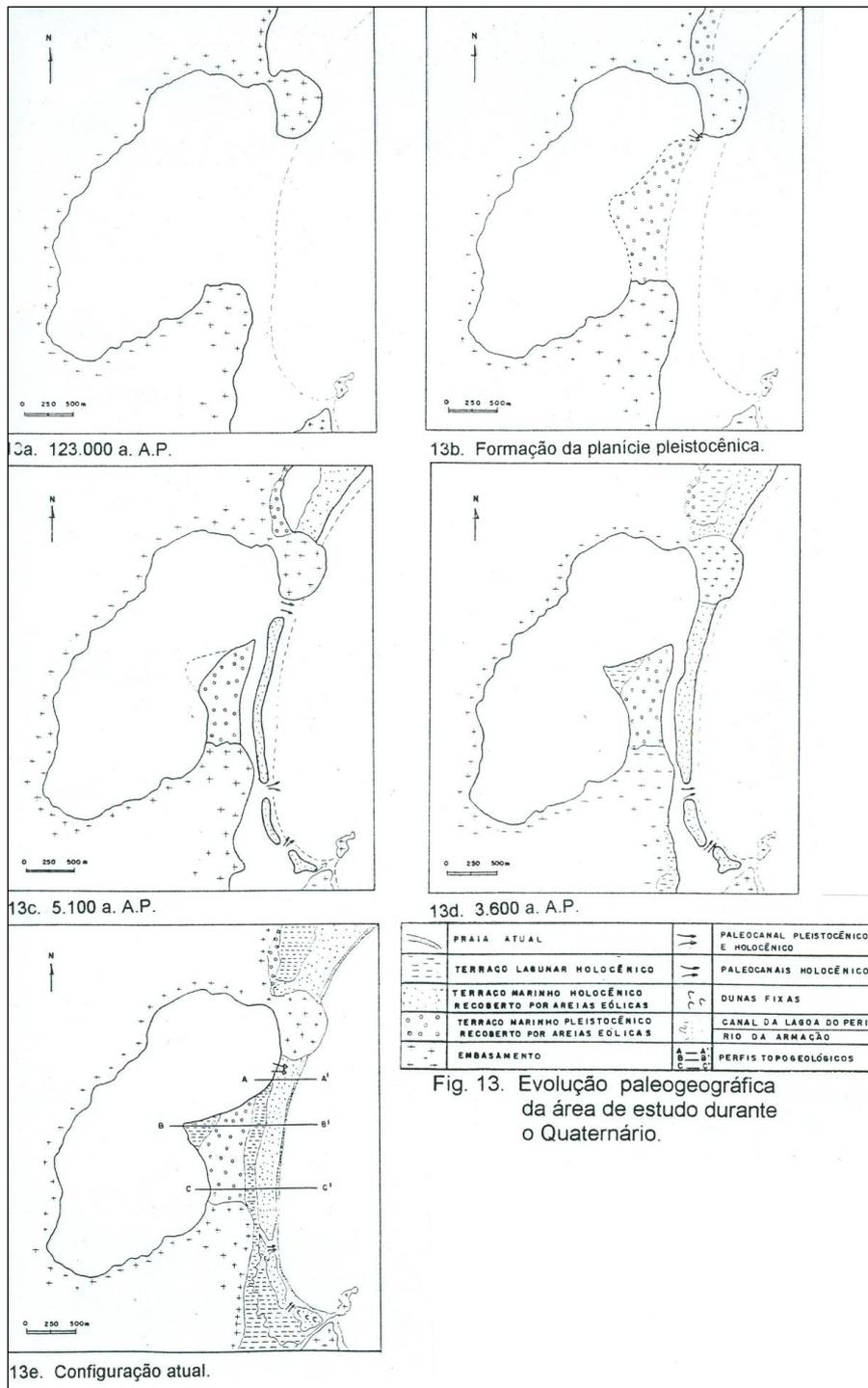


Fig. 13. Evolução paleogeográfica da área de estudo durante o Quaternário.

Figura 4: Evolução paleogeográfica da planície costeira da praia da Armação, juntamente com a lagoa do Peri, que lhe é adjacente. Fonte: Castilhos (1995, p. 60).

Caruso Jr. propõe um quadro de evolução paleogeográfica para a região da laguna da Conceição – vulgarmente chamada de “lagoa” – que vai de baía protegida à laguna atual, o qual é descrito por De Masi (2001, p. 54) da seguinte forma:

a geomorfologia da lagoa evoluiu, apresentando configurações diferentes da atual (Caruso, 1987, 1993). As oscilações do nível do mar foram o fator principal que remodelou esta característica litoral. De acordo com Caruso (1987), uma primeira barreira de areia foi formada por 5.100 A.P. e a segunda barreira de areia de formou por 3.600 A.P. Naquele momento, a laguna era formada por dois corpos de água separados por ilhas de barreira e foi conectada ao oceano por três canais, dois no subsistema norte e um no sul. Aproximadamente em 2.500 A.P., o nível de mar novamente subiu e os dois corpos de água ficaram novamente cheios com águas do oceano. Depois deste evento, a laguna evoluiu lentamente para a sua configuração atual, tendo a deposição de sedimentos como o processo geológico principal. Tal processo sedimentar lentamente fechou os dois canais do subsistema norte, e o segundo corpo de água localizado na área oriental da atual lagoa. Hoje, só um canal permanece aberto conectando a lagoa ao oceano.

Destes estudos de evolução paleogeográfica, talvez o mais interessante do ponto de vista da Arqueologia seja o de Fernanda Comerlato (2007), que utilizou dados da topografia, da geologia e da posição dos sambaquis da bacia do rio Ratonés para elaborar um modelo digital do terreno (MDT). Este modelo, associado aos dados de geologia dos depósitos quaternários, foi utilizado para simular situações com diferentes níveis relativos do mar, já pré-estabelecidos por trabalhos anteriores, e reconstituir a paleogeografia da atual bacia do rio Ratonés, a fim de elaborar um quadro geral de como era a paisagem na qual as populações associadas aos sambaquis da área de estudo viveram.

Os grupos pré-coloniais relacionados aos 17 sambaquis espalhados na área da bacia do rio Ratonés estiveram lá entre, aproximadamente, 3.800 A.P. e 1.000 A.P., sendo que neste período o nível relativo do mar esteve 3,5 metros acima do atual caindo até abaixo do nível zero (COMERLATO, 2007). A transgressão holocênica gerou uma paleobaía e, posteriormente, uma grande paleolaguna, conforme os seguintes modelos digitais do terreno da bacia do rio Ratonés – onde os pontos numerados correspondem à posição dos sambaquis, em azul estão as áreas submersas e em verde/vermelho as áreas emersas – e modelos digitais com superposição de mapa geológico.

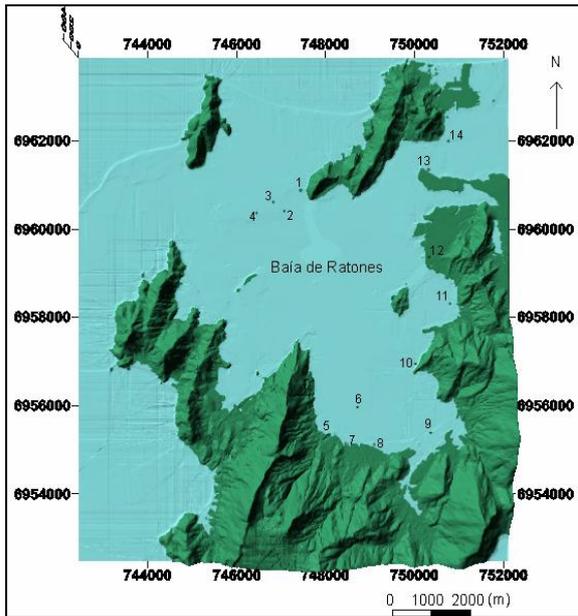


Figura 5: A baía do rio Ratones, por volta de 5.100 anos A.P., com NRM a 3,5 metros acima do atual. Fonte: Comerlato (2007, p. 69).

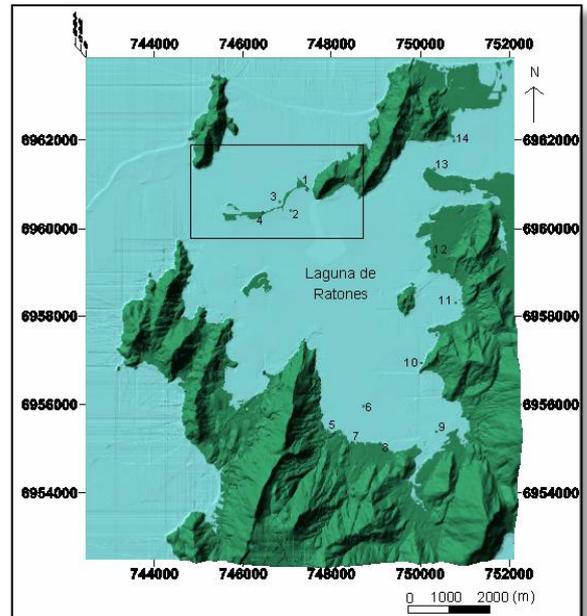


Figura 6: A laguna do rio Ratones, por volta de 3.600 anos A.P., com NRM a 3 metros acima do atual. Fonte: Comerlato (2007, p. 71).

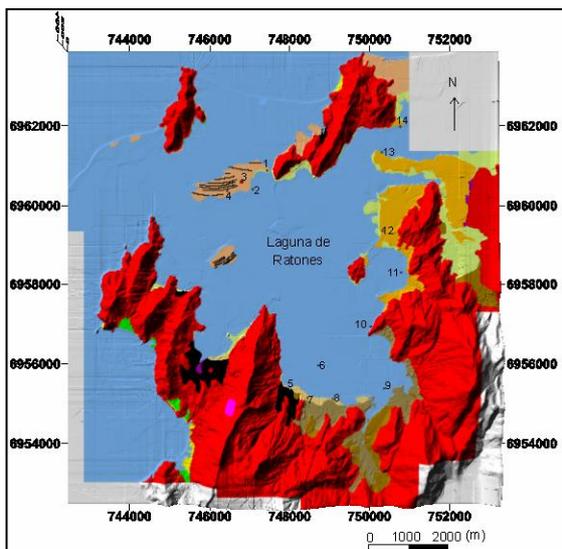


Figura 7: A laguna do rio Ratones por volta de 2.500 anos A.P., com NRM a 2,5 metros acima do atual. Fonte: Comerlato, (2007, p. 74).

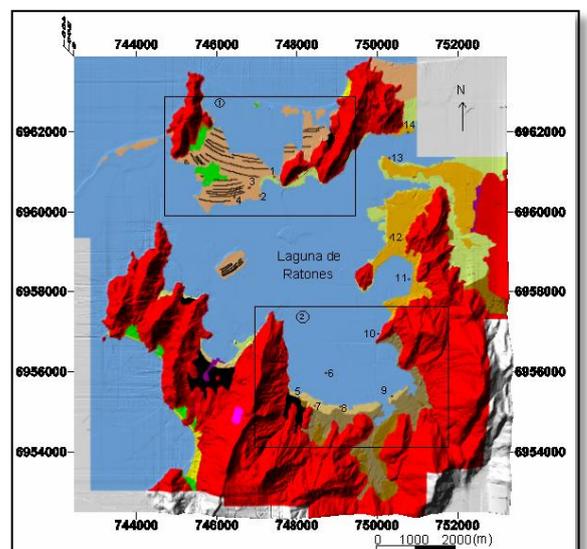


Figura 8: A laguna do rio Ratones por volta de 2.500 anos A.P., com NRM a 2 metros acima do atual. Fonte: Comerlato, (2007, p. 76).

O trabalho de Comerlato é bastante significativo, uma vez que insere os sambaquis da bacia do rio Ratones dentro do contexto paleoambiental da área, evidenciando que os sítios sempre estiveram dispostos em torno da baía e, posteriormente, da laguna.

Com os dados paleogeográficos fornecidos pelos estudos mencionados, constata-se que havia na porção central do litoral condições ambientais favoráveis ao desenvolvimento da fauna marinha e, logo, da proliferação de moluscos. Estes dados, além de possibilitarem

contestar as interpretações de que as menores dimensões dos sambaquis da região se devem à escassez de moluscos, vão ao encontro de estudos do mesmo gênero feitos para as áreas de ocorrência de grandes sambaquis no litoral norte – municípios de Garuva, Joinville e São Francisco do Sul – (VIEIRA, 2008), e no litoral sul – municípios de Jaguaruna, Tubarão e Laguna – (KNEIP, 2004; GIANNINI, 2010).

Não obstante as informações fornecidas pelos trabalhos de evolução paleogeográfica, julgo ainda ser de relevância, como último comentário, expor alguns dos resultados obtidos por Flávio Calippo (2010) em sua tese de doutorado. A partir de uma análise da composição dos isótopos estáveis de carbono e oxigênio nas conchas dos sambaquis de Cananéia, foi possível perceber que provavelmente os grupos associados aos sambaquis não estavam realizando suas atividades de coleta ao longo de todo o estuário e, sim, em locais de maior salinidade dentro do estuário e/ou nas praias próximas à desembocadura (CALIPPO, 2010, p. 262). Assim, apesar da distribuição de moluscos ocorrer ao longo de todo estuário, onde existe uma grande abundância de locais de coleta, os pescadores-caçadores-coletores de Cananéia estavam coletando nos ambientes estuarinos mais próximos ao mar, onde não haviam condições muito boas para o seu desenvolvimento, sugerindo uma importância cultural das conchas provenientes do mar (CALIPPO, 2010, p. 269). Com isso, Calippo (2010, p. 269) sugere que a percepção ambiental destes grupos “[...] estaria mais relacionada à importância cultural dos locais de coleta do que, necessariamente, a uma maior disponibilidade do recurso ao longo dos ambientes aquáticos da região”, podendo, então, ser proposta uma interpretação menos normativa da atividade de coleta, superando o ponto de vista da máxima eficiência da exploração dos recursos e entendendo coleta não só como uma atividade de subsistência, mas como algo que permeia o universo cultural e simbólico desses grupos (CALIPPO, 2010, p. 208).

Apesar de lidar com os sambaquis do litoral paulista e, portanto, com uma área de estudo bem distante daquela tratada aqui, o estudo de Calippo (2010) muito nos faz pensar, somando-se como mais um argumento problematizador da explicação proposta por Beck (2007), Prous (1992) e Bastos (1994) para a descontinuidade no padrão dimensional instaurada pelos sambaquis do litoral central.

2.1.2 Walter Neves e a paleogenética dos grupos pré-coloniais do litoral central

Outra explicação para a inexistência de grandes sambaquis no litoral central do Estado pode ser encontrada no estudo de “Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do

Brasil (Paraná e Santa Catarina)”, de Walter Neves (1988). Neste trabalho, ele analisa marcadores osteológicos não-métricos de esqueletos provenientes de sítios arqueológicos do litoral paranaense e catarinense e apresenta, entre outras conclusões, a idéia de que os grupos associados aos sambaquis da porção central do litoral de Santa Catarina seriam os mais biologicamente distantes em relação aos grupos associados aos sambaquis das demais regiões da faixa litorânea catarinense. Assim, a distância biológica poderia ser elencada como fator diferenciador do contexto de sambaquis do litoral central.

Embora apresente uma hipótese alternativa para a questão das dimensões dos sítios, num primeiro momento Neves apresenta idéias semelhantes às de Beck (2007), Prous (1992) e Bastos (1994), colocando que “os sambaquis do Litoral Central de Santa Catarina caracterizam-se, em oposição aos do Litoral Sul e Norte, por suas dimensões reduzidas, provavelmente relacionadas a uma menor disponibilidade de recursos marinhos” (NEVES, 1988, p. 44).

Mais à frente, contudo, ele levanta uma nova possibilidade:

De acordo com BECK (1972), os sambaquis do Litoral Central de Santa Catarina apresentam-se bastante diferenciados dos demais, sobretudo por suas pequenas dimensões. Além disso, a associação dos sepultamentos a estruturas de argila avermelhada pode, talvez, ser um outro traço distintivo. Apesar da falta de estudos faunísticos quantitativos, os dados da literatura parecem indicar que a pesca desempenhou ali um papel econômico mais importante que nas demais áreas.

Até o momento, essas diferenças estruturais na morfologia e estratigrafia dos sambaquis do Litoral Central de Santa Catarina têm sido interpretadas como decorrentes das peculiaridades ecológicas da região.

A grande diferenciação biológica dos grupos que ocuparam os sítios sambaquis daquela área, indicada pela paleogenética, aponta em direção a uma outra possibilidade. Muito provavelmente, a ocupação do Litoral Central de Santa Catarina por povos pré-ceramistas tenha se dado, independentemente da ocupação dos estuários mais setentrionais, por um outro grupo biológico, que tinha na pesca sua principal fonte de subsistência (NEVES, 1988, p. 138).

Para defender sua idéia, Neves (1988, p. 136) cita o sítio conchífero raso sem cerâmica da Armação do Sul, considerando-o exemplar nesse sentido, uma vez que as análises que fez dos marcadores não-métricos indicaram a série deste sítio como biologicamente distinta das demais séries do litoral central, corroborando com a idéia de um eixo independente de ocupação.

Ele recorre, também, às datações até a época obtidas para os sambaquis e sítios conchíferos rasos sem cerâmica do litoral central, enfatizando que estas causariam uma

ruptura na cronologia geral do litoral meridional brasileiro. Alerta ainda para a ocorrência de zoólitos e para as evidências de início de formação de plataformas conchíferas nesse tipo de sítio, o que indicaria contato desse grupo biologicamente distinto com os grupos associados aos sambaquis mais setentrionais. O sítio do Pântano do Sul, segundo Neves, demonstra muito bem este contato, caracterizando-se por uma estratigrafia que em parte assemelha-se a dos sítios conchíferos rasos e, em parte, a dos sambaquis (NEVES, 1988, p. 139).

Seguindo a linha de raciocínio deste autor, é possível pensar que

em resumo, os pequenos sambaquis do Litoral Central de Santa Catarina são, muito provavelmente, decorrentes das atividades de coleta de moluscos por parte de grupos pré-ceramistas inicialmente pescadores-caçadores-coletores não especializados, que adotaram essa estratégia de subsistência influenciados por uma tradição mais setentrional, de coletores especializados em moluscos (NEVES, 1988, p. 139).

Esta proposição, contudo, uma vez baseada na já superada idéia de que os grupos associados aos sambaquis possuíam nos moluscos sua principal fonte de subsistência – o trabalho de Neves é anterior aos estudos que realizaram progressos nesse sentido –, é problemática. Somam-se a isso inúmeras datações que foram realizadas após a hipótese de Neves ser concebida e que indicam uma cronologia semelhante para todo o litoral catarinense (a questão da cronologia será abordada com mais cuidado em outro momento).

Aliás, os resultados das análises por ele empreendidas – que permitiram a suposição de os grupos do litoral central de Santa Catarina serem biologicamente distanciados dos demais num contexto regional, e de o grupo associado ao sítio da Armação do Sul ser biologicamente distanciado dos demais num contexto local – não são confirmados por outra autora que trabalhou com o mesmo tipo de análise. Trata-se do estudo de Maria Mercedes Okumura (2008), no qual a partir da análise morfológica craniana – de marcadores métricos e não-métricos – ela conclui, entre outras coisas, que não é possível refutar nem tampouco confirmar o caráter biologicamente distinto da série do sítio da Armação do Sul.

Neves (1988) observou a separação entre Armação do Sul (classificado como acampamento conchífero pré-cerâmico) e os demais sambaquis clássicos do litoral central de Santa Catarina. Tal resultado levou o autor a propor a presença de dois grupos biologicamente distintos em termos de morfologia craniana nessa região do litoral em período ainda sem cerâmica. Nos resultados aqui obtidos, a série feminina de Armação do Sul aparece como “outlier” em relação aos outros sítios do litoral central catarinense (Paria Grande também aparece como “outlier” nesses resultados), porém, nas séries masculinas apresenta-se totalmente integrado aos demais grupos. Assim, não foi possível refutar nem tampouco confirmar a hipótese que apóia a presença de dois grupos biologicamente distintos antes da chegada

dos grupos ceramistas no litoral central catarinense (OKUMURA, 2008, p. 277).

A distância biológica dos grupos do litoral central – que Okumura divide em duas séries (Litoral Central e Ilha de Santa Catarina) – igualmente fica sem confirmação, não sendo acusada pela autora ao longo do trabalho.

Estas divergências ou, simplesmente, não convergência nos resultados das análises, entretanto, são compreensíveis, tendo em vista que os próprios autores, em determinado momento, alertam para o relativismo com que devem ser encarados os dados fornecidos por seus estudos. Eles elencam como limitação à confiabilidade de seus dados a utilização de séries mistas, compostas por indivíduos oriundos de sítios diversos; o reduzido tamanho amostral de algumas séries; a possibilidade de enterramentos relacionados a níveis diferentes de ocupação de um mesmo sítio terem sido englobados numa mesma série; o fato de várias gerações superpostas estarem representadas numa amostra de enterramentos; a incerteza sobre o grau de determinação genética dos marcadores antropológicos utilizados (NEVES, 1988, p. 146); além do grande intervalo cronológico abarcado pelas séries e a total ausência de datações para muitas delas (OKUMURA, 2008, p. 278).

Não obstante interessante, a idéia de uma origem biológica diferente para os grupos associados aos sambaquis do litoral central catarinense deve ser encarada com cuidado – porém não esquecida – enquanto novos estudos que venham a confirmá-la ou refutá-la definitivamente não forem realizados.

2.2 NOVAS POSSIBILIDADES A SEREM ANALISADAS

2.2.1 Possibilidades em torno da cronologia

Uma explicação que prontamente é levantada ao se pensar na descontinuidade do padrão dimensional dos sambaquis do litoral central de Santa Catarina é de âmbito cronológico. São duas as hipóteses relacionadas à cronologia que podem vir à mente e que, portanto, devem ser avaliadas. Uma delas é de que talvez os sambaquis dessa porção do litoral sejam mais recentes que os demais e, assim, não teria havido tempo suficiente para os grupos pré-coloniais da região acrescentarem volume aos sambaquis tornando-os maiores. A outra hipótese é de que grupos da família lingüística Jê, relacionados aos sítios que apresentam cerâmica diferente da Guarani, comumente associada pela literatura arqueológica à tradição

pronapiana “Itararé”, teriam chegado mais cedo a esta parte do litoral, desorganizando as sociedades dos pescadores-caçadores-coletores e, com isso, interrompendo o processo de acumulação de conchas.

A primeira coisa a ser dita sobre estas hipóteses é que ambas entendem os sambaquis como resultado de longos processos formativos, levados a cabo durante milhares de anos, o que faria da antiguidade do sítio fator de variação dimensional – pressupondo-se a continuidade do processo de acumulação de conchas num mesmo sítio por longo período de tempo, das primeiras datações conhecidas até períodos mais recentes. Sabe-se, contudo, que ao longo dos 6.000 anos de ocupação do litoral por pescadores-caçadores-coletores, a lógica que regia os processos formativos dos sambaquis não era assim tão linear: sítios começavam a ser formados e eram terminados – concomitantemente ou não – em bem menos de 6.000 anos, às vezes em 2.000, 1.000, e até mesmo 200 anos, dando origem a uma cronologia repleta de idas e vindas, como poderá ser observado nos quadros que virão logo mais. Cada sambaqui possuía um tempo e ritmo próprio de formação, sendo possível encontrar na cronologia sítios de dimensões bem diferentes apresentando datações e tempos de formação semelhantes.

Na verdade, a impressão que tenho é de que hipóteses que pretendem relacionar maior antiguidade dos sítios com maiores dimensões baseiam-se na já superada idéia de que os grupos em questão tinham nos moluscos sua principal fonte de subsistência e que, por conseguinte, os sambaquis seriam mero resultado do acúmulo de restos de alimentos. Seguindo esta linha de pensamento, o acúmulo de conchas seria bastante gradual, acompanhando o ritmo das “refeições” diárias dos indivíduos, sendo necessário longo tempo de acumulação para um sítio alcançar grandes dimensões. Perspectiva mais recente, no entanto, como aquela proposta por Daniela Klokler (2008) para o sambaqui Jaboticabeira II (situado em Jaguaruna), que entende este sítio como resultante de pequenos montículos rituais provenientes de festins funerários, possibilita-nos pensar mais além, em grandes quantidades de material faunístico depositadas episodicamente. A idéia dos sambaquis como acúmulo de montículos funerários também está fortemente atrelada ao fator tempo – afinal, trata-se de uma sugestão de “processo” formativo e, portanto, lida necessariamente com a esfera diacrônica das coisas –, mas liberta-se da excessiva linearidade e pode conferir aceleração – ou não, pois cada sítio é um caso – ao processo.

Nesse sentido, De Blasis *et al.* (2007, p. 41) colocam que o ritmo de formação de um sítio pode ser episódico, rápido ou muito intenso, também citando como exemplo o sambaqui Jaboticabeira II, que apresenta porções formadas de maneira mais ou menos rápida e encerradas. A idéia é a de um verdadeiro processo construtivo que segue um padrão de

deposição estruturada, o que “permite assimilar este comportamento material a uma ‘arquitetura de sambaquis’” (VILLAGRAN, 2010, p. 170).

Tendo isso em vista, e centrando na cronologia propriamente dita, ambas as hipóteses propostas não serão consideradas válidas nesse trabalho, uma vez que inexistem disparidades cronológicas significativas entre os contextos de sambaquis das porções norte, sul e central do litoral catarinense. A única disparidade existente digna de nota está no número de sítios datados para cada região. Embora a quantidade de sambaquis registrados para as três porções do litoral seja bastante semelhante, o litoral sul conta com um número demasiadamente maior de sítios datados, já que há muito tempo esta área vem sendo alvo de intensas pesquisas. O litoral norte fica com a segunda colocação na quantidade de sítios datados, região que foi agraciada com menos pesquisas que o litoral sul, porém com mais pesquisas que o litoral central, este se encontrando na última colocação. É claro que um maior número de datações leva a uma maior variação nas datas e, por isso, as poucas disparidades existentes não devem ser tomadas como determinantes.

A impressão que se tem devido à ocorrência de algumas datações muito mais antigas para o litoral sul – três, para ser exata – é de que a ocupação dos pescadores-caçadores-coletores foi mais duradoura nesta região. Há de ser levado em consideração, entretanto, que frente aos 19 sambaquis datados para o litoral norte e aos 12 datados para o litoral central, os resultados das 48 datações feitas para os sambaquis do litoral sul não permitem uma concorrência por antiguidade das mais equitativas.

No quadro abaixo estão todas as datações existentes para os sambaquis do litoral central – com “*” estão marcadas as ocupações com cerâmica comumente associada à família lingüística Jê e com “**” estão assinalados os níveis com presença de cerâmica Guarani. Percebe-se que no sítio Canto da Lagoa I há menção à presença de cerâmica, porém trata-se de somente um fragmento, encontrado próximo à superfície (DE MASI, 2001, p. 59). No quadro seguinte, encontram-se as datações conhecidas para os sítios associados pela literatura arqueológica a grupos da família lingüística Jê.

Sambaquis do litoral central catarinense						
SÍTIO	DATA (A.P.)			MATERIAL DATADO	ID LABORATÓRIO	REFERÊNCIA
	Posição estratigráfica indisponível	Base do sambaqui	Topo do sambaqui			
Armação da Piedade I		3.880	3.690	-	Beta 242798	Farias (2011)
Armação do Sul		2.670 ± 90		Carvão	Isotopes 9212	Schmitz <i>et al.</i> (1992)
Canto da Lagoa I (para De Masi; Canto da Lagoa II para o CNSA)		1.597		Concha	LLNL 42115	De Masi (2001)
		1.300		Colágeno	LLNL 48866	De Masi (2001)
			1.169*	Concha	LLNL 42121	De Masi (2001)
Governador Celso Ramos I		4.290 ± 40		Carvão	Beta 287107	Farias (2011)
Jurerê III		2.378 ± 128		Concha	-	Duarte (1981)
Jurerê IV		3.801 ± 103		Concha	-	Duarte (1981)
Pântano do Sul I (sítio raso)		4.515		Carvão	-	Rohr (1977)
Pântano do Sul I (sambaqui)		4.460		Carvão	-	Rohr (1977)
			3.735	Carvão	-	Rohr (1977)
			3.850 (logo abaixo das conchas)	Carvão	-	Rohr (1977)
Ponta das Almas		3620 ± 100		Concha	Isotopes 2627	Hurt (1974)
		3690 ± 100 (a 0,30-0,45 m)	4289 ± 400 (a 0,15-0,30 m)	Concha	-	Long e Mielke (1966)
			2.400 ± 250	Concha	-	Long e Mielke (1966)
Ponta do Lessa	2.340 ± 60			-	Beta 178076	Fossari (2004)
Porto do Rio Vermelho I		5020		Carvão	LLNL 53115	De Masi (2001)
			4.070	Colágeno	LLNL 48543	De Masi (2001)
			3.988	Concha	LLNL 42114	De Masi (2001)
			910**	Carvão	LLN 48545	De Masi (2001)
Porto do Rio Vermelho II		1.735		Carvão	LLN 42116	De Masi (2001)
			1.590	Colágeno	LLN 48544	De Masi (2001)
			1.505	Carvão	LLN 42119	De Masi (2001)
			1.237	Concha	LLN 42118	De Masi (2001)
			1.067	Carvão da estrutura	LLN 42122	De Masi (2001)
Ratones IV	2.340 ± 120			-	-	Martin <i>et al.</i> (1988)

Quadro 1: Cronologia conhecida para os sambaquis do litoral central de Santa Catarina.

Ocupações associadas a grupos da família linguística Jê do litoral central catarinense		
SÍTIO	DATA (A.P.)	REFERÊNCIA
Caiacanga-Mirim (Base Aérea)	800 ± 70	Fossari (2004)
Ponta do Lessa	A data conhecida é para o nível sem cerâmica (2.340 ± 60)	Fossari (2004)
Rio do Meio	780 ± 60	Fossari (2004)
Tapera	1.140 ± 180 / 1.030 ± 180	Long e Mielke (1967)

Quadro 2: Cronologia conhecida para os sítios conchíferos com cerâmica do litoral central de Santa Catarina.

Conforme as datações listadas, os sambaquis do litoral central começaram a surgir em tempos pouco anteriores a 5.000 A.P., deixando de ser formados por volta de 1.000 A.P., época em que começam a aparecer na costa litorânea os primeiros sítios que apresentam cerâmica associada à tradição pronapiana “Itararé”, estes começando a desaparecer há mais ou menos 700 A.P. É importante perceber que há certa contemporaneidade entre os sambaquis mais tardios e os primeiros sítios com cerâmica. Interessante, ainda, é mencionar que estas ocupações com presença de cerâmica em sua maior parte ocorrem em sítios rasos, estando poucas assentadas sobre sambaquis.

As datações que constam nos dois quadros abaixo são referentes aos sítios da região da baía da Babitonga, no litoral norte, e foram consultadas no trabalho de Bandeira (2004, p. 174), sendo possível recorrer a seu estudo para maiores informações a respeito delas. Sobre tais datações, é pertinente colocar que a idade do horizonte cerâmico do sítio Rio Pinheiros não é considerada fiel pela autora, uma vez que foi feita por termoluminescência (TL). Da mesma forma, a idade de 375 ± 40 A.P. para o horizonte cerâmico do sambaqui Bupeva II, também feita por TL, não pode ser considerada fiel, com o agravante de que para isso teríamos que pensar “[...] numa pequena aldeia indígena em meio à restinga da Praia Grande em torno do ano de 1575, quando navegadores europeus já andariam nesta costa há mais de 70 anos (além de ser esta a data mais recente para esse tipo de cerâmica no litoral de SC)” (BANDEIRA, 2004, p. 172). Com “*” estão marcados os horizontes cerâmicos associados pela literatura aos grupos da família lingüística Jê.

Sambaquis da região da baía da Babitonga (Litoral Norte)				
SÍTIO	DATA (A.P.)			REFERÊNCIA
	Datação única	Mais antiga	Mais recente	
Palmital	5.420 ± 230			Martin <i>et al.</i> (1988)
Rio Guaira	5.200			Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira
Ribeirão do Cubatão		5.040 ± 80	4.010 ± 70	Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira
Rio Comprido		4.815	4.170	Oliveira (2000)
Cubatãozinho	4.760 ± 80			Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira
Rio Pinheiros B (II)		4.580 ± 120	3.850 ± 140	Schmitz (1984)
			600 ± 65*	Bandeira (2004)
Forte Marechal Luz		4.290 ± 130 880 ± 100*	1.110 ± 100 620 ± 10*	Bryan (1993)
Conquista B	4.070 ± 220			Schmitz (1984)
Morro do Ouro	4.030 ± 40			Oliveira (2000)
Saí Guaçú	4.040 ± 210			Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira
Enseada I		3.920 ± 40	1.390 ± 40*	Bandeira (2004)
Praia Grande II	3.850 ± 200			Martin <i>et al.</i> (1988)
Lagoa do Acaraí I	3.600 ± 180			Martin <i>et al.</i> (1988)
Cubatão III		3.930 ± 60	3.630 ± 40	Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira
Rio das Ostras		3.350 ± 60	2.040 ± 50	Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira
Tiburtius		3.330 ± 60	2.920 ± 50	Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira
Ilha dos Espinheiros II		3.015 ± 130	1.170 ± 200	Oliveira (2000)
Cubatão I		3.000	2.500	Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira
Espinheiros II		2.970 ± 60	1.160 ± 45	Oliveira (2000)
Espinheiros I		2.920 ± 100	2.220 ± 210	Martin <i>et al.</i> (1988)
Cubatão IV		2.910 ± 70	2.750 ± 70	Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira
Linguado B	2.830 ± 145			Schmitz (1984)
Rio Perequê	2.760 ± 160			Martin <i>et al.</i> (1988)
Linguado A	2.590 ± 140			Schmitz (1984)
Guanabara II	2.350 ± 120			Oliveira (2000)
Bupeva II		2325 ± 25	375 ± 40*	Bandeira (2004)
Rio Bucuriuma		1.340 ± 50	1.190 ± 40	Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira
Itacoara		1570 ± 20		Bandeira (2004)
			1.250*	Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira
Ponta das Palmas		2.430 ± 70	1.060 ± 60*	Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira

Quadro 3: Cronologia conhecida para os sambaquis do litoral norte de Santa Catarina.

Ocupações associadas a grupos da família linguística Jê da região da baía da Babitonga (Litoral Norte)		
SÍTIO	DATA (A.P.)	REFERÊNCIA
Rio Pinheiros B (II) (horizonte cerâmico)	600 ± 65	Bandeira (2004)
Forte Marechal Luz (horizonte cerâmico)	880 ± 100 / 620 ± 10	Bryan (1993)
Enseada I (horizonte cerâmico)	1.390 ± 40	Bandeira (2004)
Bupeva II (horizonte cerâmico)	375 ± 40	Bandeira (2004)
Itacoara (horizonte cerâmico)	1.250	Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira
Ponta das Palmas (horizonte cerâmico)	1.060 ± 60	Informação pessoal concedida por Dione da Rocha Bandeira

Quadro 4: Cronologia conhecida para os sítios conchíferos com cerâmica do litoral norte de Santa Catarina.

A partir das datações acima é possível estabelecer o início da formação dos sambaquis do litoral norte por volta de 5.000 A.P., sendo que há mais ou menos 1.000 A.P. eles deixam de ser formados, dando lugar a sítios com presença de cerâmica e estes, por sua vez, persistem até o período de 600 A.P. (se desconsiderarmos a datação para o horizonte cerâmico do sítio Bupeva II). Nesta porção do litoral – assim como na porção central –, percebe-se concomitância entre as datas mais tardias dos sambaquis e as datas dos primeiros sítios com cerâmica. Por outro lado, os sítios cerâmicos da região da baía da Babitonga ocorrem todos sobre as camadas mais superficiais dos sambaquis, enquanto no litoral central a maioria ocorre sob a forma de “sítio raso”.

Para a elaboração do quadro que segue, referente à região da paleolaguna de Santa Marta, no litoral sul, foi tomado como base o trabalho de Giannini *et al.* (2010, p. 114-115), sendo possível consultá-lo para maiores informações a respeito do tipo de material datado e da identificação do laboratório. O mesmo serve para o quadro que vem depois, no qual apenas a datação do sítio Arroio da Cruz I foi retirada de outra fonte (DE BLASIS *et al.*, 2007, p. 38). Cabe mencionar que entre os sítios de ocupação associada à família linguística Jê, aquele denominado “Encantada III” não apresenta evidências arqueológicas típicas de períodos mais recentes, porém, possui data compatível com os demais, inserindo-se no contexto em questão (DE BLASIS *et al.*, 2007, p. 44).

Sambaquis da região da paleolaguna de Santa Marta (Litoral Sul)				
SÍTIO	DATA (A.P.)			REFERÊNCIA
	Posição estratigráfica indisponível	Base do sambaqui	Topo do sambaqui	
Cabeçuda I			1510-670	Martin <i>et al.</i> (1988)
		5280-3930		Mendonça de Souza (1995)
Caieira		3820-2960	760-510*	Hurt (1974)
Canto da Lagoa I			3720-3380	De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Canto da Lagoa II			3845-3568	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Capivari I			4232-3927	De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Capivari III		6184-5762	5990-5660	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Carniça I		3970-3170	2720-2130	Hurt (1974)
Carniça II			3810-3360	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Carniça III			3683-3403	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Carniça VI			4410-3890	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Carniça VII		3855-3577		Giannini <i>et al.</i> (2010)
Carniça X		2990-2620		Giannini <i>et al.</i> (2010)
Congonhas I		3450-3160		Fish <i>et al.</i> (2000)
		3960-2890		Beck (1972)
Congonhas II			2960-2470	Fish <i>et al.</i> (2000)
Congonhas III	2150-1890			Fish <i>et al.</i> (2000)
Costão do Ilhote		927-763*		De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Cubículo I		4078-3716	3845-3568	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Cubículo II		3470-3160		Giannini <i>et al.</i> (2010)
Encantada I			4960-4530	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Encantada III			720-560	Giannini <i>et al.</i> (2010)
		5265-4835		Fish <i>et al.</i> (2000)
Figueirinha III	5300-4160			Martin <i>et al.</i> (1988)
Galheta I			3390-3000	De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Galheta II			5280-4820	Giannini <i>et al.</i> (2010)
		5310-4880		De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Galheta IV	927-763*			De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Garopaba do Sul I			3080-2750	Fish <i>et al.</i> (2000)
			4830-4320	De F54Blasis <i>et al.</i> (2007)
Jabuticabeira I		4850-4430	2750-2130	Fish <i>et al.</i> (2000)
Jabuticabeira II		3471-3219	1329-1178	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Jaguaruna I		3390-2970		De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Lajeado I		6310-6000		Giannini <i>et al.</i> (2010)
Lagoa dos Bichos I			5030-4580	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Lagoa dos Bichos II		4801-4297	2105-1821	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Lagoa dos Bichos III			4820-4420	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Mato Alto I		2920-2130	2340-2010	Fish <i>et al.</i> (2000)
Mato Alto II	5640-4870			Fish <i>et al.</i> (2000)
Monte Castelo		3700-3380	3580-3220	De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Morrinhos		5290-4860	3570-3220	De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Morrote		2310-1720	2140-1570	Fish <i>et al.</i> (2000)
Ponta do Morro Azul	5290-4860			De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Porto Vieira I		4080-3640		De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Ribeirão Pequeno	2700-2150			De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Rio Caipora		7570-7320	6280-5950	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Santa Marta I			3550-3170	De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Santa Marta IV		2775-2467	2717-2362	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Santa Marta V			1991-1741	Giannini <i>et al.</i> (2010)
		4812-4417		De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Santa Marta VI			3839-3589	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Santa Marta VIII	1691-1416			Giannini <i>et al.</i> (2010)
Santa Marta IX	5574-5055			Giannini <i>et al.</i> (2010)
Santa Marta X			6180-5747	Giannini <i>et al.</i> (2010)

Quadro 5: Cronologia conhecida para os sambaquis do litoral sul de Santa Catarina.

Ocupações associadas a grupos da família linguística Jê na região da paleolaguna de Santa Marta (Litoral Sul)		
SÍTIO	DATA (A.P.)	REFERÊNCIA
Arroio da Cruz I (horizonte cerâmico)	1080 / 1160	De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Caieira (horizonte cerâmico)	760-510	Hurt (1974)
Costão do Ilhote (Horizonte cerâmico)	927-763	De Blasis <i>et al.</i> (2007)
Encantada III (sem cerâmica, mas com data compatível)	720-560	Giannini <i>et al.</i> (2010)
Galheta IV	927-763	De Blasis <i>et al.</i> (2007)

Quadro 6: Cronologia conhecida para os sítios conchíferos com cerâmica do litoral sul de Santa Catarina.

Percebe-se para o litoral sul um início de formação de sambaquis em tempos pouco anteriores a 7.000 A.P. – lembrando que este início bastante antigo baseia-se em somente quatro sítios datados: Capivari III, Lajeado I e Santa Marta X (em torno de 6.000 A.P.); e Rio Caipora (na faixa de 7.000 A.P.). Ao redor de 1.000 A.P. os últimos sambaquis deixam de ser formados e, nesta mesma época, surgem os primeiros sítios que apresentam cerâmica associada a grupos da família linguística Jê, estes desaparecendo por volta de 600 A.P. No caso do litoral sul não há concomitância flagrante entre os sambaquis mais tardios e os primeiros sítios com cerâmica, porém, as datações para ambos são bastante próximas, não devendo ser descartada tal possibilidade. Assim como no litoral norte, ao sul os sítios associados à família linguística Jê ocorrem, em sua maioria, sobre sambaquis, formando horizontes cerâmicos.

Apresentados os dados, encerra-se a questão, sendo as possibilidades cronológicas, pelo menos por enquanto, deixadas de lado. Confesso que uma leve insegurança persiste a este veredicto, tendo em vista as antigas datações existentes no litoral sul, de 6.000 A.P. a 7.000 A.P. e a possível associação disso ao fato de que os sambaquis dessa região são considerados os “maiores do mundo”. As datas conhecidas para o litoral central, no entanto, estão em perfeita conformidade com aquelas do litoral norte, onde os sambaquis também apresentam grandes dimensões, embora não tão grandes quanto ao sul do Estado. Pode-se afirmar, portanto, que numa comparação entre os contextos norte e central do litoral catarinense a cronologia não representa um fator de descontinuidade nas dimensões dos sambaquis. Se ao norte as dimensões se mostram independentes à cronologia, ao sul também devem o ser, permitindo a extensão desta afirmação para o contexto do litoral sul.

2.2.3 Possibilidades em torno da cultura material

Será que os grupos humanos associados aos sambaquis do litoral central catarinense partilhavam uma cultura distinta daquela dos pescadores-caçadores-coletores que habitavam as porções norte e sul do litoral? Esta é uma questão difícil de ser respondida, já que para isso pode-se recorrer somente à esfera material das manifestações destes seres humanos, vestígios deixados por estas populações pré-coloniais e meio pelo qual a Arqueologia pode estudá-las. Se a cultura material fosse simplesmente o que ela aparenta ser fisicamente, talvez esta questão não fosse lá das mais desafiadoras, no entanto, a cultura material é atrelada a elementos que vão muito além de sua apresentação física no mundo.

A idéia de que a cultura material existe por si só é, de acordo com Julian Thomas (2005, p. 17), fruto do pensamento Moderno empirista, que separa em esferas diferentes o mental e o material, a sociedade e a natureza. Este entendimento da cultura material como algo que simplesmente “é”, permite que, por exemplo, um arqueólogo frente a dois artefatos semelhantes, encontrados em sítios completamente diferentes, associe diretamente ambos os sítios a uma mesma identidade étnica.

Acontece que a cultura material não “é”, simplesmente. Segundo Thomas (2005, p. 16), “[...] pode ser um erro imaginar que simplesmente porque nós podemos ver e tocar uma coisa nós podemos entendê-la em sua inteireza¹¹”. A cultura material não pode ser entendida como uma ocorrência à parte do todo, pois, na verdade, ela faz parte do todo, faz parte do processo de experiência social do ser humano.

Os empiristas acreditavam que o status dos objetos era evidente em si mesmo. Eu estou sugerindo uma situação muito mais complexa, a qual faz o estudo dos artefatos imediatamente mais desafiador e potencialmente mais gratificante. A vida social humana é inerentemente relacional: tudo que fazemos, e tudo que nós somos é realizado por meio de relação. O mundo material não é extrínseco a essas relações, e artefatos estão implicados nas formas como nós criamos significado e levamos nossas vidas diárias. [...] a apreensão do mundo material é um fenômeno social. Como as coisas são materializadas depende da linguagem, dos conceitos, das experiências, e das relações de poder que convergem numa experiência particular. Então, assim como nós não podemos olhar para trás no passado antigo e imaginar que aquelas pessoas entendiam seus próprios corpos da mesma forma que entendemos no presente, nós igualmente não podemos imaginar que o significado da cultura material é fixo e imutável (THOMAS, 2005, p. 17)¹².

¹¹ “[...] it may be a mistake to imagine that simply because we can see and touch a thing we can grasp it in its entirety” (THOMAS, 2005, p. 16).

¹² “The empiricists believed that the status of objects was self-evident. I am suggesting a much more complex situation, which makes the study of artifacts at once more challenging and potentially more rewarding. Human social life is inherently relational: everything we do, and everything we are is realized through relationship. The material world is not extrinsic to those relationships, and artifacts are implicated in the ways that we create

Objetos semelhantes podem fazer parte de experiências diferentes, em contextos diferentes, sendo diferentemente entendidos, e vice-versa. Diante desta colocação, qualquer tipo de comparação entre a cultura material dos sambaquis do litoral catarinense pareceria infrutífera, pois a constatação de semelhanças ou diferenças nessas culturas materiais permitiria apenas correlações um tanto quanto dúbias a respeito da identidade étnica desses grupos. A dubiedade de tais correlações, contudo, não invalida este tipo de comparação, que permanece adequada desde que feita ponderadamente, sem associações diretas.

Bem, não caberia aqui a realização de uma comparação entre a cultura material de todos os sambaquis do litoral catarinense, tendo em vista que isso requereria um levantamento minucioso de todo o material encontrado nestes sítios e conhecimentos profundos acerca de cada um dos tipos de vestígios arqueológicos que podem ser encontradas num sambaqui, bem como a análise de cada um deles.

Como tal façanha não é de meu alcance, para esta comparação me apoiarei em autores que já a realizaram, como Anamaria Beck (2007) e André Prous (1992). Apontarei as diferenças constatadas pelos autores citados entre a cultura material dos sambaquis do litoral central e das demais porções do litoral, porém sem tentar estabelecer associações entre os objetos comparados e as características culturais dos grupos em questão.

Beck (2007) analisa em sua tese de doutorado justamente a variação da cultura material encontrada nos sambaquis do litoral catarinense, porém, as variações que ela percebe nos sítios quanto à tecnologia, à subsistência e às práticas mortuárias não podem ser estendidas a toda a região na qual estão situados, uma vez que foram analisados somente dois sítios do litoral central, dois do litoral norte e um do litoral sul. Além disso, na maioria dos casos foram identificadas semelhanças entre sítios de porções litorâneas diferentes. A única distinção que Beck faz entre os sambaquis catarinenses e que pode ser estendida às suas respectivas porções litorâneas é o menor tamanho dos sítios do litoral central.

Além de também apontar a descontinuidade dimensional dos sambaquis do litoral central como peculiaridade no contexto catarinense de sambaquis, Prous (1992, p. 260-261) diferencia a cultura material destes sítios da seguinte forma:

meaning and carry out our everyday lives. [...] the apprehension of the material world is a social phenomenon. How things are materialized depends upon the language, the concepts, the experiences, and the power relations which converge on a particular experience. So just as we cannot look back at the ancient past and imagine that those people understood their own bodies in the same way as we do in the present, we equally cannot imagine that the significance of material culture is fixed and changeless" (THOMAS, 2005, p. 17).

Subdivisão 2: Matinhos (PR) – Joinville (SC). Mantém os mesmos tipos de indústria óssea da subdivisão anterior¹³, com o acréscimo de novos, como adornos variados de bula timpânica, recipientes. Bastões trabalhados (propulsores?), anzóis curvos, navetas e pontas de osso de ave foram também encontrados, porém em raros sítios ou níveis. Os machados, geralmente toscos e quase nunca polidos totalmente, raramente apresentam entalhes laterais de fixação (neste caso, lascadas) e nunca sulcos periféricos. A utilização do picoteamento é rara (talvez limitada a certas épocas). As esculturas são numerosas, havendo geralmente vários exemplares num mesmo sítio. Os tipos líticos continuam sendo geométricos, mas aparecem em alguns sítios zoomorfos de osso de baleia representando aves e baleias com um grande naturalismo. Esta categoria existe somente na subdivisão 2. A. Beck insiste sobre a quantidade de sepultamentos duplos e sobre a posição fletida dos esqueletos. No entanto, essas características não podem ser generalizadas e são encontradas com bastante frequência em outras regiões. [...]

Subdivisão 3: ilha de Santa Catarina – Imbituba. Trata-se de uma região que apresenta muitas características de transição. Em relação à subdivisão anterior, verifica-se um aumento de picoteamento como técnica de trabalho da pedra, entre outros, para os numerosos pesos de rede ou linha. O polimento é utilizado para fabricar numerosos machados de pequenas dimensões (em razão do tamanho da matéria-prima ou da livre escolha?) e peças geométricas de uso desconhecido. Os zoólitos incluem, além dos geométricos, uma proporção importante de tipos novos (naturalistas), cuja cavidade não apresenta posição ventral, mas lateral, a não ser que esteja colocada em volume lítico separado da figuração animal. A indústria óssea é menos variada, quase que exclusivamente formada por pontas; os adornos são feitos com dentes perfurados, não aparecendo mais as vértebras de peixes. A. Beck caracteriza esta região pela presença de fossas revestidas de barro, associadas aos sepultamentos. De fato, são particularmente freqüentes, mas aparecem esporadicamente nas subdivisões anteriores, onde nem sempre estão ligadas a estruturas funerárias (Forte Marechal Luz, por exemplo). [...]

Subdivisão 4: Laguna – Torres/Tramandaí. A qualidade do instrumental lítico polido aumenta, com uma verdadeira procura estética; os machados têm formas bem definidas, sendo quase sempre totalmente polidos, com freqüentes entalhes e até sulcos para encabamento. É relativamente comum, perto de Torres, que uma ou ambas as faces recebam depressões polidas (cavinhas). O número de tipos polidos aumenta com a aparição de peças pontudas (tembetás?), de anéis de pedra, pratos quadrangulares e de vasos em forma de “barril”. Quanto mais se vai para o sul, mais a qualidade de fabricação dos zoólitos geométricos piora. No entanto, surge um tipo local representado sobretudo por lindíssimos peixes. Outro tipo regional é bastante simplificado e não tem mais cavidade, enquanto várias outras esculturas a possuem em lugares incomuns: dorsal (substituindo a cabeça) ou reduzida a uma depressão inexpressiva. Parece que parte do mito que fundamentava a fabricação destas obras tinha desaparecido nesta região periférica do litoral gaúcho, onde uma outra simbologia, a das pequenas depressões circulares,

¹³ “*Subdivisão 1: Cananéia – Paranaguá.* Apesar de uma grande variação de ‘riqueza’ entre os sítios, a indústria óssea costuma ser relativamente abundante e até mais rica do que a de pedra. É caracterizada por pontas de osso, particularmente de mamíferos, por instrumentos feitos de osso de baleia, sendo muito comuns os discos perfurados de bula timpânica. Os adornos encontrados são principalmente vértebras de peixe perfuradas. Conchas foram bastante utilizadas como instrumentos [...]” (PROUS, 1992, p. 260).

interferiu no esquema inicial. A indústria não lítica é quase inexistente, limitada aos adornos de conchas e dentes encontrados nos sepultamentos.

A partir das características da cultura material levantadas pelo autor para cada uma das porções litorâneas catarinenses, conclui-se que as diferenças mais relevantes estão relacionadas às indústrias líticas e ósseas, bem como à ocorrência de recipientes de barro não-cozidos.

Segundo ele, percebe-se para o litoral norte uma indústria óssea bastante expressiva, com instrumentos de funções a matérias-primas variadas, enquanto no litoral central os objetos ósseos não apresentam tamanha variedade e, no litoral sul, são quase inexistentes. A indústria lítica, pelo contrário, é considerada “tosca” no litoral norte, adquirindo complexidade um pouco maior no litoral central e tendo sua “qualidade” ainda mais aumentada no litoral sul, “com uma verdadeira procura estética”¹⁴. Curiosamente, a porção central do litoral aparece aí como área de transição, tanto com relação à indústria óssea quanto com relação à indústria lítica. O mesmo se repete na análise que o autor faz dos objetos zoomorfos, identificando para a porção mais setentrional zoólitos em sua maioria geométricos, com alguns zoósteos naturalistas, para a porção central zoólitos geométricos e naturalistas e, para a porção mais meridional, zoólitos cada vez menos geométricos e mais naturalistas.

Mais curioso ainda é que o outro elemento levantado como diferenciador entre a cultura material dos sambaquis catarinenses, a ocorrência de recipientes de barro não-cozido, é apontado pelo autor apenas para o litoral central, embora ele mencione que este tipo de estrutura ocorre também em outras áreas, principalmente no litoral norte, porém, sem a mesma frequência com que se dá no centro. Neste quesito, portanto, o contexto de sambaquis do litoral central não representa transição entre os extremos da costa catarinense, e, sim, uma descontinuidade. Não posso deixar de alertar para o fato de que as menores dimensões dos sambaquis da área de estudo também representam uma descontinuidade – grandes ao norte, pequenos no centro e gigantescos ao sul –, já enfatizada aqui repetidas vezes.

Como a indústria lítica e óssea dos sambaquis do litoral central representam uma transição no quadro catarinense, à primeira vista podem parecer não auxiliar na compreensão da descontinuidade do padrão dimensional destes sítios. Por outro lado, a maior ocorrência de

¹⁴ É importante tomar cuidado com este tipo de julgamento que Prous (1992) realiza em torno da “qualidade” e “estética” da cultura material dos grupos pré-coloniais associados aos sambaquis. São julgamentos embendados em etnocentrismo e anacronismo, geralmente tomados com base em perspectivas de análise morfo-estilísticas, e que devem ser evitados.

recipientes de barro não-cozido aparece imediatamente como um dado interessante que deve ser levado em consideração.

Para finalizar, deve-se acrescentar que as diferenças entre a cultura material dos sambaquis catarinenses sugeridas por Prous (1992) devem ser olhadas com cuidado, uma vez que foram definidas com base numa perspectiva tipológica, levando em consideração principalmente o aspecto morfológico e estilístico dos objetos e estabelecendo as diferenciações, sobretudo, a partir da presença e ausência de determinados tipos de artefatos. Além disso, é preciso ter em vista a possível desatualização dos dados apontados, já que a primeira edição da obra na qual ele faz esta comparação é de 1991 e, de lá para cá, novos sítios foram escavados e novos dados lançados, que podem vir a confirmar ou refutar as conclusões a que o autor chegou.

2.2.4 Possibilidades em torno da complexidade social

Relacionar as dimensões dos sambaquis catarinenses à complexidade social é um exercício interessante, sendo a última possibilidade a ser elencada e analisada neste momento de busca por uma melhor compreensão do contexto de sambaquis do litoral central.

Este tipo de exercício é realizado por De Blasis *et al.* (2007, p. 53) ao dizerem ser possível que “as diferenças nas dimensões dos sambaquis, em associação à sua distribuição regional, representem assimetrias demográficas, ou então um padrão de hierarquização social ou política”. A isso, no entanto, eles acrescentam que são poucas as evidências de desigualdade social que os acompanhamentos funerários sugerem, citando como exemplo o sítio Jaboticabeira II, no município de Jaguaruna, que apresenta variações bastante discretas em seus mais de cem sepultamentos (DE BLASIS *et al.*, 2007, p. 53). Segundo os autores, indícios de tratamento diferenciado para com alguns mortos são relatados na literatura arqueológica, que descreve alguns raros sepultamentos bastante elaborados que se distinguem dos demais, porém estas raras ocorrências não se fazem suficientes na busca por definições de padrões de diferenciação social (DE BLASIS *et al.*, 2007, p. 53-54).

Como possíveis disparidades sociais não podem ser confirmadas ou rejeitadas, o modelo de ocupação regional esboçado por De Blasis *et al.* para a região da paleolaguna de Santa Marta, no litoral sul catarinense, não inclui possíveis disparidades sociais, apontando para “um sistema com características organizacionais aparentemente heterárquicas, comunidades face a face organizadas sem evidências claras de hierarquização dos

assentamentos, ainda que alguns indícios eventualmente apontem na direção contrária” (DE BLASIS *et al.*, 2007, p. 54).

A complexidade social nos grupos associados aos sambaquis catarinenses, no entanto, é vista sob outra perspectiva por Tânia Andrade Lima (1999/2000), que entende a coleta em larga escala, a arquitetura monumental, a produção especializada aliada a redes de troca e a difusão ideológica – manifestações que costumam ser associadas aos grupos pré-coloniais responsáveis pela formação dos sambaquis – como indicadores inequívocos de complexidade social, compondo um “elenco de atividades que para serem implementadas requerem comando, autoridade e controle suprafamiliar, sugerindo fortemente a existência de lideranças institucionalizadas e hierarquização” (LIMA, 1999/2000, p. 313).

Lima (1999/2000, p. 313) comenta que estudos sobre as grandes mudanças na trajetória da humanidade, como o advento da desigualdade social, geralmente são relacionados na Arqueologia a acontecimentos como o surgimento da agricultura ou do Estado, mas que hoje se sabe que este tipo de mudança pode ter acontecido também em meio a grupos de caçadores-coletores. De acordo com ela,

o surgimento da desigualdade, da hierarquia social e do poder institucionalizado entre grupos considerados igualitários, como os bandos caçadores-coletores, é um fenômeno que ocorre em condições bastante especiais e que vem sendo constatado em diferentes pontos do globo, sempre associado à subsistência baseada em recursos aquáticos. Ao que tudo leva a crer, essas condições parecem ter existido também no litoral meridional, particularmente em Santa Catarina, em tempos pré-históricos, o que permite inserir o Brasil em uma discussão de interesse mundial (LIMA, 1999/2000, p. 316).

Quais seriam essas “condições bastante especiais” que teriam dado origem à complexidade social entre os pescadores-caçadores-coletores do litoral catarinense? Ou melhor, quais as condições especiais que não só teriam gerado complexidade social, mas que também teriam feito com que esta se desse mais intensamente entre os grupos associados aos sambaquis do litoral norte e sul do que entre aqueles associados aos sítios do litoral central, resultando em montes de conchas de menores dimensões nesta porção litorânea?

Ora, já sabemos que os sambaquis das diferentes partes do litoral catarinense não se diferem com relação ao tipo de ambiente em que estavam assentados, não apresentam discrepâncias significativas quanto à cronologia e nem quanto à cultura material – pelo menos não diferenças que pudessem embasar a idéia de uma menor complexidade social para grupos humanos associados aos sambaquis do litoral central.

É possível ainda tentar identificar estas condições especiais na demografia a partir de estudos que vêm acontecendo no litoral sul, mais especificamente no sítio Jaboticabeira II, que apresentaria em torno de 43.000 indivíduos sepultados ao longo de 1.000 anos – se for levada em consideração uma cifra de 0,137 sepultamentos por metro cúbico para este sítio – o que implicaria numa densidade demográfica bastante alta e, se este tipo de cálculo for estendido aos demais sambaquis do litoral sul, “as cifras expandem-se de maneira quase assustadora” (DE BLASIS *et al.*, 2007, p. 49).

Levando estes números em consideração, teríamos para o litoral sul uma demografia muito maior que nas outras porções do litoral, uma vez que o volume do sambaqui influencia enormemente no resultado do cálculo, o que poderia ser pensado também para o litoral norte. De Blasis *et al* (2007, p. 48), contudo, alertam para o fato de que os parâmetros demográficos são bastante frágeis ainda e, portanto, assim também o são as inferências feitas com base neles.

De qualquer modo, a idéia de maior demografia não bastaria na explicação de uma complexidade social mais acentuada entre os pescadores-caçadores-coletores do litoral norte e sul e, além disso, a ocorrência de uma maior densidade demográfica nestas porções do litoral e uma menor densidade no litoral central igualmente precisaria ser aventada.

Considero esta questão da complexidade social ainda em aberto, julgando tanto a perspectiva de De Blasis *et al.* (2007) quanto a de Lima (1999/2000) pertinentes e, de todo modo, não descartando a possibilidade de ambas estarem corretas – porém para contextos diferentes – ou equivocadas. Penso que ainda serão necessárias muitas novas pesquisas para que a possibilidade relacionada à complexidade social seja considerada válida ou, descartada de vez das explicações para a descontinuidade dimensional dos sambaquis do litoral central.

De Blasis e Gaspar (2008/2009, p. 20), ao falarem sobre seus estudos no litoral sul, comentam que para que haja avanço na caracterização da complexidade social dos grupos associados aos sambaquis, deverão incluir em seu projeto de pesquisa as seguintes questões: uma caracterização demográfica mais precisa e sua evolução ao longo do tempo, a definição de padrões de diferenciação social e de organização político-religiosa, e identificação das elusivas áreas habitacionais. Creio que suas palavras possam ser feitas minhas e estendidas para as demais porções do litoral catarinense.

CAPÍTULO 3

Contribuições transdisciplinares para o estudo de um contexto peculiar

Uma vez apresentado o contexto de sambaquis do litoral central de Santa Catarina e após serem levantadas e analisadas algumas das possíveis explicações para este contexto diferenciado, chega o momento de cumprir a promessa presente no título deste trabalho e, finalmente, apresentar algumas contribuições transdisciplinares para seu estudo.

Evidentemente, o cumprimento de tal promessa implica, primeiramente, uma elucidação em torno da “transdisciplinaridade” que vem a caracterizar essas contribuições. O que, afinal, é transdisciplinaridade? Logo em seguida, se fará necessária nova elucidação, dessa vez sobre a relação entre a transdisciplinaridade e a Arqueologia. Alguns comentários serão feitos a respeito da característica da Arqueologia de reunir diversas disciplinas sobre um axioma comum, porém, são relações mais profundas que efetivamente conectam estes dois campos do conhecimento e, para que esta conexão seja estabelecida, será preciso realizar uma breve apresentação em torno da fenomenologia, que aqui aparecerá como elo entre a transdisciplinaridade e os autores Tim Ingold e Christopher Tilley, que serão trabalhados ao voltarmos para o domínio da Arqueologia.

Somente após os devidos esclarecimentos é que serão apresentadas as tão ansiadas contribuições, que deverão ser entendidas como nada mais, nada menos, que contribuições, sem vistas ao encerramento do assunto. Assim será desenvolvido este capítulo.

3.1 A ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR

Eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu “psiquismo”, eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3).

Estas palavras de Maurice Merleau-Ponty que surgem logo no começo do prefácio à sua “Fenomenologia da Percepção” sintetizam muitas das idéias que serão colocadas neste momento e, por isso, julguei pertinente apresentá-las tão logo fosse possível, sem rodeios.

Embora a fenomenologia de Merleau-Ponty tenha sido concebida na década de 1940, muito antes das primeiras formulações em torno da transdisciplinaridade, que tiveram início em 1970 – quando Jean Piaget, num encontro sobre a interdisciplinaridade promovido pela Organização da Comunidade Européia (OCDE), forjou o termo “transdisciplinar” (NICOLESCU, 2005, p. 2) –, algumas semelhanças podem ser identificadas entre ambas as formas de pensar o mundo. Aliás, existem semelhanças não só entre a abordagem transdisciplinar e as idéias de Merleau Ponty, mas entre a abordagem transdisciplinar e a fenomenologia em geral, representada também por outros importantes pensadores como Edmund Husserl e Martin Heidegger, que forneceram à abordagem transdisciplinar inspiração para a formulação de alguns de seus conceitos fundamentais.

Basarab Nicolescu, presidente do Centro Internacional para Pesquisa Transdisciplinar (CIRET), em Paris, ao falar sobre os diferentes níveis de realidade que a transdisciplinaridade pressupõe relaciona-os com as idéias de Husserl.

Inspirado pela fenomenologia de Edmund Husserl (1966), eu afirmo que os diferentes níveis de Realidade são acessíveis ao nosso conhecimento como um resultado dos diferentes níveis de percepção os quais estão

potencialmente presentes em nosso ser. Os níveis de percepção permitem uma visão da Realidade cada vez mais geral, unificadora e abrangente, sem nunca exauri-la inteiramente (NICOLESCU, 2006, p 148)¹⁵.

Assim como Nicolescu, o pensador e psicólogo transpessoal Pierre Weil, discorrendo sobre alguns dos princípios da transdisciplinaridade, também evidencia a contribuição da fenomenologia: “[...] temos adotado o conceito de ‘Ser’ em maiúscula, para indicar, no sentido de Heidegger (das Stein), uma visão do real, essencialmente aberta e que não pode ser reduzida a nenhuma ‘coisa’, ou ‘essência’, ou mesmo a um ‘elemento’ determinado” (WEIL, 1993, p. 50).

Estes trechos das obras de Nicolescu (2006) e Weil (1993), aqui citados de forma um tanto quanto descontextualizada, servem neste momento apenas para ilustrar a existência de uma relação entre a fenomenologia e a transdisciplinaridade. Mais à frente voltaremos a pensar em fenomenologia, mas, por ora, atenhamo-nos à abordagem transdisciplinar e contextualizemos os trechos tão isoladamente citados.

3.1.1 Da fragmentação do conhecimento à transdisciplinaridade

Houve um tempo em que não se dava qualquer tipo de separação entre a sensação, o sentimento, a razão e a intuição, sendo o conhecimento despertado a partir do equilíbrio entre tais funções. Este tempo pode ser considerado “pré-disciplinar”, caracterizado pela não-separatividade, pela identidade entre conhecedor, conhecimento e conhecido, ou seja, entre sujeito, conhecimento e objeto. A esta não-separatividade, no entanto, seguiu-se uma fragmentação pautada na ilusão da separação entre sujeito e objeto, sob influência do paradigma newtoniano-cartesiano, que levou a uma visão mecanicista do mundo e à supremacia do racionalismo científico (WEIL, 1993, p. 15-16). Este veio modelando, nos últimos séculos, a forma de pensar e de agir do homem ocidental, resultando, entre outras coisas, no enfoque disciplinar que domina as universidades atuais, comumente fragmentadas em ciências físicas, biológicas e humanas que, por sua vez, subdividem-se em outras numerosas disciplinas cada vez mais específicas, todas frutos do método analítico de Descartes, que busca a decomposição do todo nos seus elementos constituintes (CREMA, 1993, p. 131)

¹⁵ “Inspired by the phenomenology of Edmund Husserl (1966), I assert that the different levels of Reality are accessible to our knowledge as a result of the different levels of perception which are potentially present in our being. The levels of perception permit an increasingly general, unifying, encompassing vision of Reality, without ever entirely exhausting it” (NICOLESCU, 2006, p. 148).

A respeito disso, Roberto Crema coloca que

diante do acúmulo crescente do saber-e-fazer humano, foi sepultado o ideal do gênio enciclopédico e pluriapto, do “homem total”. O especialista, expert na parte, passou a ser o novo herói, Navegante do minúsculo, vidente do mínimo, o que sabe quase tudo de quase nada, caracterizado pela unilateralidade de visão e de ação [...] (CREMA, 1992, p. 132).

Se não há possibilidade de integração entre os inúmeros saberes acumulados ao longo do tempo, de que adianta a produção de conhecimento? É com base em questionamentos como este que surgem as primeiras tentativas de criação de pontes entre as diferentes áreas do conhecimento, outrora separadas do todo, por meio de abordagens pluri e interdisciplinares.

A pluridisciplinaridade se desenvolve quando há tentativa de trabalho em equipe, quando várias disciplinas coexistem num mesmo ramo, a exemplo das especializações da medicina ou da engenharia (WEIL, 1993, p. 28). Neste caso, o estudo de um único objeto, que tem origem em uma única disciplina, é realizado ao mesmo tempo por várias disciplinas, complementando a disciplina em questão (NICOLESCU, 2000, p. 14). Na interdisciplinaridade, a correlação entre os campos do conhecimento vai um pouco além, ocorrendo transferência de métodos de uma disciplina para outra (NICOLESCU, 2000, p. 15). Nesta fase, formam-se elos disciplinares que acabam por tornarem-se novas disciplinas (arqueologia + biologia = bioarqueologia) (WEIL, 1993, p. 29).

Como é possível perceber, as abordagens pluri e interdisciplinar ultrapassam as disciplinas, permitindo o diálogo entre diferentes formas de compreender o mundo, porém, não escapam à estrutura disciplinar, que permanece soberana.

É aí que entra a transdisciplinaridade, tentando transcender a disciplinaridade, superando a fragmentação do conhecimento humano em busca do estudo conjunto da natureza e do imaginário, do universo e do homem a partir do estabelecimento de uma axiomática comum entre diversas áreas do conhecimento (WEIL, 1993, p. 30 e 35). De acordo com Basarab Nicolescu, como o prefixo “trans” leva a pressupor, o termo “transdisciplinaridade” “[...] diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (NICOLESCU, 2000, p. 15).

Pierre Weil opta por diferenciar aquilo que ele chama de transdisciplinaridade parcial da transdisciplinaridade geral (ou abordagem holística). A abordagem holística, segundo ele

[...] implica uma visão resultante de uma experiência, que, por sua vez, é geralmente o resultado de uma combinação de holopraxis ou prática

experiencial com o estudo intelectual, ou holologia, de um enfoque analítico e sintético, de uma mobilização das funções ligadas ao cérebro direito e esquerdo e da sua sinergia, de um equilíbrio entre as quatro funções psíquicas, ou seja, a sensação, o sentimento, a razão e a intuição (WEIL, 1993, p. 38).

A transdisciplinaridade geral implica esta abordagem holística, esta união entre a experiência e o pensamento, entre a holopraxis e a holologia, ao passo que a transdisciplinaridade parcial origina-se a partir de uma abordagem unilateral, pautada somente na holologia, resultando num conceito limitado, puramente intelectual (WEIL, 1993, p. 38-39). A transdisciplinaridade parcial é o estabelecimento de uma axiomática comum a um conjunto de disciplinas dentro das ciências, das filosofias, das artes ou das tradições sapienciais, enquanto a transdisciplinaridade geral é a axiomática comum entre ciência, filosofia, arte e tradição, como foi definida na Declaração de Veneza¹⁶ (WEIL, 1993, p. 40).

3.1.2 Metodologia e alguns princípios

Weil (1993) define alguns princípios como norteadores da abordagem transdisciplinar – ou do que ele chama de novo paradigma holístico – dentre os quais apenas um requer, neste momento de estudo sobre sambaquis, maior atenção: a identidade entre conhecedor, conhecimento e conhecido.

Este princípio diz respeito à não-separabilidade entre sujeito e objeto. Conforme Weil (1993, p. 58), a distinção entre sujeito e objeto existe somente dentro da mente humana com a função de proteger a sobrevivência do sujeito como tal, pois, na realidade, o espaço não possui fronteiras, e o dualismo sujeito-objeto representa apenas um nível de realidade, o nível relativo, no qual não é possível alcançar o real, uma vez que deste faz parte o sujeito, o objeto e o processo de conhecimento.

Além dos princípios apontados por Weil, a abordagem transdisciplinar possui uma metodologia que é fundamentada em três elementos, os quais são explicados por Nicolescu (2000): 1) os níveis de realidade, 2) a complexidade, 3) e a lógica do terceiro incluído.

Nível de realidade é “um conjunto de sistemas invariável sob a ação de um número de leis gerais: por exemplo, as entidades quânticas submetidas às leis quânticas, as quais estão radicalmente separadas das leis do mundo macrofísico” (NICOLESCU, 2000, p. 22). Desta

¹⁶ Documento que sintetiza as discussões empreendidas pelos 19 participantes do colóquio “A ciência diante das fronteiras do conhecimento”, organizado pela UNESCO, com a colaboração da Fundação Giorgio Cini, entre 3 e 7 de março de 1986, em Veneza. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0006/000685/068502por.pdf>. Acesso em: 22 maio 2011.

forma, dois níveis de realidade só podem ser considerados diferentes se na passagem de um ao outro houver ruptura nas leis e conceitos fundamentais. Embora a possibilidade de passagem de um nível de realidade a outro não seja confirmada por formalismo matemático, a coexistência de diferentes níveis é possível, fato que tem sua maior comprovação na nossa própria existência, uma vez que possuímos corpos formados por uma estrutura macrofísica e, ao mesmo tempo, por uma estrutura quântica (NICOLESCU, 2000, p. 22).

Para Nicolescu (2000, p. 21), “realidade”, em seu sentido pragmático, é sobretudo aquilo que resiste às nossas manifestações no mundo – experiências, representações, descrições, imagens ou formalizações matemáticas – e, complementando tal definição, ele também fala sobre o sentido ontológico do termo:

é preciso dar uma dimensão ontológica à noção de Realidade, na medida em que a Natureza participa do ser do mundo. A Natureza é uma imensa e inesgotável fonte de desconhecido que justifica a própria existência da ciência. A Realidade não é apenas uma construção social, o consenso de uma coletividade, um acordo intersubjetivo. Ela também tem uma dimensão *trans-subjetiva*, na medida em que um simples fato experimental pode arruinar a mais bela teoria científica. Infelizmente, no mundo dos seres humanos, uma teoria sociológica, econômica ou política continua a existir apesar de múltiplos fatos que a contradizem (NICOLESCU, 2000, p. 21-22).

Difícil ler este trecho de Nicolescu sobre a dimensão ontológica da realidade e não recordar da citação da obra de Merleau-Ponty feita no início deste capítulo. Ambos os autores, em épocas e contextos textuais bastante distintos, estão falando sobre a mesma coisa: clamando pela experiência total do ser humano no mundo e, ao mesmo tempo, chamando atenção para o papel e o lugar da ciência neste mundo que, antes de qualquer coisa, é um mundo vivido.

O elemento da “complexidade” parte do pressuposto de que a complexidade em questão não é desordenada – e, portanto, sem razão de ser conhecida –, mas apresenta uma ordem e uma simplicidade diferenciada que justifica sua utilização como objeto de conhecimento, o que pode ser exemplificado pelos estudos de física e cosmologia quântica que mostram o quão coerente é, no Universo, a relação entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande (NICOLESCU, 2000, p. 25).

A complexidade, assim como os níveis de realidade, torna-se mais inteligível após uma breve introdução à lógica do terceiro incluído, da mesma forma que esta é mais facilmente compreendida quando há a possibilidade de recorrer aos demais elementos da metodologia.

De acordo com Nicolescu (2000, p. 25), a lógica clássica baseia-se em três axiomas:

1. O axioma da identidade: A é A.
2. O axioma da não-contradição: A não é não-A.
3. O axioma do terceiro excluído: não existe um terceiro termo T (T de “terceiro incluído”) que é ao mesmo tempo A e não-A.

Com base na idéia da existência de um único nível de Realidade, o segundo e o terceiro axiomas são evidentemente equivalentes e, na inexistência de um terceiro termo T, os termos A e não-A passam a ser exclusivamente antagônicos, pois é o que nossa mente, ao considerar a existência de somente um nível de realidade, permite que vejamos: um único nível de realidade só pode gerar antagonismos (NICOLESCU, 2000, p. 25-27). Em outras palavras e de forma bem simplificada, a lógica clássica coloca que uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, e uma coisa não pode ser duas coisas ao mesmo tempo. A lógica do terceiro incluído, no entanto, por pressupor a existência de vários níveis de realidade, vê distinção entre o segundo e o terceiro axiomas, modificando este último, que fica assim:

3. O axioma do terceiro incluído: existe um terceiro termo T (T de “terceiro incluído”) que é ao mesmo tempo A e não-A.

Desta forma, considera-se que existe, sim, um terceiro termo T diferente de A e de não-A e que, portanto, é ao mesmo tempo A e não-A. Existe, sim, a possibilidade de uma coisa ser duas coisas ao mesmo tempo.

A diferença básica entre a tríade hegeliana e a tríade do terceiro incluído está no papel do tempo: enquanto na tríade do terceiro incluído os três termos coexistem no tempo, na dialética de Hegel eles se sucedem sendo, portanto, impossível promover a conciliação dos opostos (NICOLESCU, 2000, p. 28). A lógica hegeliana é pautada na negação, sendo esta indispensável à geração do elemento positivo – tese, antítese, síntese –, ao passo que a lógica do terceiro incluído afirma, fazendo com que a tensão entre os contraditórios gere uma unidade que extrapola a síntese, conciliando os termos opostos. Creio que o exemplo da nossa própria existência – utilizado por Nicolescu para ilustrar seu argumento da coexistência de diferentes níveis de realidade – é mais uma vez pertinente neste caso: os níveis de realidade A e não-A, quântico e macrofísico, são diferentes, porém, não negam um ao outro, afirmam-se, coexistindo em nós, seres humanos, o terceiro incluído.

A complexidade pulula em meio à lógica do terceiro incluído. Impossível não percebê-la manipulando tudo em seu favor. Nicolescu (2000, p. 28), coloca, inclusive, que tal lógica não é apenas “[...] uma metáfora para um ornamento arbitrário da lógica clássica, permitindo algumas incursões aventureiras e passageiras no campo da complexidade. A lógica do terceiro

incluído é uma lógica da complexidade e até mesmo, talvez, sua lógica privilegiada [...]” uma vez que permite a travessia coerente entre os diversos campos do conhecimento.

É importante ainda colocar que em vez de negar a lógica do terceiro excluído, a lógica do terceiro incluído apenas limita sua área de validade, sendo aquela empregável somente em situações relativamente simples como a circulação de veículos numa estrada, à qual não é possível acrescentar um terceiro sentido em relação ao sentido permitido e ao proibido. Em situações mais complexas – a exemplo do campo social ou político –, contudo, a lógica do terceiro excluído pode ser de veras problemática – mas nem sempre –, gerando dicotomias a partir da exclusão: bem ou mal, direita ou esquerda, mulheres ou homens, ricos ou pobres, brancos ou negros (NICOLESCU, 2000, p. 28-29)

3.1.3 Em busca de uma Arqueologia transdisciplinar

Bem, e a Arqueologia, em que momento aparece nessa explanação sobre a transdisciplinaridade? A resposta a esta pergunta talvez se torne mais evidente se buscarmos auxílio em Merleau-Ponty e sua concepção de como devemos compreender a história, se por meio da ideologia, da política, da religião ou da economia. Ele coloca que tal compreensão deve acontecer a partir de todas as maneiras ao mesmo tempo, sendo em todas as maneiras, e sob todos os aspectos, reencontrada a mesma estrutura de ser, uma vez que “todas estas visões são verdadeiras, sob a condição de que não as isolemos, de que caminhemos até o fundo da história e encontremos o núcleo único de significação existencial que se explicita em cada perspectiva” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 17).

Podemos, também, retomar algumas das palavras de Merleau-Ponty (1999, p. 3) já anteriormente citadas, no início desta exposição em torno da transdisciplinaridade, por meio das quais ele diz que não é o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam seu corpo ou seu psiquismo, e que ele não pode pensar-se como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre ele o universo da ciência, uma vez que esta só existe porque o mundo é vivido, tentando explicá-lo.

A Arqueologia, como todos os outros campos do conhecimento, é uma ciência que só existe pela experiência do ser humano no mundo, e tem como objetivo entender este mundo e este ser humano a partir dos vestígios materiais deixado pelas populações do passado. Ora, o ser humano não é apenas uma parte do mundo, não é apenas o objeto da biologia, da psicologia ou da sociologia. O ser humano é vivência, é experiência, é multifacetado e, por

esta característica, uma ciência que o estuda não pode focar em apenas uma de suas inúmeras facetas, deve focar em todas. A Arqueologia não é história, não é antropologia, não é biologia ou geologia. A Arqueologia é uma ciência transdisciplinar, na qual todas as áreas do conhecimento humano – ciências, filosofias, artes e tradições – estão unidas sob um axioma comum: a vivência do ser humano no mundo.

Novas relações entre a Arqueologia e a abordagem transdisciplinar ainda serão feitas antes do fim deste trabalho. Por ora, finalizemos este assunto – que por demais já se estendeu – com um último comentário em prol da transdisciplinaridade, feito por Crema (1993, p. 139):

o divórcio entre a ciência e a consciência encontra-se na base da decadência ética e institucional do Ocidente. Quando a unidade conhecimento foi fragmentada em ciência, filosofia, arte e tradição espiritual, a roda do desastre foi posta a funcionar. Gradativamente, introjetamos a absurda classificação de ciências “exatas” e “humanas” [...]. Não é de espantar, portanto, que profissionais e técnicos bem-sucedidos, muitas vezes em altas posições dirigentes, tratem da dimensão social apenas manipulando números, estatísticas e gráficos, desdenhando, solenemente, a dimensão essencial dos valores. O humano foi reduzido a “recurso humano”, palavra desumanamente injuriosa, sustentada por uma atitude filosófica mecanicista utilitarista implícita, tão evocada, inclusive, por representantes das ditas ciências “humanas”.

“O pior perigo da humanidade é o cientista alienado!”, sentenciou o físico Oppenheimer, depois de quase enlouquecer, quando o cogumelo atômico pulverizou Hiroxima, Nagasaki e a nossa consciência.

Felizes os arqueólogos, que lidam com uma ciência que não possui tais poderes destrutivos. Ou possui?

Em 1911, Gustaf Kossina tem sua obra *Die Herkunft der Germanen* (A origem dos germanos) publicada. Inspirado por um patriotismo fanático, Kossina, formado em filosofia, volta-se para a arqueologia para descobrir a pátria originária dos falantes de línguas indo-européias e – conseqüentemente, dos alemães – declarando-a como a mais nacional das ciências, tendo em vista a sua – na época muito valorizada – capacidade de definir fronteiras culturais e de estabelecer o direito histórico ao território. Sua obra era uma mistura de importantes inovações teóricas – como a idéia de que as culturas não são definidas somente pelos seus artefatos, sendo igualmente necessário determinar seus modos de vida, e a conclusão do processo de substituição de um enfoque evolucionista por uma abordagem histórico-cultural – com uma fantasiosa glorificação da pré-história germânica, de uma raça senhorial biologicamente pura (TRIGGER, 2004, p. 159-162).

Radicalmente nacionalistas, estas idéias de Kossina não poderiam ter ficado de fora da reconstrução da nação alemã e, de fato, logo ganharam o apreço do partido nazista, fazendo

com que a pré-história germânica que narrava – muito embora seu idealizador já tivesse morrido em 1931 – se tornasse o principal componente curricular adotado pelo governo nazista para o ensino da pré-história nas escolas, além de, sob este mesmo governo, a Sociedade para a Pré-História Germânica receber nova designação: União Imperial para a Pré-História Germânica (TRIGGER, 2004, p. 159). O partido nacional-socialista soube reconhecer o potencial da obra de Kossina – e, logo, o da Arqueologia – para a criação de identidades com base nas fronteiras étnicas e, assim, fortalecer o nacionalismo alemão.

A despeito das conseqüências desastrosas que as teorias racistas de Kossina causaram, lhe façamos justiça. Ao desenvolver suas idéias, ele não estava, consciente e maquiavelicamente, criando uma grande mentira com vistas à manipulação da sociedade e ao extermínio de todos os grupos que não correspondessem à raça ariana. O que movia Kossina era o nacionalismo e o racismo que, naqueles anos, se faziam fortemente presentes no dia-a-dia de qualquer europeu, sendo sua idéias fruto da atmosfera da época.

Eis uma história verídica bastante conhecida e, em qualquer discussão sobre Arqueologia e poder, emblemática, que desvela as forças destrutivas da Arqueologia. Estas talvez não sejam tão poderosas quanto às de uma bomba atômica, mas os estragos que podem produzir não são lá muito diferentes. Façamos Arqueologia com consciência, façamos transdisciplinaridade.

3.2 UM POUCO DE FENOMENOLOGIA

A fenomenologia se fez aparecer, pela primeira vez, na obra de Edmund Husserl e, a partir daí, continuou aparecendo nas obras de diferentes pensadores como Scheler, Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre. Ela será agora brevemente apresentada, com as atenções recaídas sobre Heidegger e, mais especialmente, sobre Merleau-Ponty. O objetivo neste momento é estabelecer um elo entre a transdisciplinaridade e uma Arqueologia da paisagem que busca compreender a vivência do ser humano no mundo, para além do fato já comentado de que na Arqueologia todas as áreas do conhecimento humano (ciências, filosofias, artes e tradições) estão unidas sob um axioma comum. A fenomenologia constitui papel relevante no substrato destes dois campos de saberes a serem relacionados, possibilitando o estabelecimento de um elo mais profundo.

3.2.1 A ciência dos fenômenos

Segundo Heidegger (2008, p. 67-74), exteriormente e no que respeita a sua formação o termo “fenomenologia” (fenômeno + logos) corresponde a “ciência dos fenômenos”, assim como a teo-logia, a bio-logia e a socio-logia podem ser traduzidas por “ciência de deus”, “ciência da vida” e “ciência da sociedade”. Fenomenologia – Heidegger alerta –, no entanto, possui sentido diferente de teologia, biologia ou sociologia, pois estas evocam os objetos de suas respectivas ciências, como coisas em si, enquanto a fenomenologia se refere ao modo *como* se demonstra e se trata *o que* deve ser tratado nesta ciência.

O *modo* como se demonstra e se trata o que deve ser tratado é o de “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo” (HEIDEGGER, 2008, p. 74), é a manifestação da máxima “para as coisas elas mesmas!”. E *o que* é que deve ser tratado nesta ciência? Ou melhor, *o que* é que a fenomenologia deve “deixar e fazer ver”? Bem, se é preciso “deixar e fazer ver”, então *o que* deve ser tratado pela fenomenologia é algo que está velado. E, coloca Heidegger (2008, p. 75), o que num sentido extraordinário “[...] se mantém *velado* ou volta novamente a *encobrir-se* ou ainda só se mostra “*distorcido*” não é este ou aquele ente, mas o *ser* dos entes. O ser pode-se encobrir tão profundamente que chega a ser esquecido [...]”. Assim, *o que* deve ser tratado na fenomenologia é o ser dos entes, é aquilo que exige tornar-se fenômeno, revelar-se, sendo “fenômeno” o conceito oposto de “encobrimento”.

Está aí a importância da fenomenologia: desvelar os fenômenos que, numa primeira aproximação e na maioria das vezes, não estão dados, encontrando-se encobertos. A fenomenologia revela os fenômenos e, uma vez fenômenos, nada mais existe “atrás” deles, nada mais permanece velado (HEIDEGGER, 2008, p. 75). Somos, contudo, tão estreitamente ligados ao mundo, do começo ao fim, que não nos apercebemos disso, o que torna necessário um distanciamento dessa relação com o mundo, uma recusa de nossa cumplicidade, de forma que os fenômenos sejam revelados, que as transcendências apareçam (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 10). Para Merleau-Ponty, no entanto, esta necessidade de passar pelas essências não quer dizer que a fenomenologia as tome como objeto, mas como meio de alcançar exatamente o oposto às essências, significando que “nossa experiência está presa ao mundo de maneira demasiado estreita para conhecer-se enquanto tal no momento em que se lança nele, e que ela precisa do campo da idealidade para conhecer e conquistar sua facticidade” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 12).

A fenomenologia fala de um campo transcendental, sendo transcendental aquilo que se ignora o que é, mas que tem sua existência cegamente afirmada (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 494). Ela é de potência limitada, nunca possuindo o mundo inteiro sob seu olhar, dispondo apenas de uma visão parcial e, quanto a isso, Merleau-Ponty (1999, p. 20) coloca que

a fenomenologia, enquanto revelação do mundo, repousa sobre si mesma, ou, ainda, funda-se a si mesma. [...] Será preciso então que a fenomenologia dirija a si mesma a interrogação que dirige a todos os conhecimentos; ela se desdobrará então indefinidamente, ela será, como diz Husserl, um diálogo ou uma meditação infinita, e, na medida em que permanecer fiel à sua intenção, não saberá aonde vai. O inacabamento da fenomenologia e o seu andar incoativo não são o signo de um fracasso, eles eram inevitáveis porque a fenomenologia tem como tarefa revelar o mistério do mundo e o mistério da razão. Se a fenomenologia foi um movimento antes de ser uma doutrina ou um sistema, isso não é nem acaso nem impostura. Ela é laboriosa como a obra de Balzac, de Proust, de Valéry ou de Cézanne – pelo mesmo gênero de atenção e de admiração, pela mesma exigência de consciência, pela mesma vontade de apreender o sentido do mundo ou da história em estado nascente.

Heidegger (2008, p. 78) igualmente defende esta idéia da fenomenologia como algo inacabado ao dizer que “[...] o que ela possui de essencial não é ser uma ‘corrente’ filosófica *real*. Mais elevada do que a realidade está a *possibilidade*. A compreensão da fenomenologia depende unicamente de se apreendê-la como possibilidade”.

Bem, frente a esta meditação infinita, frente aos horizontes sempre abertos e, portanto, ao não esgotamento do mundo em nenhuma das visões perspectivas dele possíveis – nem mesmo o saber científico pode dar uma fórmula invariável de todo o universo – como é possível que alguma coisa apresente-se a nós, se sua síntese está sempre inacabada? É Merleau-Ponty (1999, p. 442-443) quem faz tal indagação que, como era de se esperar, permanece “em aberto”, sem solução. A formulação da resposta a esta questão é iniciada por ele de forma a arrebatar de vez qualquer esperança de solução conclusiva à qual nos agarrássemos: existe, sim, o determinado, mas um determinado relativo. Determinado relativo? Perguntamo-nos. Sim, continua ele, mesmo não sendo possível conhecer absolutamente uma coisa, como uma pedra, pois o conhecimento sobre ela nunca se conclui, ainda é verdade que a pedra percebida está ali, sendo reconhecida por quem a percebe. Ao final, a promessa de inacabamento é cumprida, Merleau-Ponty nos deixa com a contradição: “[...] a crença na coisa e no mundo só pode significar a presunção de uma síntese acabada, e todavia este acabamento é tornado impossível pela própria natureza das perspectivas a ligar, já que cada uma delas reenvia indefinidamente, por seus horizontes, a outras perspectivas” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 442).

Pensar nesta contradição proposta por Merleau-Ponty pouco tempo após termos pensado sobre a transdisciplinaridade e sua metodologia, torna inevitável a realização de uma comparação. E a comparação a ser feita aqui é entre o inacabamento da fenomenologia e a lógica do terceiro incluído, juntamente com a complexidade, descritas por Nicolescu (2000, p. 25-29) e pressupostas pela abordagem transdisciplinar.

O inacabamento atribuído à fenomenologia pode facilmente ser entendido sob a metodologia do terceiro incluído. No caso, um terceiro termo T (inacabamento), diferente de A (determinismo) e não-A (relativismo), é ao mesmo tempo A (determinismo) e não-A (relativismo). Os três termos coexistem no tempo, fazendo com que a tensão entre os contraditórios (determinismo e relativismo) gere uma unidade que extrapola a síntese, conciliando os termos opostos por meio da afirmação de todos eles. Determinismo do mundo e relativismo do mundo são diferentes, porém, não negam um ao outro, afirmam-se, coexistindo no inacabamento, na meditação infinita que é a fenomenologia. Temos aí uma realidade complexa como aquela apontada por Nicolescu (2000, p. 25), que se apresenta ordenada em sua complexidade, coerente e com uma simplicidade diferenciada. Uma simplicidade complexa? Sim. Uma vez compreendida, é difícil escapar à lógica do terceiro incluído.

Se os pensadores da transdisciplinaridade inspiraram-se naqueles da fenomenologia para formular seus principais fundamentos não foi possível saber a partir da bibliografia consultada – sabe-se desta inspiração em alguns princípios específicos como o conceito de “ser” e os níveis de realidade –, mas que a fenomenologia trata de questões que mais tarde vieram a ser sistematizadas na abordagem transdisciplinar não é possível negar. E as correlações passíveis de serem feitas entre as duas áreas do conhecimento não param por aí. Além da complexidade e da lógica do terceiro incluído, elas concordam quanto à inexistência de dualidade entre sujeito e objeto.

3.2.2 Para além da dicotomia sujeito-objeto

Weil (1993, p. 58) coloca que a distinção sujeito-objeto só existe dentro da mente humana, impedindo-nos de alcançar o real, uma vez que deste faz parte o sujeito, o objeto e o processo de conhecimento (conhecedor, conhecimento e conhecido). Nesse mesmo sentido, Heidegger (2008, p. 90) defende que “[...] o princípio de um eu e sujeito, dados como ponto de partida, deturpa, de modo fundamental, o fenômeno da presença” e que o culpado por isso seria Descartes e a distinção que faz entre a “coisa pensante” e a “coisa corpórea”, que resulta

na oposição entre “natureza” e “espírito” (HEIDEGGER, 2008, p. 140). Para Heidegger (2008, p. 92), está em questão todo o ser do homem apreendido como unidade de corpo, alma e espírito e “conhecer” é um modo de presença do ser-no-mundo, então,

ao dirigir-se para... e apreender, a presença não sai de uma esfera interna em que antes estava encapsulada. Em seu modo de ser originário, a presença já está sempre “fora”, junto a um ente que lhe vem ao encontro no mundo já descoberto. E o deter-se determinante junto ao ente a ser conhecido não é uma espécie de abandono da esfera interna. De forma nenhuma. Nesse “estar fora”, junto ao objeto, a presença está “dentro”, num sentido que deve ser entendido corretamente, ou seja, é ela mesma que, como ser-no-mundo, conhece. E, mais uma vez, a percepção do que é conhecido não é um retorno para o “casulo” da consciência [...] (HEIDEGGER, 2008, p. 109).

Conhecedor, conhecimento e conhecido estão dentro e fora ao mesmo tempo, estão-no-mundo, coexistindo – mais à frente o “ser-no-mundo” de Heidegger será melhor explicado.

Esta opinião é também compartilhada por Merleau-Ponty (1999, p. 497), ao comentar que ir das coisas ao pensamento das coisas, como o faz Descartes, é reduzir a experiência a uma soma de acontecimentos psicológicos, é entendê-la como condição da consciência, sem a qual nada haveria no mundo. O cartesianismo baseia-se na aparente transparência de um objeto sem dobras e na aparente transparência de um sujeito que é apenas aquilo que pensa ser (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 268), sem dar-se conta dos fenômenos que estão por trás, do mistério com que a fenomenologia trabalha. Merleau-Ponty (1999, p. 17) resgata Marx e afirma que a história não anda com a cabeça, acrescentando, porém, ser igualmente verdade que ela não pensa com os pés e que, deste modo, o importante não é atentar para a cabeça ou para os pés, mas para o corpo. O sentido da máxima de Descartes “Eu penso, eu sou” é aqui invertido, pois “[...] não é o Eu penso que contém eminentemente o Eu sou, não é minha existência que é reduzida à consciência que dela tenho, é inversamente o Eu penso que é reintegrado ao movimento de transcendência do Eu sou e a consciência à existência” (MERLEAU, PONTY, 1999, p. 513).

A visão de sujeito e objeto como antagônicos é responsável pela concepção de “mundo” e “tempo” que o cartesianismo apresenta, sendo estes entendidos como uma pedra em sua existência plena que, num primeiro olhar, parece absolutamente determinada em sua cor, dureza e tepidez, como se nela o mundo inteiro se cristalizasse, sendo o mundo uma soma de coisas análogas a essa pedra, e o tempo uma soma de instantes perfeitos como esse (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 446). Já vimos, todavia, que as coisas e o mundo são misteriosos, não comportando nenhum esclarecimento, pois não são da ordem do pensamento

objetivo, em que existem soluções. Já vimos que ambos apresentam-se “abertos”, reenviando-nos para além de suas manifestações determinadas, prometendo-nos sempre algo a mais, contudo, para chegar a este entendimento é preciso que não nos limitamos ao seu aspecto objetivo e os recolocamos no ambiente da subjetividade (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 447).

Para Merleau-Ponty (1999, p. 18), “a aquisição mais importante da fenomenologia foi sem dúvida ter unido o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção do mundo ou da racionalidade”. Segundo ele, existe, sim, racionalidade, mas ela é exatamente proporcional às experiências nas quais se revela, não devendo ser posta à parte, transformada em espírito absoluto ou em mundo no sentido realista.

Assim como a natureza não é em si geométrica, só aparecendo assim para um observador que se atém aos dados macroscópicos, a sociedade humana não é uma comunidade de espíritos racionais. A experiência do caos

[...] convida-nos a perceber o racionalismo em uma perspectiva histórica à qual ele por princípio pretendia escapar, a procurar uma filosofia que nos faça compreender o surgimento da razão em um mundo que ela não fez e a preparar a infra-estrutura vital sem a qual razão e liberdade se esvaziam e se decompõem. Não diremos mais que a percepção é uma ciência iniciante, mas, inversamente, que a ciência clássica é uma percepção que esquece suas origens e se acredita acabada. O primeiro ato filosófico seria então retornar ao mundo vivido aquém do mundo objetivo, já que é nele que poderemos compreender tanto o direito como os limites do mundo objetivo, restituir à coisa sua fisionomia concreta, aos organismos sua maneira própria de tratar o mundo, à subjetividade sua inerência histórica, reencontrar os fenômenos, a camada de experiência viva através da qual primeiramente o outro e as coisas nos são dados, o sistema “Eu-Outro-as coisas” no estado nascente, despertar a percepção e desfazer a astúcia pela qual ela se deixa esquecer enquanto fato e enquanto percepção, em benefício do objeto que nos entrega e da tradição racional que funda (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 89-90).

Baseando-se no racionalismo e, assim, desprendendo o sujeito do objeto e o objeto do sujeito, o pensamento cartesiano faz com que existam somente dois modos de ser, o “ser em si” (o dos objetos), e o “ser para si” (o da consciência). Seguindo esta linha de raciocínio, “[...] diante de mim outrem seria um em si, e todavia ele existiria para si, para ser percebido ele exigiria de mim uma operação contraditória, já que ao mesmo tempo deveria distingui-lo de mim, portanto situá-lo no mundo dos objetos, e pensá-lo como consciência [...]” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 468). Desta forma, é preciso escolher entre Outrem ou Eu, colocando-se um contra o outro e, desta forma, Outrem me transforma em objeto e me nega, e Eu transformo Outrem em objeto e o nego. Isso acontece porque ambos, Outrem e Eu, nos retiramos para o fundo de nossa natureza pensante, olhando um ao outro de forma inumana,

como se as ações empreendidas por cada um fossem as ações de um inseto (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 483-484).

A experiência do corpo – assim como a existência da possibilidade de um indivíduo, com uma de suas mãos, apalpar a outra –, contudo, impede esta perspectiva dualística sujeito-objeto, Eu-Outrem, revelando um modo de existência ambíguo, uma unidade sempre implícita e confusa: o corpo não é objeto e a consciência que dele tenho não é um pensamento. Não sou nem coisa nem consciência. Sou coisa e consciência ao mesmo tempo, “[...] sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 268). Não posso mover meu corpo de mim, afastá-lo, como se fosse um objeto qualquer, e, se minha consciência possui um corpo, por que os outros corpos não possuiriam consciências?

Entender o mundo a partir da dicotomia sujeito e objeto impede a compreensão da existência de Outrem, sendo necessário, para a superação desta dicotomia e conseqüente aceitação de Outrem, colocar o pensamento objetivo em dúvida e retornar às coisas mesmas, retornar ao mundo anterior ao conhecimento científico do qual o conhecimento científico sempre fala. O pensamento objetivo pressupõe um sujeito puro, sempre em concordância consigo mesmo, fazendo com que não haja lugar para Outrem e para uma pluralidade de consciências, mas a partir do momento em que se retira o corpo do mundo objetivo, entendendo-o como corpo próprio, ele forma, entre o sujeito puro e o objeto, um terceiro gênero de ser, fazendo com que o sujeito puro do cartesianismo perca sua pureza e transparência (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 468-470). Ou seja, para superar a dicotomia sujeito-objeto e, assim, aceitar a existência de Outrem, é preciso reconhecer a complexidade, dando margens à aparição de um terceiro-incluído, que coexiste junto ao sujeito e ao objeto.

É interessante notar como o processo de superação da dicotomia sujeito-objeto se faz mais inteligível se entendido por meio das sistematizações transdisciplinares sobre a complexidade e a lógica do terceiro-incluído. A situação é mais complexa que uma simples oposição entre sujeito e objeto, pois estes na verdade não se opõem. Eles se confundem e se afirmam, gerando um terceiro-incluído que corresponde à unidade entre eles, uma realidade simples como é a experiência do corpo próprio e, ao mesmo tempo, complexa. O “ser-no-mundo” de Heidegger.

3.2.3 Ser-no-mundo

A expressão composta “ser-no-mundo”, criada por Martin Heidegger, não apenas auxilia na superação da dicotomia cartesiana do sujeito e objeto como pode ser considerada a própria superação em questão.

De acordo com seu criador, embora composta, tal expressão “[...] já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de *unidade*. [...] A impossibilidade de dissolvê-la em elementos, que podem ser posteriormente compostos, não exclui a multiplicidade de momentos estruturais que compõem esta constituição” (HEIDEGGER, 2008, p. 98-99). O “ser-no-mundo” comporta uma tríplice visualização: 1) o “*em-um-mundo*”; 2) o *ente* que sempre é; e 3) o *ser-em* como tal; sendo que “todo destaque de um destes momentos constitutivos significa destacar também os demais, isto é, significa ver, cada vez, todo o fenômeno” (HEIDEGGER, 2008, p. 99).

O “ser-em” do ser-no-mundo não indica que uma coisa simplesmente dada (o corpo vivo do humano) está, espacialmente, dentro de outra (o mundo) porque, em sua origem, o “em” não significa uma relação espacial deste tipo:

[...] “em” deriva-se de *innan-*, morar, habitar, deter-se; “an” significa: estou acostumado a, habituado a, familiarizado com, cultivo alguma coisa; possui o significado de *colo*, no sentido de *habito* e *diligo*. O ente, ao qual pertence o ser-em, neste sentido, é o ente que sempre eu mesmo sou. A expressão “sou” conecta-se a “junto”; “eu sou” diz, por sua vez: eu moro, detenho-me junto... ao mundo, como alguma coisa que, deste ou daquele modo, me é familiar. Como infinitivo de “eu sou”, isto é, como existencial, ser significa morar junto a, ser familiar com (HEIDEGGER, 2008, p. 100).

O eixo central da expressão “ser-no-mundo”, portanto, remete à experiência de deter-se junto ao mundo, de ir ao encontro dele, de estar habituado a ele. Este entendimento de “ser” que coloca o ser humano no mundo, onde estão todos os pensamentos e percepções e onde ele se conhece, é também empregado por Merleau-Ponty (1999, p. 6) e comparado ao entendimento de “ser” e de “mundo” que o cartesianismo propõe. Segundo uma perspectiva cartesiana e, portanto,

enquanto Ego meditante, posso distinguir muito bem de mim o mundo e as coisas, já que seguramente eu não existo à maneira das coisas. Devo até mesmo afastar de mim o meu corpo, entendido como uma coisa entre as coisas, como uma soma de processos físico-químicos. [...] O mundo que eu distinguia de mim enquanto soma de coisas ou de processos ligados por relações de causalidade, eu redescubro “em mim” enquanto horizonte

permanente de todas as minhas *cogitationes*¹⁷ e como uma dimensão em relação à qual eu não deixo de me situar. O verdadeiro *Cogito*¹⁸ não define a existência do sujeito pelo pensamento de existir que ele tem, não converte a certeza do mundo em certeza do pensamento do mundo e, enfim, não substitui o próprio mundo pela significação do mundo. Ele reconhece, ao contrário, meu próprio pensamento como um fato inalienável, e elimina qualquer espécie de idealismo revelando-me como “ser no mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 9).

Merleau-Ponty (1999, p. 273) exemplifica muito bem a dinâmica do ser-no-mundo ao mostrar que “o corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema”.

A noção de “ser-no-mundo”, assim como os demais fundamentos da fenomenologia aqui apresentados, remete-nos à transdisciplinaridade – ou esta nos remete ao “ser-no-mundo”, se pensarmos em termos cronológicos. A expressão cunhada por Heidegger evoca a superação do dualismo sujeito-objeto, aparecendo como terceiro-incluído que une os dois termos e, desta forma, aponta para a complexidade latente do mundo. Além disso, o “ser-no-mundo” está presente no conceito de “ser” – conforme definido por Weil (1993, p. 50)¹⁹ e já anteriormente citado – que embasa a abordagem transdisciplinar.

Brevemente apresentados alguns dos fundamentos da “ciência dos fenômenos” e estes entendidos à luz das recentes sistematizações que constituem a metodologia da transdisciplinaridade, é chegado o momento de adentrarmos novamente o domínio da Arqueologia.

3.3 E DE VOLTA À ARQUEOLOGIA

3.3.1 Tim Ingold e sua *dwelling perspective*

Buscando superar a tese pautada na separação entre o naturalmente real e o culturalmente imaginado de que o ser humano é constituído por dois sistemas diferentes, porém, complementares, – o das relações ecológicas (biofísico), que o faz organismo, e o das

¹⁷ *Cogitationes*: do latim, pensamentos.

¹⁸ *Cogito*: do latim, “Cogito, ergo sum” (Penso, logo existo). Disponível em: <http://www.multcarpo.com.br/latim.htm#C>. Acesso em: 13 jun. 2011.

¹⁹ “[...] temos adotado o conceito de ‘Ser’ em maiúscula, para indicar, no sentido de Heidegger (das Stein), uma visão do real, essencialmente aberta e que não pode ser reduzida a nenhuma ‘coisa’, ou ‘essência’, ou mesmo a um ‘elemento’ determinado” (WEIL, 1993, p. 50).

relações sociais (sociocultural), que o faz pessoa – o antropólogo britânico Tim Ingold (2002, p. 3) ansiando por uma melhor compreensão do ser humano e suas percepções de mundo, passou a trabalhar com a perspectiva de que o organismo e a pessoa são uma mesma e única coisa. Nisso, Ingold (2002, p. 5) desenvolve a idéia de que o ser humano está, desde o princípio, engajado em seu meio circundante, como organismo-pessoa que forma uma totalidade indivisível com o mundo, este habitado por objetos inanimados, seres humanos e não-humanos que se relacionam uns com os outros.

Esta perspectiva, que ele chama de *dwelling perspective*²⁰, trata a imersão do organismo-pessoa no mundo como condição inexorável de existência. O mundo continuamente nasce e acontece em torno de seus habitantes, e os múltiplos constituintes deste mundo ganham significado por meio de sua incorporação num padrão regular de atividade empreendido na própria vivência do mundo (INGOLD, 2002, p. 153). Tal perspectiva vai contra aquela comumente utilizada na antropologia social e cultural de que antes de agir no mundo as pessoas o “constroem” em suas consciências, a qual Ingold chama de *building perspective* ou, perspectiva da construção.

Compreender o ser humano e o mundo a partir da *dwelling perspective* requer a realização de algumas considerações. Uma delas diz respeito à noção de “meio-ambiente” (INGOLD, 2002, p. 20), que deve sempre ser entendido como relativo, sendo impossível haver um organismo sem um meio-ambiente ou um meio-ambiente sem um organismo, uma vez que ambos se desenvolvem juntos e em torno um do outro e, portanto, enquanto há vida, há desenvolvimento contínuo, há história. De acordo com Ingold, o conceito de “meio-ambiente” não pode, em hipótese nenhuma, ser confundido com o de “natureza”, pois “[...] o mundo pode existir como natureza somente para um ser que não faz parte dele, e que pode olhar de cima, na maneira do cientista imparcial, de uma distância tão segura que é fácil ser conivente na ilusão de que não é afetado por sua presença”²¹ (INGOLD, 2002, p. 20).

A outra consideração a ser feita coloca em questão os meios pelos quais aprendemos a perceber o mundo da forma que percebemos. A antropologia comumente entende este aprendizado como sendo possibilitado pela transferência de crenças e proposições de uma geração para a outra, idéia que Ingold (2002, p. 21) refuta, mas não por negar que

²⁰ A tradução literal de *dwelling* aponta para “habitação”, “moradia”. No caso, a *dwelling perspective* de Ingold poderia ser traduzida como “perspectiva da moradia, da habitação”, mas por achar que tal tradução não faz jus àquilo que Ingold tentou expressar com a cunhagem deste termo, optei por utilizar o termo da forma como ele é originalmente utilizado pelo autor.

²¹ “[...] the world can exist as nature only for a being that does not belong there, and that can look upon it, in the manner of the detached scientist, from such a safe distance that it is easy to connive in the illusion that it is unaffected by his presence” (INGOLD, 2002, p. 20).

informações possam ser comunicadas de geração em geração e, sim, porque para ele informação não é conhecimento – um sábio não é sábio devido a acúmulo de informações, mas por sua “[...] capacidade de situar tais informações, e entender seus significados, dentro do contexto de um engajamento perceptivo direto com o meio-ambiente”²² (INGOLD, 2002, p. 21). E esta capacidade é adquirida quando temos as coisas “mostradas” para nós, pois neste ato somos convocados a atentar a elas, não para decodificá-las, mas para descobrir seus significados por nós mesmos, experienciando-as, apreendendo-as diretamente por meio de chaves, ou pistas, que abrem as portas da percepção e, quanto mais chaves, mais portas podem ser abertas. É, portanto, por meio da aquisição destas chaves que o ser humano aprende a perceber o mundo da forma como percebe, são elas que permitem a percepção (INGOLD, 2002, p. 22).

Tais chaves nos levam a uma última consideração sobre a *dwelling perspective*, que é a das “habilidades”, ou aquilo que Ingold chama de *skills*. Quando fala em “habilidades”, Ingold (2002, p. 5) não se refere a técnicas do corpo, mas às capacidades de ação e percepção do organismo-pessoa situado no mundo, sendo elas, portanto, tanto biológicas quanto culturais. As chaves que abrem a percepção, mencionadas acima, nada mais são do que “habilidades”, não transmissíveis de uma geração a outra e incorporadas ao organismo-pessoa somente por meio da experiencição de atividades específicas do dia-a-dia. Desta forma, é possível, inclusive, dizer que variações culturais consistem, simplesmente, em variações de “habilidades”, resultando em percepções de mundo diferentes.

Se o entendimento de ser humano e de mundo que a *dwelling perspective* sugere parece um tanto familiar neste momento, não é à toa: ao formulá-la, Ingold (2002, p. 4) inspirou-se profundamente na fenomenologia, bem como numa combinação entre pensamento “relacional” na antropologia, pensamento “ecológico” na psicologia e pensamento de “sistemas do desenvolvimento” na biologia. A *dwelling perspective* é, portanto, uma perspectiva transdisciplinar, no sentido de reunir um conjunto de áreas do conhecimento sob o axioma comum da vivência do ser humano no mundo.

Ingold faz seguidas referências a autores como Gregory Bateson, James J. Gibson, Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty conforme desenvolve suas idéias. Entre as idéias de Bateson que recebem sua atenção, é destacada principalmente a forma como ele se contrapõe à noção de que existe um limite entre o externo (mundo) e o interno (mente humana), por onde o conhecimento – mensagens codificadas enviadas pelo mundo – passa e é

²² “[...] capacity to situate such information, and understand its meaning, within the context of a direct perceptual engagement with our environments” (INGOLD, 2002, p. 21).

decodificado pelos sentidos e pelo cérebro para transformar-se em representação mental. Bateson considera absurdo este entendimento das coisas, sugerindo, pelo contrário, que a mente se estende no meio-ambiente juntamente com múltiplas formas sensoriais como, por exemplo, a bengala nas mãos de um ser humano cego (INGOLD, 2002, p. 17-18).

Os estudos pioneiros de Gibson sobre percepção visual que forneceram a base para a criação de uma “psicologia ecológica” são igualmente importantes para Ingold (2002, p. 165-166) a partir do momento em que propõem que a atividade perceptiva não é uma operação da mente sobre o corpo e, sim, um movimento intencional de todo o ser – e “todo o ser” quer dizer “corpo e mente indissociavelmente” – em seu meio-ambiente²³. Perceber é extrair as constâncias, extrair aquilo que permanece invariável conforme o ser que percebe se movimenta de um lugar para o outro – por exemplo, olhamos para o meio-ambiente e vemos objetos em vez dos padrões de luz que os tornam visíveis. O que percebemos depende, portanto, de como agimos: conforme a atividade em que estivermos engajados, estaremos em consonância para captarmos determinados tipos de informação, ou *affordances*, como coloca Gibson. E estas informações nunca se esgotam, pois a percepção não tem limites, sendo sempre possível ver novas coisas num mundo que permanece o mesmo e estas novas coisas estão sempre ali, para serem percebidas num ato de descoberta por qualquer um que esteja atento a elas. Aprende-se a perceber o mundo na maneira apropriada a uma determinada cultura a partir da vivência das tarefas diárias que exigem a prática de notar as informações contidas no meio-ambiente, aprende-se não por meio de transmissão de conhecimento, mas por uma “educação de atenção”.

Quanto a Heidegger e Merleau-Ponty, que já receberam atenção aqui e, portanto, de certa forma já nos são conhecidos, suas maiores contribuições a Ingold (2002, p. 168) estão na perspectiva de “ser-no-mundo”, que vai um pouco mais além que a perspectiva de Gibson “daquele que percebe-no-seu-meio ambiente”. Para esta última, o mundo percebido pelo ser que se move é permanente, pré-preparado com todas as informações (*affordances*), que nele se encontram prontas e à espera de serem descobertas por um ser. O “ser-no-mundo” de Heidegger e utilizado por Merleau-Ponty, por sua vez, refere-se a um mundo que emerge com suas propriedades ao mesmo tempo em que emerge aquele que percebe, sendo o nascimento

²³ Este entendimento de Gibson em muito se assemelha à teoria da prática de Pierre Bourdieu, ao seu *habitus*, porém Bourdieu exerceu um impacto muito maior – sendo mais densamente explorado – do que Gibson sobre a antropologia cultural e social, pois este último não se dedicou muito à compreensão de como se dá a relação de percepção entre seres humanos e seus iguais ou outros animais, apenas colocando que, assim como na relação de percepção entre seres humanos e objetos inanimados – seu foco de estudo –, o percebido responde àquele que percebe, ocorrendo uma verdadeira interação que faz do objeto inanimado um objeto animado (INGOLD, 2002, p. 167).

do ser que percebe parte do processo de nascimento do mundo e, desta forma, impossível definir onde um termina e o outro começa.

E a Arqueologia? Ingold não se refere com muita frequência à Arqueologia, mas baseia muitas de suas reflexões em grupos humanos de caçadores-coletores, exemplificando a maior parte de suas idéias por meio de relatos etnográficos.

Do ponto de vista da antropologia ocidental, as atividades de caça e coleta empreendidas pelos grupos indígenas costumam ser colocadas no “mundo natural”, como interações entre organismos e recursos ambientais que podem satisfazer suas necessidades, e somente após a extração dos recursos é que eles são transferidos para o “mundo social”, onde são distribuídos segundo determinadas regras sociais (INGOLD, 2002, p. 46). Do ponto de vista dos caçadores-coletores em questão, no entanto, não há esta separação entre um mundo natural e outro social, nem entre corpo e mente. Para eles, o mundo é apenas um, com todos os seus objetos inanimados, seres humanos e não-humanos, e nele vivemos como organismos-pessoas, relacionando-nos continuamente com estes seres e objetos. Grupos de caçadores-coletores passam a conhecer seu meio-ambiente repleto de plantas e animais da mesma forma que passam a conhecer outros seres humanos, tornando-se familiares, íntimos, “[...] passando tempo com eles, investindo na sua relação com eles os mesmos tipos de cuidado, sentimento e atenção”²⁴ (INGOLD, 2002, p. 47). É claro, Ingold (2002, p. 52) comenta, que após estes encontros com outros seres e coisas, apenas os humanos poderão narrar o acontecido, por meio de linguagem, porém, estas narrativas – bem como teorias e modelos científicos – jamais seriam possíveis para alguém que não estivesse engajado no mundo e nas relações que o estar-no-mundo implica, fazendo sentido somente dentro de um contexto vivido.

Com isso, percebemos que em meio a grupos de caçadores-coletores não há dualismo entre natureza e sociedade, nem entre humanidade e animalidade, mas isso não quer dizer que eles não consigam diferenciar seres humanos de animais (INGOLD, 2002, p. 49), apenas que a diferença não está entre um organismo e uma pessoa – como advoga o racionalismo ocidental –, mas entre dois tipos diferentes de organismos-pessoas que possuem em comum o fato de estarem vivos, sendo o ser humano somente uma das várias formas de apresentar-se como pessoa no mundo. A antropologia ocidental, entretanto, costuma taxar esta percepção de mundo dos caçadores-coletores como metafórica, no sentido de “a natureza é *como* a sociedade”, ou “os animais são *como* os seres humanos”, e não no sentido que as metáforas,

²⁴ “[...] by spending time with them, investing in one’s relations with them the same qualities of care, feeling and attention” (INGOLD, 2002, p. 47)

de fato, buscam passar, que é o de “a natureza é a sociedade” e “os animais são os seres humanos” (INGOLD, 2002, p. 50).

Ingold (2002, p. 40) sugere que entendamos os caçadores-coletores com seriedade, ou seja, não pensando que a forma como vivem resulta de uma construção cultural diferente de realidade, alternativa a nossa. Ao se pensar assim parte-se do pressuposto de que para os seres humanos as coisas só passam a existir a partir do momento em que recebem significado dentro de um sistema de representações mentais transmitidas de geração em geração – a cultura – e que, portanto, indivíduos que pertencem a culturas diferentes entendem o mesmo mundo com seus seres e objetos de forma diferente. Assim, ver o meio-ambiente como “natureza”, de um ponto de vista externo a ele, como o faz o racionalismo ocidental, seria resultado de uma construção cultural, e todo meio-ambiente seria constituído culturalmente (INGOLD, 2002, p. 41).

Há, contudo, um paradoxo aí: se é verdade que o conceito de “natureza” deve ser entendido como construção cultural, o mesmo vale para o conceito de “cultura” e “tentar aplicar esta lógica é ser pego de uma vez no *vortex* de um regresso infinito: se as categorias opostas de “natureza” e “cultura” são construções culturais, assim o deve ser a cultura que constrói elas, e a cultura que constrói esta, e a assim por diante, *ad infinitum*”²⁵ (INGOLD, 2002, p. 42).

E as coisas só deixam de girar em torno de si mesmas ao lembrarmos da *dwelling perspective*, e que aprender a perceber é adquirir “habilidades”, logo, diferentes percepções de mundo não são resultado de um processo de aculturação, mas de aquisição de “habilidades”, ou *enskilment*, nas palavras de Ingold (2002, p. 55). Se um caçador-coletor percebe coisas que passam despercebidas para nós, isso não se dá graças às suas representações mentais, mas porque seu sistema perceptivo está mais atento para captar determinadas informações que um indivíduo sem as mesmas “habilidades” não consegue captar, e quanto mais “habilidoso” o indivíduo que percebe, em maior riqueza e profundidade o mundo lhe aparecerá (INGOLD, 2002, p. 55-56).

Tendo tudo isso em vista, Ingold (2002, p. 42) termina por dizer – e esta é uma de suas maiores contribuições a este estudo sobre os sambaquis do litoral central – que os caçadores-coletores não são peculiares na indivisibilidade entre natureza e cultura que marca seu entendimento de mundo, este habitado por organismos-pessoas e objetos que com ele formam

²⁵ “To attempt to apply this logic is at once to be caught in the vortex of an infinite regress: if the opposed categories of ‘nature’ and ‘culture’ are themselves cultural constructs, then so must be the culture that constructs them, and the culture that constructs that, and so on ad infinitum” (INGOLD, 2002, p. 42).

uma unidade. Eles não possuem uma “visão de mundo” diferente daquela dos cientistas e humanistas ocidentais, nem vivem o meio-ambiente de uma forma que as outras pessoas não vivem. O que Ingold sugere é que revertamos esta ordem de prioridade, deixando-nos conduzir pelos caçadores-coletores – em vez de entendê-los a partir de nós, o que só pode resultar numa compreensão pautada na distinção – e, assim, tomar a condição humana como sendo aquela de um ser imerso desde o início no mundo com suas criaturas e objetos, num engajamento com todos os seus constituintes. O motivo desta reversão de prioridades é muito bem explicado por ele e, por esta razão segue na íntegra.

Esta ontologia do *dwelling*, eu afirmo, nos fornece uma melhor forma de compreender a natureza da existência humana que a alternativa, ontologia Ocidental que tem como ponto de partida uma mente descolada do mundo, e que literalmente tem que formulá-lo – para construir um mundo intencional em consciência – antes de qualquer tentativa de engajamento. O contraste, eu repito, não é entre visões de mundo alternativas; é antes entre duas formas de apreendê-lo, somente umas delas (a Ocidental) pode ser caracterizada como a construção de uma visão, ou seja, como um processo de representação mental. Enquanto para a outra, apreender o mundo não é uma questão de construção mas de engajamento, não de construção mas de *dwelling*, não de fazer uma visão do mundo mas de ter uma visão *nele* [...] (INGOLD, 2002, p. 42).

Se pessoas de diferentes lugares e trajetórias de vida entendem uma mesma situação de maneira diferente, isso não ocorre porque elas carregam diferentes sistemas simbólicos. Brasileiros e japoneses, caçadores-coletores pré-coloniais e cientistas modernos, grupos associados aos sambaquis do litoral central e grupos associados aos sambaquis do litoral norte e sul, todos vivem por meio de engajamento no mundo e as diferenças que se instauram entre eles se dão unicamente por possuírem formas diferentes de apreender este mundo, estas possibilitadas por diferentes “habilidades” adquiridas ao longo de suas vidas no engajamento com o mundo. Diferentes “habilidades” resultam em diferentes apreensões do mesmo mundo devido às diferentes informações que o meio-ambiente fornecerá conforme a “habilidade” empregada.

A cultura – termo forjado por pensadores modernos ocidentais para explicar as diferenças entre os povos, que abarca o conjunto de crenças e costumes de um determinado grupo – não pode ser responsabilizada pelas diferenças na forma de entender o mundo de pessoas de origens distintas, pois ela é, antes, um termo criado justamente para tornar estas diferenças mais inteligíveis para o cientista social. Variações nas crenças e costumes – aspectos da vida em sociedade sintetizados na palavra “cultura” – não são a causa das

variações na forma de perceber o mundo e, sim, produtos dela. Diferentes meios de apreensão, diferentes “habilidades”, resultam em diferentes crenças e costumes.

3.3.2 Vivendo a paisagem

De acordo com Julian Thomas, “paisagem” é um conceito complexo e difícil de ser definido, uma vez que possui muitos significados e estes muitas vezes mudaram ao longo do tempo. “Paisagem” pode significar a topografia e as formas de uma determinada região, um terreno onde as pessoas vivem, ou um fragmento de terra que pode ser visto de um ponto vantajoso. Pode ser um objeto, uma experiência ou uma representação, podendo fazer referência a uma forma de ver o mundo específica a uma elite social e, concomitantemente, ao mundo habitado por uma comunidade mais ampla. O termo evoca alienação e liberação, experiência relativa aos sentidos e coerção, aspiração e desigualdade, e o desafio está em manter todos estes elementos numa tensão produtiva (THOMAS, 2001, p. 166).

Como já foi visto aqui, o advento do racionalismo em tempos de Revolução Científica e Iluminismo resultou na separação entre objeto e sujeito, natureza e cultura, meio ambiente e ser humano, este último passando a ser o observador externo de uma natureza passiva que se tornou objeto de estudo. Esta concepção do mundo como imagem e objeto observado externamente por um ser pensante é responsável pela criação da noção moderna ocidental de “paisagem” (THOMAS, 2001, p. 167), que tem uma de suas maiores manifestações nas pinturas de paisagem que surgiram no norte da Itália e Flandres no século XV e, inclusive, a palavra em Inglês – *landscape* – vem do holandês, referindo-se originalmente a um tipo particular de representação pictórica. Nas pinturas de paisagem, o mundo é estranho ao ser humano que as observa sem qualquer tipo de envolvimento, porém, ao mesmo tempo, de forma controladora, assumindo superioridade, numa verdadeira relação de poder (THOMAS, 2001, p. 168). Relação de poder semelhante se dá na representação de regiões por meio da cartografia que, segundo Thomas (2001, p. 169-170), apela ainda mais para um *status* de objetividade, embora seja uma tecnologia de poder e conhecimento que sempre apresenta uma visão distanciada e desengajada, manipulando e desumanizando o mundo – muito utilizada, por exemplo, na promoção e construção de identidades nacionais.

A respeito desta noção moderna ocidental de paisagem, Ingold (2002, p. 202) sugere que em vez de descrevermos nossas experiências de paisagem como se estivéssemos vendo uma pintura, façamos o contrário: entendamos as pinturas como resultado de nossa

experiência no mundo. Em vez de tratar o mundo como se ele fosse sua própria pintura, tratar a pintura como se esta fosse seu próprio mundo. Para chegar a um conceito de “paisagem” que leve em consideração esta inversão do processo, Ingold (2002, p. 195-200) cria uma dicotomia entre paisagem (conjunto de feições relacionadas, aparentemente congeladas) e aquilo que ele chama de *taskcape* (habitada por agentes que interagem; conjunto de atividades relacionadas). Dicotomia esta que, logo em seguida, é por ele desfeita, sendo as atividades da vivência humana (*tasks*) recolocadas no seu contexto dentro do “processo de acontecer” do mundo como um todo, reconhecendo-se a temporalidade fundamental da paisagem.

[...] o que aparece para nós como as formas fixas da paisagem, passiva e imutável a não ser que sobre ela se aja de fora, estão em movimento, embora numa escala imensuravelmente mais devagar e mais majestosa que aquela na qual nossas próprias atividades são conduzidas. Imagine um filme da paisagem, filmado ao longo dos anos, séculos, mesmo milênios. Aumentada ligeiramente sua velocidade, plantas parecem se engajar em movimentos como o dos animais, árvores flexionam seus membros sem qualquer indução dos ventos. Aumentada ainda mais, geleiras correm como rios e mesmo a terra começa a se mover. Em ainda maiores velocidades rochas sólidas curvam-se, deformam-se e escorrem como metal fundido. O mundo começa a respirar. Assim o padrão rítmico das atividades humanas encaixa-se dentro do padrão mais amplo de atividade para toda vida animal, que por sua vez encaixa-se dentro do padrão de atividade para todas as chamadas coisas vivas, que encaixa-se dentro do processo da vida do mundo (INGOLD, 2002, p. 201)²⁶.

Se pensarmos na dicotomia criada por Ingold a partir dos conceitos que regem a transdisciplinaridade, paisagem e *taskcape* afirmam-se em vez de negarem-se e, dessa afirmação, surge um terceiro-incluído: a paisagem temporalizada. A paisagem não é uma totalidade para a qual se pode olhar, é o mundo onde nos posicionamos, tomando um ponto de vista em nossos arredores (INGOLD, 2002, p. 207). Ela é gerada e mantida por meio das relações organismo-meio ambiente, num processo de incorporação (INGOLD, 2002, p. 193).

Conceito semelhante de paisagem é empregado por Christopher Tilley (2004) que, assim como Ingold, inspira-se profundamente na fenomenologia para desenvolver suas idéias. Dentre os pensadores da fenomenologia, é na obra de Merleau-Ponty que Tilley encontra a

²⁶ “[...] what appear to us as the fixed forms of the landscape, passive and unchanging unless acted upon from outside, are themselves in motion, albeit on a scale immeasurably slower and more majestic than that on which our own activities are conducted. Imagine a film of the landscape, shot over years, centuries, even millennia. Slightly speeded up, plants appear to engage in very animal-like movements, trees flex their limbs without any prompting from the winds. Speeded up rather more, glaciers flow like rivers and even the earth begins to move. At yet greater speeds solid rock bends, buckles and flows like molten metal. The world itself begins to breathe. Thus the rhythmic pattern of human activities nests within the wider pattern of activity for all animal life, which in turn nests within the pattern of activity for all so-called living things, which nests within the life-process of the world” (INGOLD, 2002, p. 201).

fundamentação para seu conceito de paisagem, dedicando bastante atenção àqueles elementos básicos do pensamento do filósofo já apresentados aqui e, também, a alguns outros elementos como a questão da sinestesia, tratada por Merleau-Ponty, porém, não mencionada na breve apresentação feita neste trabalho sobre a fenomenologia.

Sinestesia é um fenômeno conhecido como sendo a confusão entre os sentidos, provocando a percepção de mais de um sentido de uma só vez – como a visão de sons ou a audição de cores. Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 307), de um ponto de vista cartesiano que considera cada um dos órgãos de nosso corpo como coisas objetivas separadas e, portanto, cada um de nossos modos de percepção sensorial – visão, tato, olfato, audição e paladar – como coisas também separadas, a sinestesia aparece como algo paradoxal, como um verdadeiro problema.

De um ponto de vista fenomenológico, contudo, a percepção envolve o uso simultâneo dos sentidos: participamos tão efetivamente do mundo que não distinguimos aquilo que vemos daquilo que ouvimos ou tocamos, sendo possível fazer esta distinção somente artificialmente e após o evento (TILLEY, 2004, p. 14). Nossos sentidos são a experiência de uma modalidade de existência, fazem a sincronização de nossos corpos à existência no mundo e, com isso, o problema das sinestésias deixa de ser um problema, pois se vejo sons ou ouço cores, isso acontece como acontece a unidade do olhar através dos dois olhos: “[...] enquanto meu corpo é não uma soma de órgãos justapostos, mas um sistema sinérgico do qual todas as funções são retomadas e ligadas no movimento geral do ser no mundo, enquanto ele é a figura imobilizada da existência” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 314).

A forma como Merleau-Ponty entende a percepção sinestésica implica não apenas na perda de seu *status* de “problema”, de fenômeno raro que ocorre em determinadas pessoas, como também implica em considerá-la como regra quando se trata de percepção do mundo e, “[...] se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como o concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 308). A sinestesia corresponde à nossa experiência pré-conceitual, ou pré-reflexiva, primordial de mundo: tipicamente fala-se em cores frias ou quentes e sons leves ou pesados, provam-se alimentos com a língua por meio do tato ao mesmo tempo em que sabores são diferenciados por meio do olfato, e por aí vai. (TILLEY, 2004, p. 14).

Tilley (2004, p. 4-15) também chama atenção para a forma como as dimensões corporais – assim como os sentidos – ligam o corpo ao mundo, sendo elas modalidades de existência daquele neste último, que é experienciado pela articulação de distinções básicas

entre aqui/lá, perto/longe, cima/baixo, frente/trás, direita/esquerda. Deste modo, lugares de altura elevada (montanhas, cachoeiras, pedras, monumentos) acabam sendo privilegiados culturalmente e emocionalmente por alguns grupos humanos, ao passo que lugares situados em níveis mais baixos costumam ser associados à escuridão, ou morte. Da mesma forma, nossos olhos, mãos, pés e etc. apontam para frente e assim engajam-se no mundo, fazendo com que aquilo que está à frente seja comumente entendido de forma positiva, enquanto costumamos dizer que coisas ruins acontecem “pelas nossas costas”, parte do corpo mais indiferenciada que dificulta nosso relacionamento com aquilo que está atrás – embora o oposto também ocorra e o que está à frente possa também ser visto como incerto, desconhecido, enquanto “voltamos para a casa”, para aquilo que nos é mais familiar, seguro. Muito comum também é associação de direita e esquerda com leste/oeste, vida/morte, aurora/crepúsculo, sagrado/profano, bem/mal, além de a forma como nosso corpo está sempre no centro – entre frente/trás, cima/baixo, direita/esquerda – resulta numa experiência corporal egocêntrica, que pode levar a modelos concêntricos de sociedade – modelos sociocêntricos, por exemplo, nos quais do centro para fora há diminuição de poder e dignidade. E, ainda, tendo tudo isso em vista, é possível dizer que a experiência dos lugares é em parte fundamentada na bilateralidade do corpo humano, o que mostra que entender o mundo a partir de dualismos não é apenas produto da nossa mente, mas algo fundamentado em nossos corpos e sua conexão com o mundo (TILLEY, 2004, p. 6-9).

Levando em consideração esta idéia de que o ser humano ordena os lugares e seus significados por meio do corpo, Tilley (2004, p. 24) propõe um entendimento de “paisagem” mais holístico, para além dos objetivismos e subjetivismos que o cercam, conectando corpos, movimento e lugares num todo e, assim, revitalizando o termo. Este, segundo ele, pode ser definido com cautela como “[...] conjuntos de relações percebidas e incorporadas entre lugares, uma estrutura de sentimento, emoção, *dwelling*, movimento e atividade prática humana numa região geográfica que pode ou não possuir fronteiras ou limites topográficos”²⁷ (TILLEY, 2004, p. 25). Nesta definição, lugares constituem corpos e vice-versa; corpos e lugares constituem paisagens. Lugares reúnem pessoas, memórias, estruturas, histórias, mitos e símbolos; paisagens reúnem o mental e o material, simbólico e prático, selvagem e doméstico, coleções de lugares e significados. Assim, paisagens são fortes meios de socialização e conhecimento, pois conhecer uma paisagem é conhecer quem somos, sendo as

²⁷ “[...] perceived and embodied sets of relationships between places, a structure of human feeling, emotion, dwelling, movement and practical activity within a geographical region which may or may not possess precise topographic boundaries or limits” (TILLEY, 2004, p. 25).

identidades pessoais e sociais desenvolvidas no contexto das paisagens e dos múltiplos lugares que as constituem (TILLEY, 2004, p. 25).

Paisagens são sinestesticamente experienciadas por meio de nossos corpos (TILLEY, 2004, p. 28), porém, não há percepção de lugar e de paisagem sem memória, uma vez que as experiências do passado dão cores às percepções do presente. De acordo com Tilley (2004, p. 26), nós carregamos “temporalidade” aos lugares por meio de nossos movimentos e experiências – o que em muito nos lembra a dicotomia paisagem-*taskcape* de Ingold que, ao ser por ele superada, transforma-se em “paisagem temporalizada” – e o contato direto com estes lugares age como uma ferramenta mnemônica para histórias e construção de biografias pessoais. Em vez de considerar “paisagem” como um sistema de sinais, textos ou discursos que codificam significado e refletem identidades sociais, é preciso entender ela e seus elementos constituintes como

[...] *agentes* que produzem ativamente estas identidades. Em outras palavras, nós precisamos pensar sobre lugares e paisagens animisticamente, numa maneira análoga à forma na qual gostamos de pensar sobre pessoas, como entidades que podem e fazem a diferença. O movimento vai de considerar coisas como representações do mundo para nós às coisas como produzindo este mundo para nós. [...] Produzir significado humano no mundo é estabelecer conexões entre nós mesmos e os diversos fenômenos materiais com os quais e por meio dos quais nós vivemos, as plantas e animais, paisagens e artefatos que nos cercam [...] ²⁸ (TILLEY, 2004, p. 31).

Tanto Tilley quanto Ingold falam repetidas vezes em “percepção”, como sendo por meio dela que se dá a conexão entre ser humano e mundo, por completa imersão corporal nele, o que em muito se deve à relevância que a fenomenologia e, também, a psicologia ecológica de Gibson tiveram para suas obras, contudo, um terceiro autor, Julian Thomas (2001, p. 171-172), sugere a utilização de outro termo para se fazer referência a este processo de conexão com o mundo. Ele prefere recorrer à palavra “experiência” para explicitar tal processo, de forma a evitar as interpretações errôneas que a utilização de “percepção” pode acarretar por evocar, prontamente, a um leitor desavisado, a idéia de que o entendimento do mundo é uma tentativa falha de compreender as coisas como elas realmente são.

Quando se fala em “experiência”, no entanto, também é preciso tomar cuidado, pois é muito fácil confundir o termo com a idéia de uma relação meramente física em que não há

²⁸ “[...] *agents* which actively produce that identity. In other words we need to think about places and landscapes animistically, in an analogous manner to the way in which we like to think about persons, as entities who can and do make a difference. The move is from considering things as representing the world to us to things as producing that world for us. [...] Producing human meaning in the world is all about establishing connections between ourselves and the disparate material phenomena with which and through which we live, the plants and animals, landscapes and artefacts that surround us [...]” (TILLEY, 2004, p. 31).

envolvimento de memória ou identidade. Assim, “experiência” pode levar a interpretações que vão ao sentido contrário da interpretação que Thomas (2001, p. 173) – seguindo em grande parte Ingold e Tilley – sugere para “paisagem”, que é a de uma rede de lugares relacionados que foram gradualmente revelados pelas atividades e interações do dia-a-dia das pessoas, pela proximidade e afinidade que elas desenvolveram por certos locais e pelos eventos importantes, festas, calamidades e surpresas que levaram suas atenções a outros lugares fazendo com que fossem lembrados ou incorporados em histórias. Uma paisagem vivida é uma coleção de relacionamentos, é uma entidade relacional constituída por pessoas em seu engajamento com o mundo (THOMAS, 2001, p. 176).

Com “experiência”, portanto, quer-se passar a idéia de “imersão corporal no mundo” e, com “corporal”, a idéia de “total”, do ser humano em todas as suas dimensões, dimensões estas que por mais simbólicas que sejam não deixam de fazer parte da esfera corpórea, afinal é por meio do corpo que o ser humano lida com seu entorno. Em outras palavras, imergir corporalmente no mundo seria, simplesmente, viver. Quem sabe, para evitar maiores confusões, o ideal seja utilizar o termo “vivência” quando se quiser referir com somente uma palavra ao processo de conexão do ser humano com o mundo, deixando “percepção” e “experiência” para momentos em que virão acompanhadas de explanação sobre o significado adequado que devem evocar num contexto de estudo sobre a paisagem.

Bem, conforme Tilley (2004, p. 28), esta vivência só pode ser descrita pelo uso expressivo da linguagem, por uma tentativa de explorar a escrita e a fala como dimensões que evocam, numa tradução meditativa, o contato do ser humano com o mundo, valorizando o “expressivo e poético como oposto à força abstrata e conceitual das palavras”. Com isso, embora seja muito mais fácil descrever a visão que se tem de uma paisagem – temos, inclusive, um maior vocabulário para isso –, é importante que o arqueólogo igualmente expresse com suas palavras a sensação de tocar, sentir os aromas e escutar os constituintes da paisagem estudada, pois com uma mera descrição visual, ou fotografia, ninguém consegue retornar àquilo que foi vivido. Convém ao arqueólogo deixar sua percepção sinestésica do mundo conduzir suas descrições e interpretações, de forma a encontrar-se com as paisagens estudadas.

Este encontro, sendo físico ou imaginário, permite ao arqueólogo entrar no mesmo conjunto de relações materiais nas quais os seres humanos do passado se encontraram, de forma a produzir sua própria interpretação das coisas (THOMAS, 2001, p. 180). Não é possível “chegar” a um significado do passado, muito menos entrar nas cabeças das pessoas que lá viveram, mas, como o significado é produzido na dinâmica das relações entre pessoas,

coisas e lugares, o arqueólogo pode se colocar num conjunto de circunstâncias materiais que eram parte integrante de um mundo significativo no passado, usando seu corpo como análogo àqueles corpos de outrora e, assim, “reanimando” o mundo passado e criando bases para identificar em que este mundo diferencia-se do nosso (THOMAS, 2001, p. 180-181).

Ao tecer estes comentários, Thomas evoca tanto Tilley quanto Ingold. Este último, a respeito da Arqueologia, coloca que para os profissionais da área, assim como para os grupos humanos por eles estudados, o significado está na paisagem para ser descoberto somente se soubermos como atentar a ele. Todo traço é uma pista em potencial, uma chave para o significado em vez de um veículo para carregá-lo. Temporalizando a paisagem, como acontece na *dweeling perspective*, é possível superar tanto os estudos científicos de uma natureza atemporalizada quanto os estudos humanísticos de uma história desmaterializada. E nenhuma disciplina está mais bem capacitada para atingir esta superação que a Arqueologia, sendo a temporalidade da paisagem justamente seu objeto de estudo privilegiado (INGOLD, 2002, p. 208).

3.4 ENFIM ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES

O conceito de paisagem desenvolvido por Ingold (2002) e Tilley (2004) – empregado também por Thomas (2001) – é um conceito fundamentalmente transdisciplinar. Esta transdisciplinaridade se dá não somente porque a idéia de “mundo vivido” é um axioma que em seu entorno reúne diversas áreas do conhecimento como a psicologia, a biologia, a antropologia e a filosofia, mas porque está de acordo com alguns dos princípios que regem a metodologia transdisciplinar: a superação da dicotomia sujeito-objeto, a complexidade e a lógica do terceiro-incluído.

A adequação a tais princípios ocorre pelo relevante papel que as obras de Heidegger e Merleau-Ponty exercem no pensamento de Ingold (2002) e Tilley (2004) e pela estreita relação que pode ser estabelecida entre a fenomenologia e a transdisciplinaridade. Como já foi visto anteriormente, esta última utiliza-se explicitamente de alguns conceitos daquela e sistematiza uma metodologia que apresenta resultados interessantes se aplicada à ciência dos fenômenos, tornando-a mais inteligível. A fenomenologia é, portanto, o elo que une intimamente a noção de “paisagem” a ser aqui utilizada e a transdisciplinaridade, evidenciando uma relação que vai além da questão da superação de uma ordem disciplinar.

É este conceito transdisciplinar de “paisagem” que permite, após a análise de tantas possibilidades, algumas considerações sobre a descontinuidade no padrão dimensional dos sambaquis do litoral central de Santa Catarina.

Se paisagens são conjuntos de relacionamentos que o ser humano estabelece em sua vivência no mundo, e se a vivência no mundo ocorre, como já vimos anteriormente, pelas “habilidades” adquiridas nas ações empreendidas cotidianamente – o que faz com que “habilidades” diferentes resultem em formas distintas de viver o mundo – então, paisagens diferentes são decorrentes de variações nessas “habilidades”.

De acordo com Ingold (2002, p. 23), a “[...] arte dá forma ao sentimento humano”, sendo “sentimento” um modo de engajamento perceptivo, uma forma de estar em contato com o mundo. O artesão sente sua matéria-prima e deste processo de “sentir”, de “perceber”, de “estar em contato”, que é orientado por sensibilidades específicas adquiridas no dia-a-dia, emerge a forma do vasilhame, processo que pode ser estendido aos sambaquis. Entendendo os sambaquis como formas dadas às sensibilidades/habilidades dos grupos humanos a eles associados, pode-se dizer que as disparidades entre os sambaquis catarinenses – no caso, entre suas dimensões – são fruto de sensibilidades/habilidades diferentes. Se habilidades diferentes acarretam em formas distintas de viver o mundo e, logo, geram paisagens diferentes, então é possível afirmar que a porção central do litoral catarinense compõe uma paisagem distinta daquelas do litoral norte e sul, o que é denunciado pela não-ocorrência de grandes sambaquis, a mais visível evidência da experiência peculiar de mundo que ali se deu.

Com isso, tem-se uma primeira interpretação para a descontinuidade no padrão dimensional dos sambaquis do litoral central. Bosquejos, na verdade, que poderão vir a auxiliar na elaboração de futuras explicações mais profundamente aventadas e melhor acompanhadas de dados.

Constatar que a área em questão compõe uma paisagem distinta daquelas do litoral norte e sul, é constatar que nela se deram relações diferentes entre seres humanos e demais elementos constituintes do meio-ambiente, humanos e não-humanos. O desenvolvimento de um contexto peculiar de sambaquis pode, assim, ser atribuído ao estabelecimento dessas relações diferenciadas, ou melhor, a uma vivência de mundo diferenciada. Os grupos humanos associados aos sambaquis do litoral central, possivelmente, viveram o mundo de forma distinta e os sítios de menores dimensões são extensões dessa vivência.

E que vivência distinta foi esta? Bem, para que tal questão seja respondida teremos que nos enveredar novamente – como feito nos capítulos 1 e 2 – em meio às especificidades do contexto de sambaquis do litoral central. Este “retorno” se fará necessário porque, segundo

Tilley (2004, p. 31), os corpos carregam conhecimentos, tradições, significados e símbolos específicos para os lugares e lá os articulam, mas a fenomenologia que se fez tão presente neste capítulo nada nos pode contar sobre estas particularidades dos corpos, lugares e paisagens, das histórias e dos significados, das culturas e das relações sociais, uma vez que tem como foco “[...] a noção de uma consciência pré-reflexiva incorporada que é necessariamente anônima e a qual todos humanos compartilham [...]”²⁹, anteriormente e independentemente das distinções entre os mundos culturais e lingüísticos em que estão imersos.

Pensemos, então, com base no que já foi visto nos capítulos anteriores, em algumas das especificidades que a porção central do litoral catarinense apresenta com relação ao contexto de sambaquis e que poderiam estar indicando uma vivência diferenciada de mundo:

1. Não-ocorrência de sambaquis de grandes dimensões.
2. Maior ocorrência de recipientes de barro não-cozido (PROUS, 1992).
3. Indústria óssea e indústria lítica de caráter transicional (PROUS, 1992).

Estas especificidades podem ser relacionadas a outras características particulares do litoral central que a literatura arqueológica não costuma associar aos sambaquis, todas elas conferindo descontinuidade ao panorama arqueológico catarinense:

1. Maior ocorrência de sítios conchíferos com cerâmica, comumente atribuídos a grupos da família linguística Jê, com 17 no litoral central (FOSSARI, 2004), 10 no litoral norte (BANDEIRA, 2004) e 5 no litoral sul³⁰ (FARIAS; KNEIP, 2011).
2. Os sítios conchíferos com cerâmica ocorrem, em sua maioria, sob a forma de sítio raso, enquanto no litoral norte e sul ocorrem em sua maioria sobre os sambaquis.
3. Ocorrência de inscrições rupestres, singularidade do litoral central de Santa Catarina no contexto litorâneo nacional. Tais inscrições, no entanto, são de autoria desconhecida, atribuída pelos pesquisadores ora a grupos de língua Guarani, ora a grupos da família linguística Jê e ora a grupos associados aos sambaquis (COMERLATO, 2005, p. 170-178).

²⁹ “[...] the notion of a prereflective embodied consciousness that is necessarily anonymous and which all humans share [...]” (TILLEY, 2004, p. 31).

³⁰ Entre estes cinco sítios contabilizados para o litoral sul que apresentam cerâmica comumente associada a grupos da família linguística Jê, incluí-se um (Lagoa do Laranjal II) ao qual Farias e Kneip (2011) atribuem presença cerâmica, porém não caracterizam tal cerâmica.

É possível elencar, ainda, algumas especificidades ambientais para o litoral central de Santa Catarina. Estas especificidades ambientais, juntamente com uma vivência diferenciada de mundo – denunciada pelos elementos peculiares do contexto arqueológico regional acima listados – constituem uma paisagem particular, o “mundo vivido” dos pescadores-caçadores-coletores associados aos sambaquis do litoral central.

1. As formações cristalinas esbarram mais frequentemente no mar, resultando num litoral bastante recortado, com muitos costões, enseadas, baías e ilhas.
2. A área de planície é menos extensa, além de apresentar uma transição mais suave para o planalto. Como é possível observar no mapa abaixo, do litoral central em direção ao interior do Estado as altitudes vão aumentando gradualmente, passando lentamente da estreita faixa de planície para os 200 m de altitude, e daí para os 500 m, 800 e 1.200 m, até serem atingidas as máximas altitudes do Estado, por volta dos 1.800 m. Do litoral sul em direção ao planalto, no entanto, percebe-se que as altitudes passam subitamente dos 200 m para as altitudes mais elevadas, configurando uma transição planície-planalto mais brusca. O litoral norte, por sua vez, apresenta a faixa de planície mais extensa do Estado, possui transição para o planalto nem não tão brusca quanto a do litoral sul, nem não tão sutil quanto a do litoral central, e não contém em suas proximidades altitudes tão elevadas quanto as da faixa dos 1.220 m a 1.800 m, que podem ser alcançadas partindo-se das demais porções litorâneas.

Tais particularidades ambientais são extremamente relevantes para a compreensão do contexto regional de sambaquis do litoral central, pois a transição gradual entre planície e planalto que se dá na área de estudo permite-nos vislumbrar uma paisagem – um conjunto de relações entre pescadores-caçadores-coletores e demais elementos constituintes de seu meio circundante – que se não fosse por esta particularidade ambiental dificilmente seria desvelada.

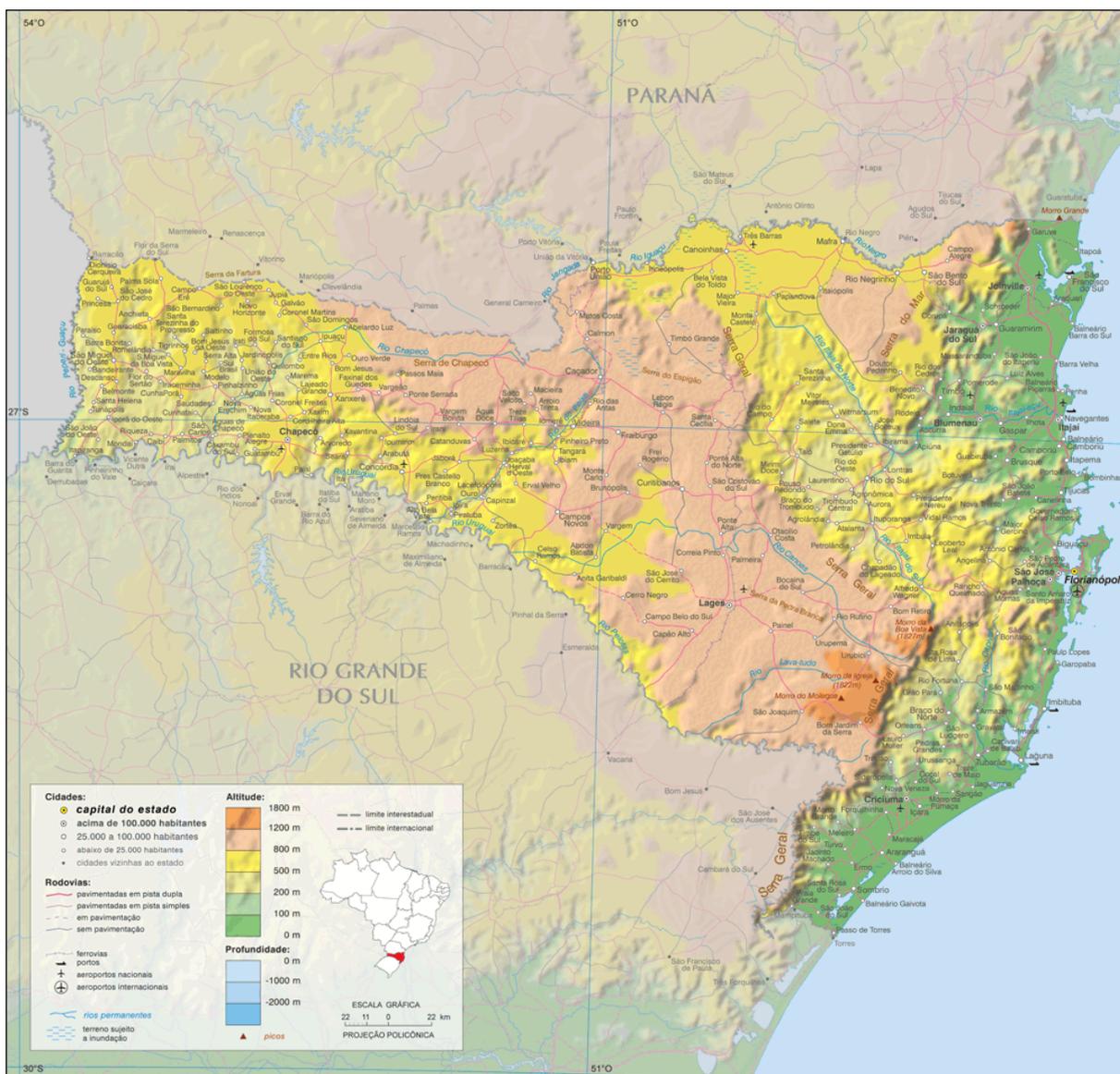


Figura 9: Mapa da geografia de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.infoescola.com/mapas/mapa-geografico-santa-catarina>. Acesso em: 4 jul. 2011.

Uma transição mais suave entre a planície e as terras altas resulta numa maior proximidade entre estas duas áreas. Assim, embora a distância litoral-planalto seja muito semelhante para toda a faixa litorânea catarinense se pensarmos em termos de quilômetros, o litoral central encontra-se mais próximo do planalto por uma questão prática, sendo mais “natural” percorrer os quilômetros que os separam, numa subida de tal sutileza que muitas vezes se faz imperceptível.

Esta proximidade de ordem prática entre o litoral central e o interior do Estado poderia ter facilitado o contato entre os diferentes grupos pré-coloniais que habitavam estas áreas, dando lugar a um conjunto de relações diferenciadas que acabaria resultando na não-

formação de grandes sambaquis. De fato, a cronologia conhecida para os sítios do litoral catarinense aponta para uma contemporaneidade entre as primeiras ocupações de grupos da família linguística Jê e as ocupações mais tardias de grupos associados aos sambaquis. Esta efêmera coabitação da mesma área, contudo, não poderia ser responsabilizada pela ausência de sambaquis de grandes dimensões, visto que ocorreu ao longo de todo o litoral de Santa Catarina e na mesma faixa temporal, além de muitos dos modestos sambaquis do litoral central terem sido formados e abandonados muito antes do aparecimento dos primeiros sítios conchíferos que apresentam cerâmica atribuída aos grupos da família linguística Jê.

O fato de a cronologia nos levar a considerar que os pescadores-caçadores-coletores associados aos sambaquis estabeleceram contato com outros grupos somente na época de aparecimento dos primeiros sítios conchíferos com cerâmica, mostra o quão presos estamos aos modelos cartesianos, ao dualismo sujeito-objeto tantas vezes questionado pela fenomenologia e pela transdisciplinaridade.

Isso acontece porque pensamos mais ou menos assim:

FAIXA TEMPORAL	OCUPAÇÃO PRÉ-COLONIAL
6.500 A.P. – 1.300 A.P.	Domínio dos grupos associados aos sambaquis
1.300 A.P. – 600 A.P.	Domínio dos grupos da família linguística Jê
600 A.P. – primeiros colonizadores	Domínio dos grupos associados à língua Guarani

Quadro 7: Um esboço da cronologia conhecida para o panorama arqueológico do litoral de Santa Catarina.

Pensamos linearmente em grandes levas migratórias que determinam ora o domínio de um grupo, ora de outro. Desta forma, os pescadores-caçadores-coletores que formaram os sambaquis teriam sido sucedidos em seu domínio do litoral por grupos portadores de cerâmica, chegados em massa à costa catarinense, e o único momento em que poderia ter havido contato entre eles seria na transição entre os domínios de um e outro, o que nos deixa a dúvida: o que aconteceu com os grupos associados aos sambaquis?

Linhas de raciocínio deste tipo, excessivamente objetivas, encobrem a complexidade das coisas, gerando dicotomias a partir da exclusão – sambaqui ou Jê, Jê ou Guarani. Retomando Nicolescu (2000, p. 28-29), para escapar às dicotomias é preciso sempre levar em

consideração a lógica do terceiro-incluído, o que pode ser facilmente aplicado ao contexto de sambaquis do litoral central.

Pensando transdisciplinarmente, é possível vislumbrar uma realidade complexa em que os termos “Sambaqui” e “Jê” não são excluídos um em função do outro, em que não é preciso escolher entre um “domínio de grupos associados aos sambaquis” ou um “domínio de grupos associados à família linguística Jê”. Esta realidade complexa vai além da cronologia, vai além da linearidade, superando a idéia de domínio de um grupo ou de outro em prol de um terceiro-incluído: integração.

Em vez de pensar em grandes levadas migratórias – e, logo, em ocupação de um grupo ou de outro –, que poderiam ter levado ao contato interétnico somente nos períodos de transição entre domínios, no caso, somente no período de formação dos sambaquis mais tardios e chegada dos primeiros grupos associados à família linguística Jê ao litoral, pensemos em pequenas e esporádicas migrações, numa relação contínua litoral-interior. Isso não é uma negação da possibilidade de migrações em massa terem acontecido em determinado(s) momento(s), é, na verdade, uma afirmação de ambas as possibilidades: pequenas migrações, juntamente com grandes migrações, deram origem a um terceiro-incluído, a uma paisagem – conjunto de relações – peculiar, desvelando a complexidade do contexto de sambaquis do litoral central.

Sítios conchíferos com cerâmica atribuída à família linguística Jê, no entanto, ocorrem ao longo de todo o litoral catarinense, embora muito mais frequentemente na porção central. Alguma migração de maior escala, portanto, aconteceu ao mesmo tempo em toda a costa de Santa Catarina, área de ocorrência de sambaquis pequenos a gigantescos. O que sugiro é que a particularidade do litoral central esteja na constância de pequenas migrações, quiçá incursões, ocorridas no sentido litoral-interior e interior-litoral por longo período de tempo, desde muito antes de os primeiros sítios conchíferos com cerâmica aparecerem na costa. Estas incursões teriam resultado num conjunto de relações diferenciadas e, em longo prazo, num contexto de sambaquis igualmente diferenciado e denunciador destas relações.

E com isso voltamos às especificidades ambientais, grandes facilitadoras desta integração litoral-planalto. Sítios conchíferos com cerâmica surgiram concomitantemente ao longo de toda a costa catarinense, não obstante a maior “distância” entre as porções norte e sul e o planalto. É somente no litoral central, contudo, que inexistem grandes sambaquis, que ocorrem inscrições rupestres, mais sítios com cerâmica – a maioria deles sob a forma de sítio raso – e mais recipientes de barro não-cozido, assim como é somente no litoral central que há uma aparente “proximidade” litoral-planalto, ocasionada por uma transição mais suave.

Imagino que o litoral central e seus arredores – a área de transição para o planalto – tenham sido uma região de maior integração entre diferentes sociedades pré-coloniais, uma área de confluência étnica propiciada – e não determinada – por uma geografia favorável. Esta geografia é entendida aqui como apenas um entre diversos elementos “facilitadores” possíveis, humanos e não-humanos, e se faz tão relevante nesse estudo simplesmente porque permite-nos vislumbrar uma paisagem – um conjunto de relações – que se não fosse por esta particularidade ambiental um tanto quanto visível dificilmente seria desvelada.

Tal integração teria resultado em relações diferenciadas entre os pescadores-caçadores-coletores e os demais elementos constituintes de seu meio circundante – no qual se incluem os grupos humanos do interior –, constituindo uma paisagem peculiar que veio se evidenciar para nós sob a forma de pequenos sambaquis.

É interessante observar como a quantidade de sítios conchíferos com cerâmica ao longo da costa catarinense respeita a ordem de “proximidade” com o planalto (litoral sul: mais “longe”, menos sítios; litoral norte: mais “perto” que o litoral sul, mais sítios que o litoral sul; litoral central: mais perto que o litoral norte, mais sítios que o litoral norte).

A idéia de maior integração na porção central do litoral de Santa Catarina, além de pautada na proximidade entre a planície e o planalto e, talvez, denunciada pela ausência de sambaquis de grandes dimensões, pela ocorrência de inscrições rupestres, pela maior ocorrência de recipientes de barro não-cozidos e pela maior quantidade de sítios conchíferos rasos com e sem cerâmica, possui em seu favor mais algumas evidências arqueológicas.

Parte destas evidências estão relacionadas à relativa continuidade na ocorrência de elementos típicos de ocupações do planalto sobre a área de transição para a planície litorânea e de elementos típicos de ocupações litorâneas sobre a área de transição para o planalto. Como exemplo disso é possível mencionar o município de Águas Mornas, situado logo no início da subida para a serra, que apresenta um sítio de galerias subterrâneas (ROHR, 1984, p. 150). Um pouco mais à frente no sentido litoral-interior, a mais ou menos 45 km da costa, tem-se registrado, no município de Rancho Queimado, um sítio de abrigo-sob-rocha no qual foram encontrados esqueletos humanos e objetos de adorno de conchas perfuradas (ROHR, 1984, p. 152). Curiosa também é a existência de um conjunto de sete cerritos³¹ em Alfredo Wagner, o último município antes do início do planalto serrano, a 90 km da costa. Neste sítio, conforme Rohr (1984, p. 142), foram encontrados recipientes de barro não-cozido, o que é

³¹ Cerritos, ou “aterros”, são pequenas elevações cujo sedimento, diferentemente dos sambaquis, é de origem essencialmente mineral. São compostos também por restos de atividades humanas e ocorrem nos banhados que circundam lagoas ou no barranco dos canais que as interligam, em quase todas as terras baixas do rio da Prata (Uruguai, Argentina e Brasil) (PROUS, 1992, p. 293).

muito interessante dada a alta ocorrência deste tipo de artefato nos sambaquis do litoral central. Cabe ainda mencionar o achado, também em Alfredo Wagner, de um zoólito em forma de baleia, que hoje se encontra no Museu de Arqueologia de Lomba Alta.

Outras evidências estão relacionadas aos dados levantados na tese de Maria Mercedes Okumura sobre a variação na morfologia craniana dos diferentes grupos pré-coloniais que habitaram o litoral de Santa Catarina. Segundo ela (OKUMURA, 2008, p. 193), embora em alguns momentos as séries com cerâmica do litoral norte e central³² do Estado tenham se mostrado biologicamente mais próximas às séries sem cerâmica de suas respectivas regiões, as análises apontaram preferencialmente para uma afinidade entre as séries ceramistas. Na Ilha de Santa Catarina, por outro lado, a maioria das análises indicou proximidade morfológica entre as séries com cerâmica e sem cerâmica da Ilha.

Uma maior afinidade biológica entre grupos com e sem cerâmica na Ilha de Santa Catarina aponta, em grande medida, para a idéia aqui sugerida de entender o litoral central catarinense como uma área de grande integração entre populações humanas de vivências distintas de mundo. Como ao falar em “séries ceramistas”, no entanto, Okumura se refere aos sítios conchíferos com cerâmica, e como estes, de acordo com a cronologia conhecida, são posteriores aos sambaquis, a integração atestada pela afinidade biológica não pode explicar a ausência de grandes sítios no litoral central, afinal, quando ocorreu tal integração o contexto de sambaquis da região já estava definido.

Frente a isso, o que pode ser tirado do estudo de Okumura para a compreensão deste contexto peculiar é que se os dados apontam para uma maior integração na porção litorânea central no período de ocorrência de sítios conchíferos com cerâmica entre, mais ou menos, 1.300 A.P. e 600 A.P., esta maior integração teve sua razão de ser, e os mesmos agentes que a possibilitaram nesta época podem tê-la tornado possível em tempos anteriores ao aparecimento destes sítios, no período de formação dos sambaquis.

Percebendo estes “agentes facilitadores” nas características ambientais que resultam numa transição suave da planície para o planalto, pode-se imaginar que as mesmas características que favoreceram a integração no litoral central a partir de 1.300 A.P. – época em que ela, evidentemente, tomou proporções maiores – devem ter igualmente favorecido

³² Quando fala em “litoral central”, Okumura refere-se à região de Itajaí até Bombinhas e, portanto, a uma porção do litoral que em grande parte não entra na área de estudo deste trabalho, com exceção de Porto Belo e Bombinhas. Os sítios de Itajaí a Bombinhas por ela estudados foram Cabeçudas, Laranjeiras I, Laranjeiras II e Praia do Embrulho, todos eles acampamentos conchíferos com cerâmica, com exceção do Laranjeiras I, e dos quais apenas um, o Praia do Embrulho, situa-se em nossa área de estudo. Cabe ainda mencionar que os demais municípios que compõem o “litoral central” como aqui considerado (Governador Celso Ramos, Biguaçu, porção continental de Florianópolis, Palhoça, Paulo Lopes e Garopaba) não fizeram parte do estudo de Okumura.

contatos e trocas culturais antes de 1.300 A.P., resultando no contexto de sambaquis que hoje conhecemos. Assim, tem-se permissão para sugerir que, talvez, na porção central do litoral de Santa Catarina os pescadores-caçadores-coletores tenham se relacionado de forma particular com o mundo e seus elementos constituintes. Fizeram parte de um conjunto de relações que os tornaram diferentemente atentos aos aspectos do meio em que estavam inseridos, permitindo o desenvolvimento de “habilidades” distintas. Possivelmente, teve lugar no litoral central uma vivência de mundo – uma paisagem – peculiar, que deu origem a um contexto regional de sambaquis igualmente peculiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arqueologia permite-nos conhecer os seres humanos que viveram no passado e compreender como se deu essa vivência, como se deram as relações entre estes seres e os demais elementos – humanos e não-humanos – que constituíam seu meio circundante. Por meio dos vestígios materiais deixados por estas populações antigas, somos colocados em “contato” com formas diversas de perceber/experienciar/viver o mundo, tal qual a dos pescadores-caçadores-coletores do litoral central de Santa Catarina

Retomando algumas das colocações que Ingold (2002, p. 42) desenvolve em torno das sociedades de caçadores-coletores por ele analisadas, reitera-se que tais sociedades não são peculiares na indivisibilidade entre sujeito e objeto, natureza e cultura, que marca suas vivências de mundo, não possuem uma “visão de mundo” alternativa àquela dos cientistas e humanistas ocidentais, nem vivem o meio-ambiente de forma que as outras pessoas não vivem. Seria interessante reverter a ordem de prioridade que costumamos aplicar ao estudo das populações pré-coloniais, deixando-nos conduzir por elas de forma que em lugar da prática mais habitual de entendê-las a partir de nós, passemos a entender nós mesmos a partir delas, tomando a condição humana como sendo aquela de um ser imerso desde o princípio no mundo com suas criaturas e objetos, num engajamento com todos os seus elementos constituintes. Uma ontologia do *dwelling*, segundo o autor, fornece uma melhor forma de compreender a natureza humana que a ontologia Ocidental, que toma como ponto de partida

uma mente descolada do mundo que o formula em consciência antes de qualquer tentativa de engajamento.

Ora, levando isso em consideração, se a Arqueologia coloca-nos em contato com populações humanas pré-coloniais e suas vivências de mundo, então ela nos coloca em contato com aquilo que nós mesmos somos, com nossa experiência pré-objetiva. Heidegger (2008, p. 95-96) já destacara certa vez a grande relevância dos – por ele chamados – “povos primitivos” para a Fenomenologia em sua busca pela consciência pré-reflexiva incorporada do ser humano:

Orientar a análise da presença pela “vida dos povos primitivos” pode apresentar um significado metodológico positivo na medida em que, muitas vezes, os “fenômenos primitivos” são menos complexos e menos encobertos por uma interpretação própria, já muito abrangente, da respectiva presença. Com frequência, a presença primitiva fala mais diretamente a partir de uma imersão originária nos próprios “fenômenos” (tomados em sentido pré-fenomenológico). A conceituação que, do nosso ponto de vista possa parecer grosseira e acanhada, pode contribuir positivamente para uma elaboração genuína das estruturas ontológicas dos fenômenos.

Esta consciência pré-reflexiva incorporada que tanto se faz aparecer no dia-a-dia de grupos como os dos pescadores-caçadores-coletores da costa catarinense, para nós ocidentais, habituados a pensar cartesianamente, encontra-se velada. O dualismo sujeito-objeto que rege nossa vivência de mundo afasta-nos dos fenômenos, afasta-nos de nosso “ser” pré-conceitual ou pré-reflexivo: afasta-nos de nós mesmos. Ao argumentar que a percepção sinestésica é a regra – e, não, um problema que ocorre em determinadas pessoas –, correspondendo à nossa experiência primordial de mundo, Maurice Merleau-Ponty faz semelhante acusação, colocando que “[...] se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como o concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 308)

A Arqueologia em seu estudo das populações humanas pré-coloniais lida com tempos anteriores à fragmentação do conhecimento pelo paradigma newtoniano-cartesiano, revelando-nos a experiência pré-reflexiva e sinestésica do ser humano e, assim, promovendo seu entendimento de forma mais holística. Por meio da Arqueologia é possível reconhecer a existência de outras formas de perceber o mundo que, diferentemente da percepção Ocidental, não encobrem o “ser-no-mundo”, não encobrem a complexidade das coisas.

Para que o arqueólogo consiga captar esta realidade fugaz, contudo, é importante deixar de lado o dualismo sujeito-objeto, desenvolvendo uma percepção holística de mundo

que lhe permita atentar para todo o tipo de informação e, desta forma, perceber todo o tipo de percepção. É aí que entra a transdisciplinaridade: convém à Arqueologia ser transdisciplinar se almeja compreender os grupos humanos pré-coloniais que viviam e pensavam transdisciplinarmente – ou melhor, “pré-disciplinarmente” –, sem divisão entre natureza e cultura, entre sujeito, objeto e conhecimento.

A transdisciplinaridade oferece um ponto de vista diferenciado à Arqueologia, e a Arqueologia oferece novas possibilidades aos estudos que se preocupam com a questão do “ser-no-mundo”, como aqueles realizados no âmbito da fenomenologia e, abrangendo todos eles, os estudos transdisciplinares. Essa é a contribuição que a Arqueologia pode dar à abordagem transdisciplinar – ou holística –, e esta é a contribuição que uma abordagem transdisciplinar pode dar à Arqueologia, conferindo novos sentidos uma à outra.

Nesta pesquisa que por ora se encerra, foi reconhecida a possibilidade diferenciada de interpretação que uma abordagem transdisciplinar pode oferecer à Arqueologia. Constatou-se que a fuga ao dualismo entre sujeito e objeto pode auxiliar na compreensão de como os elementos humanos e não-humanos que constituem o mundo se relacionam, vivem seu meio ambiente e, assim, compõem paisagens. Uma mudança na forma de perceber/experienciar/viver o mundo resultou, neste trabalho, numa forma distinta de entender os pescadores-caçadores-coletores que habitaram o litoral central de Santa Catarina, do mesmo modo como a vivência diferenciada desses pescadores-caçadores-coletores possivelmente resultou num entendimento de mundo diferenciado se comparado ao dos grupos associados aos sambaquis das porções norte e sul do litoral.

Com o auxílio da Fenomenologia – e de Ingold e Tilley, autores que aplicaram esta forma de tratar a questão do “ser” ao campo de estudo da Arqueologia – entendida à luz de uma metodologia Transdisciplinar, foi possível sugerir, para o contexto de sambaquis do litoral central, uma realidade muito mais complexa do que aparenta ser. O desenvolvimento de tal contexto foi atribuído ao estabelecimento de relações diferenciadas entre os grupos humanos associados aos sambaquis e os demais elementos constituintes do meio que os circundava, o que teria dado origem a uma paisagem diferenciada. A sugestão é de que, talvez, estes pescadores-caçadores-coletores tenham “vivido o mundo” de forma distinta, num ajuste de atenção a determinados aspectos deste mundo – possibilitado pela aquisição de determinadas “habilidades” no engajamento diário com o meio – e os sambaquis de menores dimensões seriam extensões dessa vivência, tornando-se seus mais evidentes indicadores. Uma vivência de mundo peculiar, pode ter resultado num contexto de sambaquis igualmente peculiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, Aziz. **Brasil: paisagens de exceção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

ACQUA FORUM. **Regiões hidrográficas**. Disponível em: <http://www.fundacentro.sc.gov.br/acquaforum/principal/rh.php>. Acesso em: 20 jan. 2010.

ARAÚJO, Édson Medeiros de. Análise do material ósseo humano do sambaqui do Rio Lessa (SC.LF.39). In: BECK, Anamaria *et al.* Estudos do sambaqui do Rio Lessa. **Anais do Instituto de Antropologia**, UFSC, Florianópolis, n. 2, p.175-188, 1969.

BANDEIRA, Dione da Rocha. **Mudança na estratégia de subsistência: o sítio arqueológico Enseada I - um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

_____. **Ceramistas pré-coloniais da baía da Babitonga, SC – arqueologia e etnicidade**. Tese de Doutorado (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BARRETO, Cristiana. Caminos a la desigualdad: perspectivas desde las tierras bajas de Brasil. In: GNECCO, Cristóbal; LANGEBAEK, Carl Henrik (Eds.). **Contra la tiranía tipológica en arqueología: una visión desde Suramérica**. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2006. p. 1-30.

BASTOS, Rossano Lopes. **A utilização dos recursos naturais pelo homem pré-histórico na Ilha de Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

BECK, Anamaria *et al.* Considerações gerais sobre a escavação do sambaqui do Rio Lessa. In: _____. Estudos do sambaqui do Rio Lessa. **Anais do Instituto de Antropologia**, UFSC, Florianópolis, n. 2, p. 153-174, 1969.

BECK, Anamaria. **A variação do conteúdo cultural dos sambaquis do litoral de Santa Catarina**. Erechim: Habilis, 2007.

BETTANIN, Edson. **Os fatores de desgaste dos sítios pré-coloniais da Ilha de Santa Catarina e a gestão patrimonial**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BIGARELLA, João José. Contribuição ao estudo da planície sedimentar da parte norte da Ilha de Santa Catarina. 126 **Arquivos de Biologia e Tecnologia**, v. 4, p. 108-140, 1949.

BRANDI, Rafael de Alcantara. **Arqueologia catarinense: análise bibliométrica e revisão arqueográfica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2004.

CALIPPO, Flávio Rizzi. **Sociedade sambaqueira, comunidades marítimas**. Tese de doutorado (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CASTILHOS, Janete Abreu de. **Estudo evolutivo, sedimentológico e morfodinâmico da planície costeira e praia da Armação – Ilha de Santa Catarina, SC**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

COMERLATO, Fabiana. **Delimitação do sítio: Sambaqui da Rua 13, Praia de Bombas, Bombinhas, SC**. Relatório de Pesquisa. Florianópolis, 1999.

_____. **As representações rupestres do litoral de Santa Catarina**. Tese de doutorado (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

COMERLATO, Fernanda. **Sambaquis e a reconstituição paleogeográfica da bacia do rio Ratonas, Florianópolis, SC**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CREMA, Roberto. Além das disciplinas: reflexões sobre transdisciplinaridade geral. In: WEIL, Pierre; D'AMBROSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. **Rumo à nova Transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento**. São Paulo: Summus, 1993. p. 125-173.

CRUZ, Olga. **A Ilha de Santa Catarina e o continente próximo: um estudo de geomorfologia costeira**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

DE BLASIS, Paulo Antônio Dantas *et al.* Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e Arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. **Revista Arqueologia Suramericana**, n. 3, p. 29-61, 2007.

DE BLASIS, Paulo; GASPAR, Maria Dulce. Os sambaquis do sul Catarinense: retrospectiva e perspectiva de dez anos de pesquisas. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas: Revista da Universidade de Santa Cruz, Ilhéus**, v. 11/12, n. 20/21, p. 83-125, 2008/2009.

Declaração de Veneza. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0006/000685/068502por.pdf>. Acesso em: 22 maio 2011.

DE MASI, Marco Aurélio Nadal. Pescadores coletores da costa sul do Brasil. **Pesquisas, Antropologia: Revista do IAP**, São Leopoldo, n. 57, 2001.

DUARTE, Gerusa Maria. O sambaqui do Rio Lessa (SC.LF.39) e suas relações com o meio natural. In: BECK *et al.* Estudos do sambaqui do Rio Lessa. **Anais do Instituto de Antropologia**, UFSC, Florianópolis, n. 2, p.143-152, 1969.

_____. Distribuição e localização de sítios arqueológicos tipo sambaqui, na Ilha de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia**, UFSC, Florianópolis, n. 4, p. 31-60, 1971.

_____. **Estratigrafia e evolução do Quaternário do plano costeiro norte da Ilha de Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geociências) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1981.

EBLE, Alroino B.; REIS, Maria José. **Parque Estadual do Tabuleiro: aspectos culturais e sociais**. v. 1. UFSC, FATMA, Florianópolis, 1976. Mimeografado.

EPAGRI. **Síntese informativa da maricultura**. 2009. Disponível em: http://www.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=208:mexilhoes-ostras-e-vieiras&catid=29:maricultura&Itemid=30. Acesso em: 18 abril 2011.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. **Levantamento arqueológico pré-histórico na Fazenda da Armação, município de Governador Celso Ramos, SC**. Relatório de Pesquisa. GRUPEP/ UNISUL, 2006.

_____. **Programa de salvamento e monitoramento arqueológico pré-colonial na área de implantação do loteamento Fazenda da Armação da Piedade, Município de Governador Celso Ramos, SC e Programa de Educação Patrimonial no município de Governador Celso Ramos, SC**. Relatório Parcial. GRUPEP/ UNISUL, 2008.

_____. **Programa de salvamento arqueológico pré-colonial na área de implantação do loteamento Caravelas, município de Governador Celso Ramos, SC e Programa de Educação Patrimonial no município de Governador Celso Ramos, SC**. Relatório Final, GRUPEP/UNISUL, 2011.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de; KNEIP, Andreas. **Panorama arqueológico de Santa Catarina**. Palhoça: Editora Unisul, 2010.

FICKER, Carlos. A Pedra da Laguna e a 2ª expedição do Dr. Carl von den Steinen ao Xingu, em 1888. **Anais do Museu de Antropologia**, UFSC, Florianópolis, n. 2, p. 209-212, 1969.

FOSSARI, Teresa Domitila et al. **O povoamento pré-histórico da Ilha de Santa Catarina: 1º. Relatório**. UFSC, IPHAN, FINEP. Florianópolis, 1987. 66 p. Mimeografado.

_____. **O povoamento pré-histórico da Ilha de Santa Catarina: 2º. Relatório**. UFSC, IPHAN, FINEP, Florianópolis, 1988a. 67 p. Mimeografado.

_____. **O povoamento pré-histórico da Ilha de Santa Catarina: 3º. Relatório**. UFSC, IPHAN, FINEP, Florianópolis, 1988b. 72 p. Mimeografado.

_____. **O povoamento pré-histórico da Ilha de Santa Catarina**: 4º. Relatório, UFSC, IPHAN, FINEP, Florianópolis, 1989. 68 p. Mimeografado.

_____. **A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

GIANNINI, Paulo César Fonseca *et al.* Interações entre evolução sedimentar e ocupação humana pré-histórica na costa centro-sul de Santa Catarina, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, Belém, v. 5, n. 1, p. 105-128, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2008.

HURT, Wesley R. The Interrelationships between the natural environment and four sambaquís, coast of Santa Catarina, Brazil. **Occasional Papers and Monographs**, n. 1. Bloomington: Indiana University Museum, 1974.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. London/ New York: Routledge, Taylor & Francis e-Library, 2002.

KLOKLER, Daniela M. **Food for body and soul**: mortuary ritual in shell mounds (Laguna – Brazil). Tese de doutorado (Doutorado em Filosofia) – Universidade do Arizona, 2008.

KNEIP, Andreas. **O povo da lagoa**: uso do SIG para modelamento e simulação na área arqueológica do Camacho. Tese de Doutorado (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LAGO, Paulo Fernando. **Santa Catarina**: a terra, o homem, a economia. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1968.

LAVINA, Rodrigo. **Resgate Arqueológico do Sambaqui da Rua 13, Bombas, Bombinhas/SC**. 1º Relatório Parcial. IPAT/UNESC, Criciúma, 2005.

LEVY, Figuti. **Estórias de arqueopescador**: considerações sobre a pesca nos sítios de grupos pescadores-coletores do litoral. Revista de Arqueologia – Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 11, p. 57-70, 1998.

LIMA, Tânia Andrade. **Em busca dos frutos do mar**: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. Revista da USP, São Paulo, n. 44, p. 270-327, 1999/2000.

Mapa da geografia de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.infoescola.com/mapas/mapa-geografico-santa-catarina>. Acesso em: 04 jul. 2011.

Mapa de divisão municipal. Disponível em: www.belasantacatarina.com.br/mapas.asp. Acesso em: 24 jan. 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MÜLLER, Letícia Morgana. **Sobre índios e ossos: estudo de três sítios de estruturas anelares construídos para enterramento por populações que habitavam o vale do rio Pelotas no período pré-contato.** Dissertação de mestrado (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

NASCIMENTO, Tânia Tomázia do; BASTOS, Rossano Lopes; OOSTERBEEK, Luiz Miguel. **Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S. J.”: uma coleção lítica revisitada.** No prelo.

NEVES, Walter. Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Sana Catarina). **Pesquisas**, Antropologia: Revista do IAP, São Leopoldo, n. 43, 1988.

NICOLESCU, Basarab. Um novo tipo de conhecimento: transdisciplinaridade. In: NICOLESCU, Basarab *et al.* **Educação e Transdisciplinaridade.** Brasília: UNESCO, 2000. p. 13-30.

_____. **Towards transdisciplinary education and learning.** Paper presented in the conference Science and Religion: Global Perspectives, Philadelphia, 2005.

_____. Transdisciplinarity: past, present and future. In: HAVERKORT, Bertus; REIJNTJES, Coen (Eds.). **Moving worldviews: reshaping sciences, policies and practices for endogenous sustainable development.** Holland: COMPAS, 2006. p. 142-166.

OKUMURA, Maria Mercedes Martinez. Diversidade morfológica craniana, micro-evolução e ocupação pré-histórica da costa brasileira. **Pesquisas**, Antropologia: Revista do IAP, São Leopoldo, n. 66, 2008.

PEIXOTO, Sílvia Alves. **Pequenos aos montes: uma análise dos processos de formação dos sambaquis de pequeno porte do litoral sul de Santa Catarina.** Dissertação de Mestrado (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Pesquisa fará levantamento de sambaquis brasileiros. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/materia/index.php?matid=23389>. Acesso em: 15 dez. 2010.

PIAZZA, Walter Fernando. **Estudos de Sambaquis (Nota prévia).** Série Arqueologia. n. 2. Florianópolis: Instituto de Antropologia / UFSC, 1966.

_____. **Nomenclatura dos sítios arqueológicos de Santa Catarina.** Mimeografado, 1966.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira.** Brasília, DF: Ed. UNB, 1992.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, n. ser. v. 4, p. 265-282, jan./dez. 1996.

REIS, Maria José. **A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense.** Erechim: Habilis, 2007.

REIS, Maria José; FOSSARI, Teresa Domitila. Arqueologia e preservação do Patrimônio Cultural a contribuição do padre João Alfredo Rohr. **Cadernos do CEOM**: Revista da UNOCHAPECÓ, Chapecó, n. 30, p. 295-293, 2009.

ROHR, João Alfredo. **Contribuição para a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina**. IOESC: Florianópolis, 1950.

_____. Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina II. **Pesquisas**, Antropologia: Revista do IAP, São Leopoldo, n. 8, 1960.

_____. Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina III, e notícias prévias sobre sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul. **Pesquisas**, Antropologia: Revista do IAP, São Leopoldo, n. 12, 1961.

_____. Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina IV e sambaquis do litoral sul-catarinense. **Pesquisas**, Antropologia: Revista do IAP, São Leopoldo, n. 14, 1962.

_____. O Museu do Homem do Sambaqui. **Notícias**, Florianópolis, n. 111/112, p. 20-24, 1971.

_____. **O sítio arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10**. Florianópolis: IOESC, 1977.

_____. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia**, UFSC, Florianópolis, n. 17, p. 77-168, 1984.

RIBEIRO, Marily Simões. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica**. São Paulo: Alameda, 2007.

SCIENTIA Consultoria Científica. **Arqueologia Preventiva associada à implantação do OSX Estaleiro, na Baía de São Miguel, Município de Biguaçu, SC**: diagnóstico do patrimônio arqueológico, avaliação de riscos e programas. Projeto de Pesquisa. Florianópolis, 2011.

_____. **Arqueologia Preventiva associada à implantação do OSX Estaleiro, na Baía de São Miguel, Município de Biguaçu, SC**: diagnóstico e prospecção arqueológica. Relatório Final. Florianópolis, 2011.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. A cerâmica guarani da Ilha de Santa Catarina. **Pesquisas**, Antropologia: Revista do IAP, São Leopoldo, n. 3, p. 267-324, 1959.

_____. O sítio arqueológico da Armação do Sul. **Pesquisas**, Antropologia: Revista do IAP, São Leopoldo, n. 48, 1992.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BITENCOURT, Ana Luisa Vietti. O sítio arqueológico do Pântano do Sul, SC. **Pesquisas**, Antropologia: Revista do IAP, São Leopoldo, n. 53, p. 77-124, 1996.

SILVA, Osvaldo Paulino da (Coord.). **Levantamento do patrimônio histórico, cultural e arqueológico na área de influência das obras de duplicação da rodovia BR 101-SC – Trecho Palhoça/Passo de Torres**. Relatório de Pesquisa. Florianópolis, 1999.

_____. **Salvamento arqueológico do sítio acampamento Rua do Papagaio**. Projeto de Pesquisa. Itaconsult, Florianópolis, 2003.

_____. **Programa de salvamento arqueológico na área de implantação da LT 138 KV Ilha Norte – Florianópolis/SC**. Projeto de Pesquisa. Florianópolis, 2008.

TIBURTIUS, Guilherme; BIGARELLA, Iris Koehler. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas**, Antropologia: Revista do IAP, São Leopoldo, n. 7, 1960.

THOMAS, Julian. Archaeologies of place and landscape. In: HODDER, Ian (Ed.). **Archaeological theory today**. Cambridge/Malden: Polity Press/Blackwell Publishers, 2001.

_____. Materiality and the social. In: FUNARI, Pedro Paulo; ZARANKIN, Andrés; STOVEL, Emily (Eds.). **Global archaeological theory: contextual voices and contemporary thoughts**. New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers, 2005. p. 11-18.

TILLEY, Christopher Y. **The materiality of stone: explorations in landscape phenomenology**. Oxford/New York: Berg, 2004.

TRIGGER, Bruce. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.

UFSC. **Levantamento arqueológico das margens da rodovia BR 101 – Trecho Garuva-SC (Km 0,0)/Palhoça-SC (Km 216,5)**. Relatório de Pesquisa. Florianópolis: UFSC, 1996.

_____. **Gerenciamento dos sítios arqueológicos do empreendimento Jurerê Internacional**. Projeto de Pesquisa. UFSC, Florianópolis, 1996.

_____. **Salvamento arqueológico do sambaqui Ponta do Maruim**. Relatório final. UFSC, FAPEU, 1998.

VIEIRA, Celso Voos. **Mapeamento geológico costeiro e evolução paleogeográfica do setor oriental da folha Garuva, nordeste de Santa Catarina, Brasil**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VILLAGRAN, Ximena S. **Estratigrafias que falam: Geoarqueologia de um sambaqui monumental**. São Paulo: Annablume, 2010.

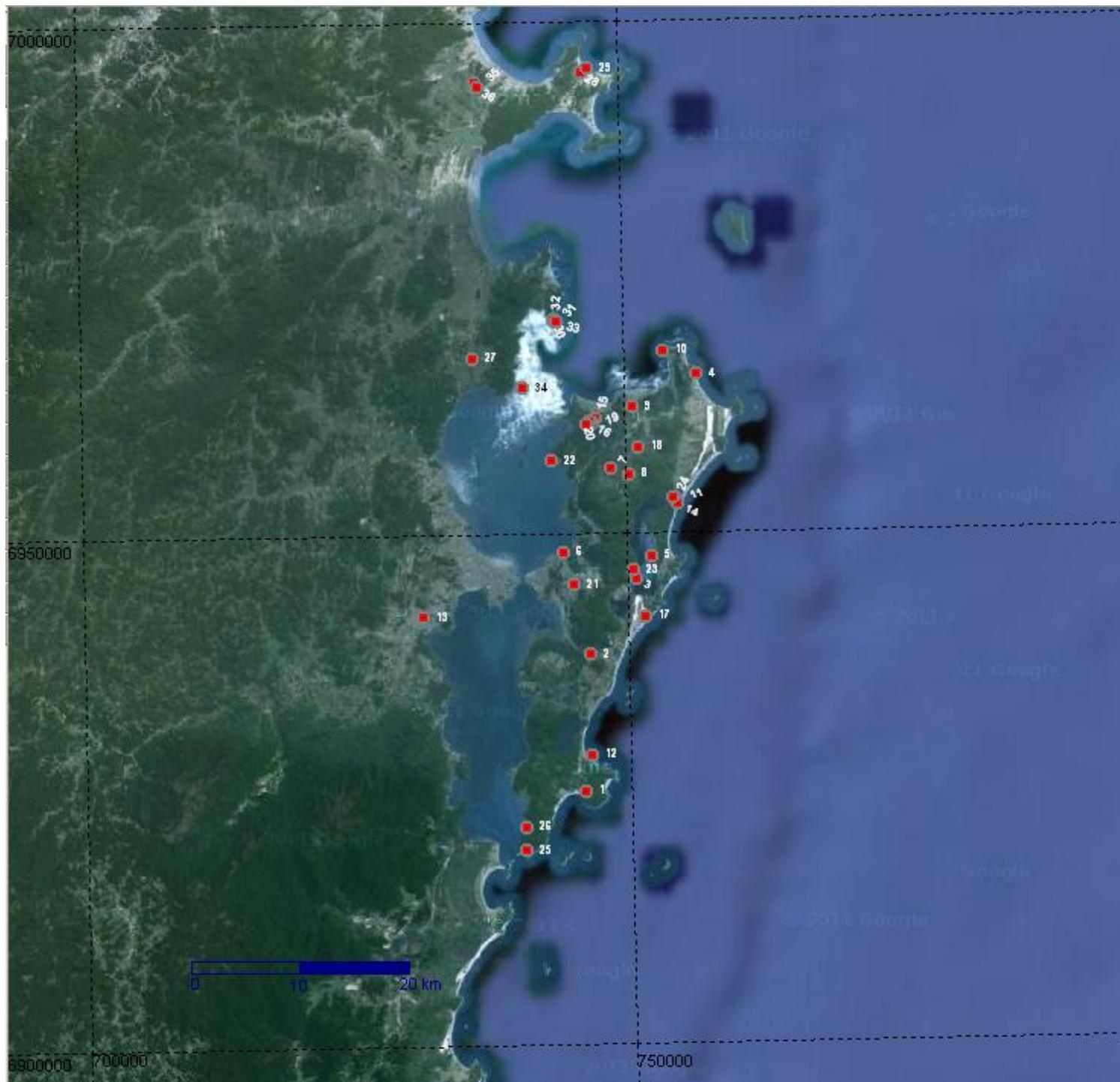
WEIL, Pierre. A axiomática transdisciplinar para um novo paradigma holístico. In: WEIL, Pierre; D'AMBROSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. **Rumo à nova Transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento**. São Paulo: Summus, 1993. p. 9-74.

WESOLOWSKI, Veronica. **Cáries, desgaste, cálculos dentários e micro-resíduos da dieta entre grupos pré-históricos do litoral norte de Santa Catarina: é possível comer amido e não ter cárie?** Tese de Doutorado (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2007.

ANEXOS

ANEXO I

Mapa dos sambaquis localizados no litoral central de Santa Catarina



1. Pântano do Sul I; 2. Rio Tavares III; 3. Ponta das Almas; 4. Barra da Lagoa II; 5. Rio da Barra da Lagoa; 6. Ponta do Lessa I; 7. Ratonos I*; 8. Ratonos III; 9. Canasvieiras I; 10. Ponta das Canas I; 11. Porto do Rio Vermelho I; 12. Armação do Sul; 13. Ponta do Maruim; 14. Praia Grande I; 15. Campo de Jurerê I; 16. Campo de Jurerê II; 17. Praia da Joaquina II; 18. Vargem Pequena I; 19. Jurerê III; 20. Jurerê IV; 21. São João do Rio Vermelho III; 22. Ponta do Sambaqui; 23. Canto dos Araçás; 24. Porto do Rio Vermelho II; 25. Naufragados I; 26. Caieira da Barra do Sul I; 27. Areias de Baixo; 28. Sambaqui da Rua 13; 29. Rua do Papagaio; 30. Armação da Piedade I; 31. Armação da Piedade III; 32. Armação da Piedade IV; 33. Armação da Piedade V; 34. Anhatomirim I; 35. Perequê I; 36. Perequê II.

* Embora as coordenadas UTM do sítio Ratonos I sejam conhecidas – apresentadas primeiramente por Comerlato (2007) como sendo referentes ao sítio que chama de “Rio Piçarras” – e, com isso, ele tenha sido georeferenciado com precisão, tratam-se das coordenadas daquilo que Bettanin (2008) julgou ser o Ratonos I por estar próximo à marcação que indica este sítio no mapa do IPUF. A conclusão de Bettanin a respeito do sítio Ratonos I é apoiada pelas descrições já feitas deste sambaqui por Duarte (1971), Fossari (1987b) e Comerlato (2007). Duarte, a primeira pesquisadora a registrá-lo como Ratonos I, situa-o em terreno de Euclides Roque Damasco. Isto remete à descrição feita por Comerlato (2007, p. 50) ao localizar o sítio que vem a chamar de Rio Piçarras “à aproximadamente 300 metros da propriedade do Sr. Fábio Engleitner, Servidão Família Damasco”. Comerlato menciona também que, quando visitado, o sambaqui estava cortado por um canal de drenagem, canal este não comentado por Duarte em seu registro – talvez por ainda não existir na época em que o levantamento foi realizado –, porém descrito no registro de Fossari (1987b, p. 29) para este sítio: “em nosso levantamento verificamos que o sítio foi arrasado pela abertura de um canal de drenagem”. Com isso, percebe-se que como inferido por Bettanin, o sambaqui Rio Piçarras, localizado por Comerlato, trata-se daquele denominado Ratonos I por Duarte e Fossari, ou de outro sambaqui muito próximo a ele. As coordenadas medidas por Comerlato e Bettanin, no entanto, não estão de acordo com a localização do sítio no mapa de Duarte (1971), onde sua marcação encontra-se mais abaixo do ponto marcado para ele em nosso mapa. Tendo em vista que na época em que foi realizado o levantamento de Duarte os métodos para a localização de sítios arqueológicos não ofereciam muito precisão, a marcação de Ratonos I em seu mapa não pode, de forma segura, ser tomada como referência, sendo preferível basear-se nas coordenadas UTM medidas por Bettanin e Comerlato. A possibilidade de as diferentes marcações significarem sambaquis distintos – ambos situados em propriedade da mesma família no passado e, hoje, ambos cortados por canal de drenagem – contudo, não pode ser descartada. Da mesma forma, não pode ser deixada de lado a hipótese de as duas marcações corresponderem a partes diferentes de um mesmo sambaqui de grande extensão.

ANEXO II

Quadro dos sambaquis do litoral central de Santa Catarina

FLORIANÓPOLIS									
CNSA	Sigla	Nome no CNSA	Outros nomes	Coordenadas UTM (SAD 69 / 22 J)	Descrição sumária do sítio	Estado de conservação	Dimensões	Bibliografia	
1	SC00278	FLN 001	Estação Florestal I	-	-	Localiza-se a 15 m da lagoa da Conceição e a 600 m da foz do rio Vermelho, sobre terreno arenoso. Sítio de pequenas dimensões já antes de ser destruído, apresentando somente conchas espalhadas sobre a superfície, indicando a base.	Destruído (1971).	Bastante pequeno (1971).	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987.
2	SC00279	FLN 002	Estação Florestal II	Duarte considera como dois sambaquis diferentes (Estação Florestal II e III)	-	Localiza-se a 50 m da lagoa da Conceição e a 900 m da foz do rio Vermelho, sobre terreno arenoso. Provavelmente seria um sambaqui geminado com duas bases de formação, separados 3 m um do outro.	Cortado por estrada (1971). Local de reflorestamento e extrativismo (1987).	Bastante pequeno (1971).	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987.
3	SC00280	FLN 003	Praia do Pântano do Sul I	Pântano do Sul I, porção situado nas dunas (Rohr)	-	Escavado por João Alfredo Rohr (1977). Trata-se de um sítio conchífero raso sem cerâmica que corresponde à porção situada nas dunas do sítio do Pântano do Sul I descrito por Rohr. Consta como um sítio diferente no CNSA porque assim Piazza, Duarte e Fossari o consideram. Situa-se no extremo leste da enseada do Pântano do Sul. Com formato de meia laranja, foi localizado e identificado por Osvald Menghin, que dele retirou material lítico. Antes de Menghin, esqueletos humanos já haviam sido retirados. Durante obras de canalização de uma servidão, trabalhadores encontraram um objeto antropomorfo polido em diabásio, que foi fotografado pela equipe de Fossari.	90% do sítio está destruído devido ao crescimento do povoado sobre ele (1988).	30 m de diâmetro e 2 -2,50 m de espessura (1962).	PIAZZA, 1962 <i>Apud</i> FOSSARI, 1988a; ROHR, 1984, 1977; FOSSARI, 1988a.
4	SC00283	FLN 006	Ponta da Armação	-	746362 / 6927970 (Datum desconhecido)	Fossari, num primeiro momento, considera este sítio um sambaqui, porém, em sua tese de doutorado (2004), refere-se a ele como sítio de grupos associados à família linguística Jê, sem mencionar sua caracterização como sambaqui. Situa-se numa antiga ilhota de embasamento cristalino, contígua ao extremo sul desta praia, junto à desembocadura do rio que dá vazão à lagoa do Peri. Afloram à superfície fragmentos de ossos humanos e outros animais, cacos de cerâmica e artefatos líticos, tendo este últimos sido coletados pela equipe de Fossari.	Local turístico, antes foi muito usado para acampamento e pastagem de gado. O caminho de acesso à ilhota passa sobre o sítio (1987).	Espessura em torno de 0,70 m (1987) / 1.500 m ²	FOSSARI, 1987; FARIAS, 2011.
5	SC00284	FLN 007	Pântano do Sul I	Cemitério do Pântano do Sul (Duarte); Morro do Cemitério do Pântano do Sul + Praia do Pântano do Sul (Fossari)	0745767 / 6924383	Escavado por João Alfredo Rohr (1977). Na encosta do morro apresenta características de sambaqui (bastante compacto) e, estendendo-se até as dunas, passa a configurar-se como sítio conchífero raso sem cerâmica. Piazza, Duarte e Fossari consideram cada uma destas partes como sítios distintos. Fossari chama de Praia do Pântano do Sul a porção situada nas dunas.	Ocupado por habitações e cemitério, além de ter sido cortado por estrada (1975-2008).	400 x 50 x 6 m (1975) Piazza (1962) atribui 25 m de altura a este sítio.	PIAZZA, 1962 <i>Apud</i> FOSSARI, 1987; ROHR, 1984, 1977; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987; SCHIMITZ e BITENCOURT, 1996; BETTANIN, 2008.
6	SC00285	FLN 008	Pântano do Sul II	-	-	Com formato semi-lunar, acha-se encostado ao lado norte da planície sedimentar que dá nome ao Pântano do Sul. Sepultamentos foram encontrados por agricultores. É o mesmo "meia laranja" que Piazza descreve e Fossari associa com o sítio Praia do Pântano do Sul? Apesar da coincidência da forma, Fossari não acusa isso, não demonstrando dúvidas com relação a esta associação. Aqui sigo Fossari, mas a possibilidade daquele sítio descrito por Piazza corresponder a este não deve ser descartada.	Antigamente havia lavouras sobre o sambaqui (1975).	15 x 10 x 1,5 m (1975)	ROHR, 1984.
7	SC00286	FLN 009	Carianos I	Talvez corresponda ao sambaqui do Aeroporto (Duarte), uma vez que as informações coincidem em alguns pontos.	742420 / 6938610 (Datum desconhecido)	Pequeno sambaqui situado à beira de área alagadiça, sobre sedimentos arenosos e encostado em parte sobre material cristalino que forma uma ponta. Foram encontrados fragmentos de ossos humanos e machados, além de alguns "quebra-nozes" terem sido desenterrados por operários.	Parcialmente destruído em 1958 pela abertura de um canal de esgoto. Destruído, provavelmente por trator (1971).	6 m de diâmetro e 2 m de espessura (1958) / 40 m ²	ROHR, 1960, 1984; DUARTE, 1971; FARIAS, 2011.
8	SC00287	FLN 010	Carianos II	Ressacada I (Duarte; Fossari)	-	Situa-se ao longo de restinga, limitando-se com área alagadiça mais baixa. Um machado e um fragmento de outro foram encontrados por Duarte, além de, conforme moradores antigos, ossos humanos terem aparecido durante seu desmonte. A equipe de Fossari coletou fragmentos de ossos não identificados.	Quase totalmente destruído para o calçamento de estradas e fabricação de cal (1959-1971). Destruído (1988).	40 x 30 x 4 m (1959)	ROHR, 1960, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988b.
9	SC00288	FLN 011	Carianos III	Ressacada III (Duarte; Fossari)	-	Encontra-se sobre terreno arenoso, à beira de área alagadiça. Havia material lítico em superfície quando Rohr o visitou, como quebra-coquinhos, machados, amoladores, etc.	Bastante danificado pela lavoura (1959-1971). Totalmente destruído, sob a pista do aeroporto Hercílio Luz (1988).	80-100 x 5-10 x 0,25-0,30/0,5 (1959) (Há discrepância entre as informações que Rohr fornece em diferentes fontes)	ROHR, 1960, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988b.

10	SC00289	FLN 012	Carianos IV	Ressacada II (Duarte; Fossari)	-	Alvo de pequena escavação por João Alfredo Rohr (1960). Encontra-se sobre terreno arenoso, quase inteiramente rodeado por área alagadiça mais baixa.	Em parte destruído para o calçamento da estrada da Base Aérea (1959-1971). Destruído e próximo ao estádio da Ressacada (1988).	20 x 20 x 1,5/2 m (1959) (Há discrepância entre as informações que Rohr fornece em diferentes fontes) Segundo informante local, antes o sítio atingia 5 m de altura.	ROHR, 1960, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988b.
11	SC00292	FLN 015	Rio Tavares I	-	744800 / 6937860 (Datum desconhecido)	Encontra-se sobre material arenoso e entre blocos de granito ao pé de um morro, à beira de área alagadiça e a 100 m do mar. Esqueletos foram recolhidos por Carlos Berenhauser, apresentando, também, material lítico.	Destruído para o calçamento de estradas (1959-1971). Bastante danificado pela abertura de um canal de drenagem (1988).	35 x 10 x 2 m (1959)	ROHR, 1960, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988b; FARIAS, 2011.
12	SC00293	FLN 016	Rio Tavares II	-	-	Encontra-se sobre terreno arenoso, à beira de área alagadiça. Havia fragmentos de ossos humanos e material lítico espalhados pela superfície do sítio quando visitado por Rohr.	Bastante danificado pela lavoura (1959).	20 x 10 x 0,70 m (1959)	ROHR, 1960, 1984; DUARTE, 1971.
13	SC00294	FLN 017	Rio Tavares III	-	0746567 / 6937845	Situa-se à beira de área alagadiça. Esqueletos humanos e machados líticos foram retirados por proprietários e durante construção de estrada. Duarte acredita ser este o sambaqui descrito por Carlos Wiener (1876), que originalmente teria de 6 a 11 m de altura, do qual restaria, então, apenas a camada basal.	Foi bastante danificado para construção de uma estrada (1959), estando em parte sob ela e, em parte, sob construções próximas (1987). Destruído com vestígios (2008).	50 x 20 x 1 m (1959) Carlos Wiener (1876) atribui uma altura de 6 a 11 m a este sítio.	ROHR, 1960, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987; BETTANIN, 2008.
14	SC00295	FLN 018	Rio Tavares IV	Rio Tavares V (Fossari)	-	Alvo de pequena escavação por João Alfredo Rohr (1960). Encontra-se sobre terreno arenoso, à beira de área alagadiça que se estende por 250 m até o rio Tavares.	-	15 x 6 x 0,70 m (1959)	ROHR, 1960, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987.
15	SC00296	FLN 019	Canto da Lagoa I	Canto da Lagoa II (Duarte), Canto da Lagoa IV (Fossari)	748444 / 6942180 (Datum desconhecido)	Alvo de pequena escavação por João Alfredo Rohr (1961). Situa-se a 350 m da lagoa da Conceição, sobre terreno arenoso bastante elevado em relação à lagoa.	Danificado pela lavoura (1960). Há apenas evidência de sua base (1971).	20 x 10 x 0,20/1 m (1960) (Há discrepância entre as informações que Rohr fornece em diferentes fontes)	ROHR, 1961, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987; FARIAS, 2011.
16	SC00297	FLN 020	Canto da Lagoa II	Canto da Lagoa I (Duarte; Fossari; De Masi)	-	Escavado por Marco Aurélio Nadal de Masi (2001) Situa-se numa língua de terra à beira da lagoa da Conceição. Havia material lítico espalhado pela superfície e arredores quando visitado por Rohr.	Danificado pela lavoura (1959). Encontra-se na área de lazer de condomínio e, portanto, em risco (1987).	70 x 30 x 0,30 m (1959)	ROHR, 1961, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987; DE MASI, 2001.
17	SC00298	FLN 021	Freguesia do Canto da Lagoa I	Freguesia da Lagoa I (Rohr; Fossari), Ponte da Lagoa da Conceição (Duarte)	-	Situa-se à beira da lagoa da Conceição. Nele foi encontrado material lítico.	Destruído até a base para fabricação de cal (1959). O local está aterrado e há habitações sobre ele, nada restando do sítio (1987).	35 x 15 x 0,30 / 4 m (1959) (Há discrepância entre as informações que Rohr fornece em diferentes fontes)	ROHR, 1961, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987.
18	SC00299	FLN 022	Ponta das Almas	-	0750810 / 6945091	Escavado por Walter F. Piazza (1966), Anamaria Beck (2007) e Weasley Hurt (1974). Encontra-se sobre embasamento cristalino, em ponta de terra dentro da lagoa da Conceição. As conchas ocupam, entre blocos de granito, toda a superfície e parte da planície.	Danificado pela lavoura (1959). Sob proteção da comunidade e, portanto, fora de risco iminente (1987-2008).	70 m de diâmetro e 5 a 6 m de altura (1959) / 1200 m ²	ROHR, 1961, 1984; PIAZZA, 1966; BECK, 2007; HURT, 1974; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987; BETTANIN, 2008.
19	SC00300	FLN 023	Barra da Lagoa I	Ponta da Vigia da Barra da Lagoa (Duarte), Ponta da Vigia (Fossari), Barra ou Morro da Vigia (Piazza)	0754304 / 6947030 (Datum desconhecido)	Situa-se a 100 m da foz do rio da Lagoa, na crista de um morro com base cristalina de 30 m de altura que forma pontal rochoso para dentro do oceano. Escavações foram realizadas pelo Dr. Norton de Oliveira, que dele retirou alguns esqueletos humanos. Fragmentos de cerâmica com decoração simples foram coletados pela equipe de Fossari.	Explorado para a fabricação de cal (1959). Comprometido pelas construções, árvores frutíferas, hortas e caminho que o corta (1987).	150 x 50 x 3 m (1959) Piazza (1962) atribui 10 m de altura a este sítio.	ROHR, 1961, 1984; PIAZZA, 1962; Apud FOSSARI, 1987; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987; FARIAS, 2011.
20	SC00301	FLN 024	Barra da Lagoa II	Igreja da Barra da Lagoa (Duarte; Fossari), Barra Esquerda II (Piazza)	0756729 / 6965058	Rohr descreve o sambaqui da Barra da Lagoa II e, em seguida, comenta que provavelmente todo o povoado da Barra que se situa no ângulo esquerdo estaria assentado sobre um único e grande sambaqui. A partir deste comentário, Duarte e Fossari chegam à conclusão de que os vestígios encontrados por suas equipes junto à Igreja da Barra da Lagoa correspondem a outra parte deste mesmo sítio registrado por Rohr. Situa-se em terreno arenoso, próximo ao estuário do rio da Lagoa, a 50 m do rio e a 150 m de sua foz. Fragmentos de ossos humanos afloravam à superfície quando visitado por Rohr. Uma ponta de osso de ave e duas lascas com sinal de polimento foram coletadas pela equipe de Fossari.	Ocupado por rancho de canoas de pescadores (1959). Há construções sobre o sítio (1971-1987). O local está totalmente descaracterizado, não restando vestígios do sítio (2008).	10 x 6 x 1 m (1959) Estas medidas, indicadas por Rohr, correspondem apenas a uma parte do sítio.	ROHR, 1961, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987; BETTANIN, 2008.
21	SC00302	FLN 025	Rio da Barra da Lagoa	Barra Esquerda I (Piazza; Fossari), Barra Esquerda (Duarte)	0752333 / 6947312	Encontra-se sobre terreno arenoso numa planície, a 100 m da lagoa da Conceição e a 50 m do canal da Barra da Lagoa. Conforme Rohr, dois esqueletos humanos foram encontrados por antigos moradores. Por informação concedida à equipe de Fossari, sabe-se que ainda mais esqueletos teriam sido retirados durante as obras de pavimentação.	Metade dele foi destruída para a fabricação de cal (1959). Resta somente a base. Foi removido por máquinas da prefeitura para a pavimentação de uma estrada (1971). Vestígios encontram-se sob moradias e camping (1989). No local há tanques de criação de alevinos da UFSC e prédios. Só restam vestígios (2008).	60 x 30 x 4/6 m (1959) (Há discrepância entre as informações que Rohr fornece em diferentes fontes) Sondagem chegou até 0,70 m de profundidade (1971).	ROHR, 1961, 1984; PIAZZA, 1966b; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1989; BETTANIN, 2008.
22	SC00303	FLN 026	Ponta do Lessa I	Rio Lessa (Duarte; Fossari; Bettanin)	0744191 / 6947772	Escavado por Anamaria Beck (<i>et al.</i> , 1969, 2007). Em ano posterior à escavação, em 1976, um aluno do curso de História da UFSC retirou dele um sepultamento que apareceu durante a abertura de rodovia. Situado sobre pontal cristalino, apresenta conchas muito misturadas a material inorgânico. Originalmente, estaria sobre uma ilha, mas com a intensa sedimentação e um aterro artificial, esta teria se ligado à Ilha de Santa Catarina. Prous (1992) não considera este sítio um sambaqui, referindo-se a ele como "acampamento".	Parcialmente destruído para a fabricação de cal (1969). Seria ameaçado pela expansão urbana (1988). Preservado pelo esquecimento, porém em risco (2008).	1, 05 m de espessura (1969)	BECK <i>et al.</i> , 1969, BECK, 2007; DUARTE, 1971; ROHR, 1984; FOSSARI, 1988a; BETTANIN, 2008.

23	SC00304	FLN 027	Ilha do Arvoredo I	Arvoredo II (Fossari)	760342 / 6978540 (Datum desconhecido)	Situa-se em praia da ilha do Arvoredo, junto ao porto dos pescadores. Um crânio foi retirado dele por Rohr e outro crânio foi coletado pela equipe de Fossari. Narram os pescadores que nos tempos da construção do galpão foram destruídos mais de 20 esqueletos humanos.	Parcialmente destruído pela construção de galpão da marinha (1966-1988).	60 x 40 x 3 m (1966) Para Fossari, a extensão do sítio deve ser pelo menos o dobro desta atribuída por Rohr.	ROHR, 1984; FOSSARI, 1988a; FARIAS, 2011.
24	SC00311	FLN 034	Ratones I	Rio Piçarras (Comerlato)	0748718 / 6955984	O sítio Ratones I registrado no CNSA é aquele descrito por Rohr - que corresponde ao Ratones IV descrito por Duarte e Fossari. Devido à renomeação feita por estas duas autoras, e por uma questão de organização face à confusão, nesta lista o sítio Ratones I corresponderá àquele Ratones I descrito por Duarte e Fossari e, não, aquele descrito por Rohr, este permanecendo sob a denominação de Ratones IV, sugerida pelas autoras mencionadas.. Encontra-se sobre material de coloração marrom, à beira do rio Jundiá e a 1 km do rio Pocinho (de água salgada), junto ao sopé de uma elevação isolada.	Utilização da área para plantio sazonal (1971). Destruido pela abertura de um canal de drenagem (1988). Há um pouco de lixo e montículos de conchas remexidas sobre a área, bem como buracos de tocas (2008).	0,45 m de espessura (1971)	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988b; COMERLATO, 2007; BETTANIN, 2008.
25	SC00312	FLN 035	Ratones II	-	-	Encontra-se sobre material arenoso e próximo a terrenos mais baixos e úmidos, a 400 m do rio Ratones. Ossos humanos e machadinhas de pedra foram retiradas por moradores antigos.	Explorado para a fabricação de cal (1971). Encontra-se sob área de lavoura e bastante comprometido (1988).	-	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988b; COMERLATO, 2007.
26	SC00313	FLN 036	Ratones III	-	0750378 / 6955425	Encontra-se sobre restinga, a 400 m do rio Ratones. Ossos de mamíferos foram coletados pela equipe de Fossari.	Cortado por estrada, aparentemente explorado e ocupado por casas e plantações (1971). A parte que resta encontra-se arrasada, sob um pomar (1988). Só restam vestígios (2008).	Extenso e raso (1971).	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988; COMERLATO, 2007; BETTANIN, 2008.
27	SC00314	FLN 037	Ratones IV	Ratones I (Rohr)	749857 / 6955410 (Datum desconhecido)	Encontra-se em planície a 400 m do rio Ratones. Os proprietários do terreno informaram à equipe de Duarte que ossos humanos e machados de pedra haviam sido encontrados.	Destruido em 40 % para a fabricação de cal (1967). Totalmente destruído por obras de terraplanagem (1988).	1 m de espessura / 4.000 m² (1967)	ROHR, 1984; DUARTE, 1971; COMERLATO, 2007; FOSSARI, 1988b; FARIAS, 2011.
28	SC00315	FLN 038	Ratones V	-	-	Duarte o descreve em nota de rodapé, mostrando-se em dúvida quanto a considerá-lo um sítio arqueológico ou não. Fossari inclui o possível sítio no Relatório de seu levantamento, permanecendo em dúvida, porém, acreditando que na etapa seguinte do projeto (o "survey") tal dúvida seria sanada. O "survey", contudo, nunca veio a ocorrer, e o suposto sítio - que se encontraria a 400 m do rio Ratones - consta no CNSA.	Apesar de o possível sítio estar em área de intensa lavoura, apresenta amostras conchíferas em sua superfície (1988).	-	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988b; COMERLATO, 2007.
29	SC00316	FLN 039	Canasvieiras I	Bigarella n. 4 e 5	750749 / 6961965	Situado em terreno arenoso limitado por banhado retificado que corresponde ao antigo leito do rio Papaquara. Bigarella relata para a localidade deste sítio a existência de dois pequenos sambaquis, ambos com 8-10 m de diâmetro e 0,50 m de espessura, onde teriam sido encontrados ossos de animais e material lítico sem sinal de trabalho. Já Duarte e Fossari, identificaram somente um desses dois sítios, tendo esta última coletado seixos e lascas em granito e diabásio.	Foi destruído em sua maior parte para a fabricação de cal (1949-1971). Danificado pelo tombamento de árvores (1988). O local foi encontrado por Comerlato, mas o sítio não. Talvez esteja totalmente destruído (2007).	0,70 m de espessura / 800 m² (1965)	BIGARELLA, 1949; ROHR, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988b; COMERLATO, 2007.
30	SC00317	FLN 040	Vargem do Bom Jesus I	Bigarella n. 6	751196 / 6961810 (Datum desconhecido)	Encontra-se sobre material arenoso, junto a terreno mais baixo e úmido que, segundo Bigarella, corresponde a uma antiga lagoa. A equipe de Fossari dele coletou material lítico não trabalhado e um machado.	Parcialmente destruído, provavelmente para a fabricação de cal (1967-1971). Destruido (1989).	1 m de espessura / 1.500 m² (1967)	BIGARELLA, 1949; ROHR, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1989; FARIAS, 2011.
31	SC00318	FLN 041	Vargem do Bom Jesus II	-	-	-	Foi destruído em mais de 90% (1967).	0,30 m de espessura / 300 m² (1967)	ROHR, 1984.
32	SC00319	FLN 042	Ponta das Canas I	Bigarella n. 1	0753662 / 6967325	Situa-se junto à praia, sobre elevação que se constitui de granito e um dique de diabásio. Entre estes materiais e o sítio há sedimento de encosta proveniente da mesma elevação. Grandes matacões afloram. Esta, contudo, não é a paisagem em que o sítio estava originalmente assentado pois, conforme Bigarella, no passado o sítio encontrava-se às margens da lagoa Papaquara. O mesmo autor ainda coloca que as conchas de sua camada basal apresentam-se cimentadas. Nele foram encontrados ossos humanos e de outros animais, material lítico e cerâmica. Alguns destes materiais foram coletados pela equipe de Fossari.	Bastante explorado ao longo do tempo e remexido pela lavoura (1976). Danificado por "escavação clandestina" e, em sua camada basal, pela ação das ondas do mar, porém, em parte, encontra-se intacto. Sobre sua área há uma cabana de madeira (1988). É jardim de acesso, com rampa de cimento passando sobre ele. Há também uma cerca e um limoeiro no sítio, além de alterações na topografia em sua extremidade norte (2008).	20 m de comprimento e 10-15 m de espessura (1949); 60 x 40 x 4 m (1976)	BIGARELLA, 1949; PIAZZA, 1966b; DUARTE, 1971; ROHR, 1984; FOSSARI, 1988a; BETTANIN, 2008.
33	SC00321	FLN 044	Lagoinha de Ponta das Canas I	Bigarella n. 2, Lagoinha (Piazza; Duarte)	754839 / 6967090 (Datum desconhecido)	Encontra-se sobre elevação e material de encosta, com grandes matacões de granito aflorando. Bigarella comenta que este sambaqui estaria, originalmente, situado às margens da lagoa e de encontro ao morro cristalino, porém, com o passar do tempo, a erosão marinha o teria isolado da planície de sedimentos, fazendo com que o sítio passasse a apresentar-se em frente ao oceano. Esqueletos humanos e ossos de outros animais, machados, um pequeno objeto lítico polido e muito material lítico não trabalhado foram encontrados por Bigarella. Rohr realizou uma pequena escavação (sondagem) de salvamento neste sítio sobre o qual seria construída uma casa de veraneio, porém nada publicou sobre isso. Na ocasião, foram encontrados sepultamentos humanos, cacos de cerâmica, lâminas de machado em diabásio, artefatos líticos fusiliformes e artefatos ósseos (pontas).	Área utilizada para lavoura e construção de casa de veraneio (1976). Não há vestígio do sítio, uma vez que sobre o local por ele ocupado há uma construção cercada de grama e jardim (1988).	20 m de comprimento e mais de 10 m de espessura (1949); 20 x 12 x 1,5 m (1976)	BIGARELLA, 1949; PIAZZA, 1966b; DUARTE, 1971; ROHR, 1984; FOSSARI, 1988b; FARIAS, 2011.
34	SC00322	FLN 045	Porto do Rio Vermelho I	Bigarella n. 10	0754529 / 6953000	Escavado por Marco Aurélio Nadal de Masi (2001). Fossari considera os sítios Porto do Rio Vermelho I e II, ambos registrados no CNSA, como um sítio apenas, porém separados por riacho muito estreito. Encontra-se sobre terreno arenoso, a 100 m da lagoa da Conceição e próximo à foz do rio Vermelho.	Em grande parte destruído para a fabricação de cal e pavimentação de estradas (1959-1971). Em local de reflorestamento e extrativismo (1987).	80 x 20 x 4 m (1959)	BIGARELLA, 1949; PIAZZA, 1966b; ROHR, 1984; DUARTE, 1971; DE MASI, 2001; FOSSARI, 1987.

35	SC00323	FLN 046	Campo do Casqueiro I	-	-	Existem dois sítios assim denominados no CNSA: um "Campo do Casqueiro I" registrado por Piazza e outro "Campo do Casqueiro" registrado por Rohr. Sabe-se, contudo, que ambos registros correspondem a um único sítio. Duarte e Fossari também nomearam um sambaqui de "Campo do Casqueiro" em seus levantamentos e este, segundo Fossari, trata-se de outro sítio, diferente daquele descrito por Rohr e Piazza. O "Campo do Casqueiro" mencionado por Duarte e Fossari, no entanto, não consta no CNSA. Buscando uma melhor organização, portanto, nesta lista o sítio "Campo do Casqueiro I" corresponderá àquele descrito por Rohr e Piazza, enquanto o sítio "Campo do Casqueiro" corresponderá àquele descrito por Duarte e Fossari. Sítua-se a mais ou menos 1 Km da lagoa da Conceição Material lítico foi recolhido por agricultores.	Danificado pela lavoura (1959).	22 x 12 x 0,40/4 m (1959) (Há discrepância entre as informações que Rohr fornece em diferentes fontes, inclusive, em uma delas ele diz que o sítio está danificado e na outra diz que está intato)	ROHR, 1961, 1984; PIAZZA, 1962 <i>Apud</i> FOSSARI, 1987.
36	SC00324	FLN 047	Campo do Casqueiro II	Talvez corresponda ao sítio da Ponta do Campo (Piazza)	-	Sítua-se junto à lagoa da Conceição.	Bastante danificado pela lavoura (1959).	30 cm de espessura / 20 m ² (1959)	ROHR, 1961, 1984; PIAZZA, 1966b.
37	SC00325	FLN 048	Mato do Pilão	Borda do Mato (Duarte)	-	Sítua-se na encosta de uma elevação arenosa, próximo a mato alto que se desenvolve numa depressão, provavelmente ocupada por água antigamente. Um artefato lítico em basalto com superfície alisada foi recolhido por Rohr. Blocos pequenos e plaquetas de diabásio foram encontradas por Duarte.	Intato (1959). Local de reflorestamento e extrativismo (1971).	0,40 m de espessura (1959) / 15 m ²	ROHR, 1961, 1984; DUARTE, 1971.
38	SC00326	FLN 049	Ponta dos Martins	-	-	Sítua-se numa ponta de terra junto à lagoa da Conceição, sobre terreno arenoso. Apresenta-se muito compacto.	Intato (1959). Sob ação de culturas agrícolas (1962), Explorado desde os tempos coloniais (1971). Quase completamente destruído, em local de reflorestamento e extrativismo (1987).	36 x 29 x 1,5 m (1959)	ROHR, 1961, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987.
39	SC00327	FLN 050	Armação do Sul	-	0746460 / 6928029	Escavado por João Alfredo Rohr e Margarida Davina Andreatta (1969). Trata-se de um sítio conchífero raso sem cerâmica. Está situado próximo à foz do riacho Quinda Antônio (Canal da Armação), distando 100 m do morro da Armação.	Está em grande parte coberto por moradias separadas por uma estrada (1988).	2.000 m ² (1977)	ROHR & ANDREATTA, 1969; ROHR, 1977 <i>apud</i> FOSSARI, 1988a; FOSSARI, 1988a; DE MASI, 1990; SCHIMITZ <i>et al.</i> , 1992.
40	SC00328	FLN 051	Ponta dos Limões	-	0742342 / 5942911 (coordenada fornecida por Bettanin que, contudo, ao ser lançada no mapa, indicou localização distante da costa, em meio ao mar.	Sítua-se na extremidade da ponta dos Limões, que penetra a baía sul, a 5 m do mar e sobre terreno arenoso.	Semi-destruído (1988). Esteve em risco de perda total, quando houve intervenção e foi escorado por um arrimo. Bastante comprometido (2008).	-	FOSSARI, 1988b; BETTANIN, 2008.
41	SC00330	FLN 053	Saco Grande I	-	745693 / 6950360 (Datum desconhecido)	Encontra-se sobre terreno arenoso, junto ao mar. Artefatos líticos (quebra-coquinho e bigornas) e fragmentos de quartzo, diabásio e granito foram coletados pela equipe de Fossari.	Bastante danificado e cortado por um açude (1988).	-	FOSSARI, 1988b; FARIAS, 2011.
42	SC00331	FLN 054	Praia Grande I	Bigarella n. 12	0754866 / 6952483	Escavado por João Alfredo Rohr (1960, 1962). Encoberto por dunas, a poucos metros da praia do Moçambique. Bigarella apresenta-o com 7 m de altura, quase soterrado pelas areias das dunas, e supõe que tenha sido assentado às margens da lagoa da Conceição, da qual dista 2.000 m.	Parcialmente destruído para a fabricação de cal (1959). A Estação Florestal retirou material dele para a estrada (1971). Em local de reflorestamento e extrativismo (1987). Não foram verificadas alterações recentes (2008).	100 x 20 x 4 m (1959) Bigarella (1949) atribui 7 m de altura a este sítio.	BIGARELLA, 1949; ROHR, 1960, 1962, 1984; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987; BETTANIN, 2008.
43	SC00332	FLN 055	Campo de Jurerê I	Jurerê I (Duarte; Fossari; Bettanin)	0747462 / 6960858	Sítua-se a 1.000 m do rio Papaquara, sobre terreno arenoso e bordejado por terreno alagadiço (meandro). Foram encontrados fragmentos de diabásio e outras ígneas.	Sinais de utilização da área para agricultura e de destruição por tratores (1971). Totalmente destruído devido à construção de estrada (1988). Não foram verificadas alterações recentes (2008).	100 x 100 x 1 m (1973)	DUARTE, 1971; ROHR, 1984. FOSSARI, 1988a; COMERLATO, 2007; BETTANIN, 2008.
44	SC00333	FLN 056	Campo do Jurerê II	Jurerê II (Duarte; Fossari; Bettanin)	0747076 / 6960390	Sítua-se em terreno arenoso, na borda de um meandro (canal de drenagem em 1988). Foram encontrados fragmentos de diabásio e granito, bem como ossos de peixe, coletados pela equipe de Fossari.	Vestígio de plantação de mandioca (1971). Parcialmente destruído pela abertura de uma canal de drenagem (1988). Aparentemente bem preservado (2008).	15 m de diâmetro (1973) e 0,40-0,60 m de espessura (1971, 1973), 1 m (1988) / 125 m ²	DUARTE, 1971; ROHR, 1984. FOSSARI, 1988a; COMERLATO, 2007; BETTANIN, 2008.
45	SC00336	FLN 059	Ponta das Flechas	-	-	Escavado por Alroino Eble, porém nada foi publicado a respeito da escavação. No CNSA está registrado como "sítio raso de sepultamento", pois Rohr, o autor do registro, assim o considera. Já Fossari refere-se a ele como "sambaqui". Sítua-se em terreno arenoso sobre ponta na ilha Maria Francisca, localizada na baía do Ribeirão.	Construção de um engenho de farinha destruiu diversos sepultamentos (1959). Há construções sobre o sítio (1988).	1.500 m ² (1959)	ROHR, 1984; FOSSARI, 1988a.
46	SC00338	FLN 061	Alto Ribeirão	-	741723 / 6933270 (Datum desconhecido)	Trata-se de um sítio conchífero raso sem cerâmica. Está assentando em terreno arenoso, sobre uma área plana, a 650 m do mar. Nele foram encontrados sepultamentos e material lítico.	Em grande parte destruído pela construção de uma estrada (1973). Totalmente destruído pela ampliação da estrada e pelas casas construídas sobre ele (1989).	50 m ² (1973)	ROHR, 1984; FOSSARI, 1989; FARIAS, 2011.

47	SC00351	FLN 074	Ponta do Leal	-	-	Está registrado no CNSA como "sambaqui", porém Rohr, o autor do registro, não se refere a ele desta forma na bibliografia consultada, denominando-o, genericamente, de "sítio arqueológico da Ponta do Leal". Situa-se no Estreito, sobre a ponta do Leal. Nele foram encontrados ossos de peixes, carvão vegetal e cerâmica.	Parcialmente destruído e parcialmente aterrado devido à implantação de grandes tanques de petróleo da Shell (1971).	50 m ² (1971)	ROHR, 1984.
48	SC00352	FLN 075	Praia da Joaquina I	Joaquina I (Fossari)	-	Está registrado no CNSA como "sambaqui", porém Rohr, o autor do registro, refere-se a ele como "raso de sepultamentos" na bibliografia consultada e Fossari encontrou nele cacos de cerâmica, referindo-se a ele como sítio pré-colonial Jê. O tal sítio foi mantido nesta lista somente para a confusão ser desfeita, uma vez que consta como "sambaqui" no CNSA quando, na verdade, trata-se de sítio conchífero raso com cerâmica. Está assentado sobre embasamento cristalino, junto ao morro do Retiro, a 30 m do mar. Além dos cacos de cerâmica mencionados, foram coletados ossos de mamíferos pela equipe de Fossari.	Bastante denificado pela construção de uma residência e pela erosão, restando apenas alguns vestígios (1989).	2.500 m ² (1971)	ROHR, 1984; FOSSARI, 1989.
49	SC00359	FLN 083	Praia da Joaquina II	-	0751677 / 6941477 Bettanin atribui estas coordenadas ao sítio Praia da Joaquina I.	Situa-se na praia da Joaquina, sobre terreno arenoso, a 100 m do morro do Retiro. Em 1974, Rodrigo Lavina teria encontrado vestígios desse sambaqui encoberto parcialmente pelas dunas. Na ocasião, apresentava uma camada arqueológica de meio metro de espessura, com lascas de diabásio, ossos de peixe e carvão.	Totalmente destruído ou coberto por imóveis, aterros e estacionamento (1988).	0,50 m de espessura / 10 m ² (1974)	FOSSARI, 1988a; BETTANIN, 2008.
50	SC00361	FLN 085	Vargem Pequena I	-	751210 / 6957975	Situa-se em terreno argiloso, a 100 m do morro do Galego e a 150 m do morro dos Vitorinos, sendo contornado pelo córrego Vargem Pequena que se situa em nível mais baixo. Ossos humanos e de outros animais foram coletados pela equipe de Fossari, bem como um machado e alguns seixos de diabásio.	Em parte destruído pela construção de uma estrada e bastante remexido superficialmente, uma vez que sobre ele há uma casa e árvores frutíferas (1988-2008).	0,30 m de espessura / 1.000 m ² (1971)	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988a; COMERLATO, 2007; SILVA, 2008.
51	SC00364	FLN 088	Santo Antônio I	-	744503 / 6955790 (Datum desconhecido)	Num primeiro momento, Fossari refere-se a este sítio como "sambaqui" e, posteriormente, elimina a palavra "sambaqui" com um risco e, ao lado, escreve "sítio cerâmico", tendo sido encontrados fragmentos cerâmicos nele. No CNSA, contudo, está erroneamente registrado como sambaqui e, portanto, consta nesta lista somente para a confusão ser desfeita. Situa-se em pequena baía e sobre solo arenoso, muito próximo ao mar da praia de Santo Antônio. Cacos de cerâmica foram coletados pela equipe de Fossari.	Em épocas de maré cheia é banhado pelo mar (1988).	Sua altura chega no máximo a 1 m (1988).	FOSSARI, 1988b; FARIAS, 2011.
52	SC00365	FLN 089	Caicanga III	-	739697 / 6936580 (Datum desconhecido)	Este sítio foi registrado por Rohr em data desconhecida, porém não consta na bibliografia consultada. Apresenta conchas esparsas e carvão vegetal em meio às dunas.	Possui menos de 25% de sua integridade (s/d).	-	FARIAS, 2011.
53	SC00366	FLN 090	Vargem do Bom Jesus IV	-	-	Encontra-se sobre terreno arenoso, junto à uma planície sedimentar alagadiça.	Totalmente destruído e coberto pelo asfalto da pista de um kartódromo (1988).	2 m de altura / 1.000 m ² (Esta informação consta apenas no CNSA)	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988b.
54	SC00367	FLN 091	Vargem do Bom Jesus V	-	-	Encontra-se sobre terreno arenoso, junto à uma planície sedimentar alagadiça. A equipe de Fossari coletou quebra-coquinhos, lâminas de machado lascadas, raspadores, bigornas, lascas de diabásio e ossos de mamíferos de sua superfície.	Cortado por um canal de drenagem de 5 m de extensão, com 40 % de sua área destruída (1988).	-	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988b.
55	SC00368	FLN 092	Vargem do Bom Jesus VI	-	-	Encontra-se sobre terreno arenoso, junto à uma planície sedimentar alagadiça.	Seu material foi utilizado para fabricação de cal (1971). Danificado pela lavoura (1988).	-	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988b.
56	SC00369	FLN 093	Jurerê III	-	0746851 / 6960570	Situa-se em floresta fechada, com árvores de mata atlântica e muitos espinhos e gravatás, a 30 m do canal do rio Ratoões.	Não há sinal de alterações antrópicas (2008).	-	DUARTE, 1971; COMERLATO, 2007; BETTANIN, 2008.
57	SC00370	FLN 094	Jurerê IV	-	0746485 / 6960346	Encontra-se sobre material arenoso claro. Possui superfície irregular e as conchas estão misturadas com húmus. Nele foram encontradas vértebras de peixes e machados líticos.	Cortado por estrada e por alguma valas de drenagem (1971-2008).	Sondagem chegou até 0,80 m de profundidade (1971) / 100 m ²	DUARTE, 1971; COMERLATO, 2007; BETTANIN, 2008.
58	SC00371	FLN 093	Girassóis	-	-	Este sítio foi registrado por Rossano Lopes Bastos, em 1992, e sua descrição não consta na bibliografia consultada. Situa-se a 1 km do mangue. Apresenta estratigrafia de conchas intercaladas por fogueiras.	Possui ainda de 25% a 75% de sua integridade, devendo sua destruição à retirada de material para construção de casa e a distúrbios de superfície (1992).	0,50 a 1 m de espessura e 992 m ² (1992) (Esta informação consta apenas no CNSA)	BETTANIN, 2008.
59	SC00375	FLN 099	São João do Rio Vermelho I	-	755583 / 6955860 (Datum desconhecido)	Localiza-se a 80 m do extremo norte da lagoa da Conceição, 120 m abaixo da foz do rio das Capivaras e a 600 m do rio Vermelho, em terreno úmido.	A equipe de Fossari constatou uma depressão no centro do sambaqui, indicando retirada de material (1987).	De pequena extensão e espessura, com sondagem chegando até 0,70 m (1971).	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987; FARIAS, 2011.
60	SC00376	FLN 100	São João do Rio Vermelho II	-	-	Encontra-se sobre terreno arenoso, em frente ao sambaqui São João do Rio Vermelho I, a 200 m da lagoa da Conceição, 300 m abaixo da foz do rio Capivaras e a 400 m do rio Vermelho.	Seu topo está cortado por estrada e sobre o resto de sua área há uma casa e um engenho (1971). Totalmente destruído (1987).	De pequena extensão e espessura (1971).	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987.

61	SC00377	FLN 101	São João do Rio Vermelho III	-	0745155 / 6944728	Encontra-se sobre pequena ponta arenosa junto à lagoa da Conceição, a 350 m do rio Vermelho.	As águas da lagoa estão em contato com o sítio (1971). Totalmente destruído (1987).	-	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987; BETTANIN, 2008.
62	SC00379	FLN 103	Campo do Casqueiro	Para Duarte, este sítio corresponde ao Campo do Casqueiro descrito por Rohr e Piazza. Já Fossari, pensa tratarem-se de sítios diferentes.	-	Existem dois sítios assim denominados no CNSA: um "Campo do Casqueiro I" registrado por Piazza e outro "Campo do Casqueiro" registrado por Rohr. Sabe-se, contudo, que ambos registros correspondem a um único sítio. Duarte e Fossari também nomearam um sambaqui de "Campo do Casqueiro" em seus levantamentos e este, segundo Fossari, trata-se de outro sítio, diferente daquele descrito por Rohr e Piazza. O "Campo do Casqueiro" mencionado por Duarte e Fossari, no entanto, não const+H76a no CNSA. Buscando uma melhor organização, portanto, nesta lista o sítio "Campo do Casqueiro I" corresponderá àquele descrito por Rohr e Piazza, enquanto o sítio "Campo do Casqueiro" corresponderá àquele descrito por Duarte e Fossari. Situa-se em terreno arenoso, a 600 m da lagoa da Conceição. Nele foram encontrados ossos humanos e material lítico.	Cortado por estrada na parte central, tendo as laterais sido destruídas para sua pavimentação (1971). Em local de reflorestamento e extrativismo (1987).	-	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1987.
63	SC00383	FLN 108	Ponta do Sambaqui	-	0743260 / 6956880	Fossari, num primeiro momento (1988b), considera este sítio um sambaqui, porém, em sua tese de doutorado (2004), refere-se a ele como sítio de grupos associados à família linguística Jê, sem mencionar sua caracterização como sambaqui. Situa-se em terreno arenoso, sobre ponta que avança sobre o mar. Cacos de cerâmica foram coletados pela equipe de Fossari.	Bastante danificado, talvez semi-destruído (1988). Restam apenas conchas espalhadas (2008).	-	FOSSARI, 1988b; BETTANIN, 2008.
64	SC00384	FLN 109	Camping da Barra	-	754021 / 6947460 (Datum desconhecido)	Este sítio foi registrado por Walter F. Piazza, em 1966, porém não consta na bibliografia consultada. Situa-se à margem esquerda do rio da Lagoa, junto à sua foz. Nele foi encontrado material cerâmico.	Possui ainda de 25% a 75% de sua integridade, devendo sua destruição à construção de ranchos de pesca (1966).	1 m de altura / 300 m ² (1966) (Esta informação consta apenas no CNSA)	FARIAS, 2011.
65	SC00385	FLN 110	Ilha do Francês I	Bigarella n. 13.	749634 / 6965450 (Datum desconhecido)	Em frente a Canasvieiras.	-	3.000 m ² (Esta informação consta apenas no CNSA)	BIGARELLA, 1949; PIAZZA, 1966b; DUARTE, 1971; FARIAS, 2011.
66	SC00387	FLN 111	Canto dos Araçás	Fossari acredita tratar-se do sambaqui que Duarte e Rohr denominam "Costa da Lagoa".	0750631 / 6945980	Encontra-se sobre sedimentos de encosta, no sopé do morro do Assopra, a 50 m da lagoa da Conceição e a 60 m do rio valação, próximo de sua foz. Foram coletados artefatos líticos (ponta de flecha e uma lasca de quartzo) pela equipe de Fossari.	Danificado por seguidas ocupações. Sobre ele há uma casa, um cafezal e bananeiras (1980). Sem mais casa sobre o sítio, foi cortado por estrada e uma servidão, mas está fora de risco iminente (1987-2008).	Menos de 1 m de espessura / 3.000 m ² (1980)	DUARTE, 1971; ROHR, 1984; FOSSARI, 1987; BETTANIN, 2008.
67	SC01015	FLN 126	Ilha do Campeche III	-	749708 / 6934140 (Datum desconhecido)	Este sítio foi registrado por Fabiana Comerlato, em 1998, não constando na bibliografia consultada. Situa-se em terreno arenoso, no lado noroeste da ilha do Campeche, junto à praia. Nele foi encontrado material lítico lascado e polido.	Possui ainda de 25% a 75% de sua integridade (1998).	-	FARIAS, 2011.
68	SC01107	FLN 128, PRV02	Porto do Rio Vermelho II	Bigarella n. 11.	0754449 / 6953022	Escavado por Marco Aurélio N. de Masi (2001). Fossari considera os sítios Porto do Rio Vermelho I e II, ambos registrados no CNSA, como um sítio apenas, porém separado por riacho muito estreito. Encontra-se sobre terreno arenoso, sendo separado do sambaqui Porto do Rio Vermelho I pelo rio Vermelho.	O sítio está com os perfis e trincheiras expostas (2008).	-	BIGARELLA, 1949; DUARTE, 1971; DE MASI, 2001; BETTANIN, 2008.

69	Vargem Pequena II	-	-	Encontra-se sobre terreno arenoso junto a área alagadiça mais baixa. Nele foram encontrados fragmentos de diabásio e granito, bem como um machado de diabásio.	-	Área utilizada para plantações (1971). Praticamente destruído devido à ampliação de uma estrada e construções residenciais (1989).	Bastante raso (1971).	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1989; COMERLATO, 2007.
70	Areias de Santo Antônio	-	-	Sobre este sítio tem-se apenas informação oral. A equipe de Duarte não conseguiu visitá-lo. Fossari adiciona alguma informação sobre sua localização, mas também não conseguiu encontrá-lo.	-	-	-	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1989.
71	Campo da Coroa	Bigarella n. 8.	-	Situa-se em terreno arenoso, à margem de zona pantanosa, na beira da lagoa de Papaquara.	-	Explorado para a fabricação de cal (1949).	8 a 10 m de diâmetro e 1 m de espessura (1949)	BIGARELLA, 1949; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1989; COMERLATO, 2007.
72	Rio Ratonés	Bigarella n. 9.	-	Situa-se 200 m acima da barra do rio Papaquara, sobre terreno arenoso. Nele foram encontrados ossos de peixe, material lítico não trabalhado e alguns fragmentos de machados polidos. Segundo Bigarella, este sítio foi registrado pela primeira vez por Leonardos (1938) que, sem denominá-lo, comenta que teria sido localizado por Carlos Wiener, que o considerava "sambaqui natural". A equipe de Duarte não conseguiu visitá-lo. Fossari adiciona alguma informação sobre sua localização, mas também não conseguiu encontrá-lo.	-	Apresenta somente restos, tendo sido quase totalmente explorado para a fabricação de cal (1949).	10 m a 15 m de diâmetro e 1 m de espessura (1949)	BIGARELLA, 1949; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1989; COMERLATO, 2007.

73	Vargem do Bom Jesus II	Bigarella n. 6.	-	Não confundir este sítio com o Vargem do Bom Jesus II registrado por Rohr que consta no CNSA. Nem Duarte, nem Fossari acreditam que seja o mesmo sítio. Encontra-se a 100 m do sambaqui Vargem do Bom Jesus I, sobre material arenoso e próximo a um canal de drenagem que retifica o rio Papaquara. Esta área, segundo Bigarella, corresponde a uma antiga lagoa.	Destruido (1989).	-	BIGARELLA, 1949; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1989.
74	Vargem do Bom Jesus III	-	-	Encontra-se sobre pequena elevação, como uma ilhota, rodeada por área alagadiça. Antigo proprietário do terreno informou à equipe de Fossari que no passado teria retirado do sítio conchas, ossos humanos e de outros animais.	Seu estado de preservação permanece o mesmo de 1971 (1989).	-	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1989.
75	Rio do Bráz	Bigarella n. 3.	-	Encontra-se sobre terreno arenoso, junto à praia de Canasvieiras, a 50 m do mar.	A maior parte do sambaqui foi destruída pelo avanço do mar (1949). Destruido para a fabricação de cal e pela ação do mar (1971). Totalmente destruído (1989).	-	BIGARELLA, 1949; DUARTE, 1971; FOSSARI, 1989.
76	Campo da Barra I	-	-	Distante 200 m do sambaqui Campo da Barra II.	-	De pequena extensão e espessura (1971).	DUARTE, 1971.
77	Campo da Barra II	Para Duarte, este sítio corresponde ao sambaqui do Campo do Casqueiro II. As descrições, apesar de não se contradizerem, não estão de acordo.	-	Distante 200 m do sambaqui Campo da Barra I.	-	De pequena extensão e espessura (1971).	DUARTE, 1971.
78	Leca	-	-	Situa-se junto à lagoa da Conceição, sobre pequena e baixa ponta rochosa. Fossari adiciona alguma informação sobre sua localização, mas não conseguiu encontrá-lo.	-	Sondagem chegou até 0,75 m de profundidade (1971).	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1989.
79	Carianos I	-	-	Situa-se ao longo de restinga, junto à área mais baixa e alagadiça.	Há uma casa e plantações sobre o sítio (1971).	Não muito extenso (1971).	DUARTE, 1971.
80	Carianos II	-	-	Encontra-se em planície sobre terreno arenoso.	Destruido (1971). Totalmente destruído por aterro sobre o qual foi construído um loteamento (1988).	70 m de diâmetro (1971).	DUARTE, 1971; FOSSARI, 1988b.
81	Tapera	-	-	Junto a costão de granito, parte sobre a rocha e parte sobre sedimentos, no sopé do costão.	-	-	DUARTE, 1971.
82	Ilha das Laranjeiras	-	-	Situa-se na Ilha das Laranjeiras, em frente à praia da Tapera.	Intato (1971).	-	DUARTE, 1971.
83	Naufregados I	-	0740264 / 6918808	Há registro de um sítio denominado Naufregados I no CNSA, porém trata-se de sítio de oficina lítica. O sítio aqui em questão é um sítio conchífero raso sem cerâmica, levantado pela equipe de Fossari. Encontra-se em terreno arenoso, a 100 m do mar. Percutores e peças polidas em diabásio, um fusiliforme e fragmentos de xisto foram coletados pela equipe de Fossari.	Estado de conservação razoável, com algumas construções de madeira (1989). Na beira do mar, há alteração topográfica devido a muro de arrimo e aterro no acesso à praia. Além das casas, não há mais alterações (2008).	2.000 m de diâmetro (1989)	FOSSARI, 1989; BETTANIN, 2008.
84	Caieira da Barra do Sul I	-	0740306 / 6920997	Encontra-se em uma elevação de base cristalina, 20 m acima do nível do mar, do qual dista 100 m.	Destruido devido à construção de uma edificação, restando apenas alguns blocos de conchas em torno desta (1989). Não foram encontrados vestígios (2008).	-	FOSSARI, 1989; BETTANIN, 2008.
85	Paludo I	-	-	Situa-se em terreno arenoso, a 500 m do rio Ratonés. Parte do sítio encontra-se sob o lençol freático. Material lítico foi coletado de sua superfície pela equipe de Fossari.	No local são mantidos viveiros de camarão que, juntamente com seus respectivos canais de interligação, destruíram parte do sítio (talvez 50%) (1989).	Aproximadamente 2.000 m ² (1989)	FOSSARI, 1989.

BIGUAÇU

CNSA	Sigla	Nome no CNSA	Outros nomes	Coordenadas UTM (SAD 69 / 22 J)	Descrição sumária do sítio	Estado de preservação	Dimensões	Bibliografia	
1	SC01020	BGG 004	Areias de Baixo	-	0736181 / 6966891	Existe a possibilidade de este sítio corresponder ao sítio Governador Celso Ramos 5, descrito por Rohr, uma vez que a comunidade de Areias Pequenas descrita no texto de Rohr possivelmente corresponde à atual comunidade de Areias de Baixo que se localiza no município de Governador Celso Ramos e também é conhecida como Areias Segunda. Isto, no entanto, pode ser apenas uma coincidência. O sítio em questão pode, realmente, estar localizado no município de Biguaçu, porém próximo à comunidade de Areias de Baixo de Governador Celso Ramos, enquanto o sítio descrito por Rohr pode estar localizado em Areias de Baixo, no município de Governador Celso Ramos. Situa-se a 800 m de um riacho. É constituído por material conchífero misturado com terra escura.	Bastante destruído para a fabricação de cal, além de sua superfície estar dividida por uma cerca de arame farpado e seu material arqueológico ter sido removido de um lado, até a base, para a instalação de um campo de criação de gado (1996).	20 x 40 x 1 m (1996)	UFSC, 1996; SCIENTIA, 2011b.

BOMBINHAS

CNSA	Sigla	Nome no CNSA	Outros nomes	Coordenadas UTM (SAD 69 / 22 J)	Descrição sumária do sítio	Estado de preservação	Dimensões	Bibliografia	
1	SC00750	PEB 001	Porto Belo I	Porto Belo 5 (Rohr)	-	Este sítio consta no CNSA como situado no município de Porto Belo. A confusão se deu porque este sítio se localiza em Zimbros - hoje parte do município de Bombinhas - porém, na época do registro de Rohr, a localidade de Bombinhas ainda não estava emancipada de Porto Belo, o que veio a acontecer somente em 1992. Ele é descrito como "sítio raso de sepultamentos" por Rohr e como "cemitério" no CNSA. Como Rohr não menciona a presença de cerâmica, até o momento pode ser considerado um sítio conchífero raso sem cerâmica. As informações da ficha no CNSA e da descrição de Rohr não estão de acordo, mas como este registrou apenas dois sítios rasos de sepultamento em Bombinhas e a descrição de seu "Porto Belo 4" corresponde perfeitamente à descrição na ficha do "Porto Belo II", esta é a única associação que pode ser feita. Com muito húmus, crânios e outros materiais arqueológicos foram retirados por amadores.	Material foi retirado por amadores (1973). Apresenta de 25% a 75% de sua integridade. Ocupação indevida por sítiantes (1997 ou 1998).	1.000 m² (1973).	ROHR, 1984.
2	SC00832	PEB 002	Porto Belo II	Porto Belo 4 (Rohr)	-	Este sítio consta no CNSA como localizado no município de Porto Belo. A confusão se deu porque na época do registro de Rohr a localidade de Bombinhas ainda não estava emancipada de Porto Belo, o que veio a acontecer somente em 1992. Ele é descrito como "sítio raso de sepultamentos" por Rohr e como "cemitério" no CNSA. Como Rohr não menciona a presença de cerâmica, até o momento pode ser considerado um sítio conchífero raso sem cerâmica. Situa-se em pequeno istmo, encostado à baía de um lado e ao mar grosso de outro. Constitui-se de húmus escuro misturado com carvão, conchas, ossos de peixes e sepultamentos humanos.	Possui ainda mais de 75% de sua integridade. Construção de estrada destruiu vários sepultamentos (1973).	1.000 m² (1973).	ROHR, 1984.
3	SC00981	BMB 001	Sambaqui da Rua 13	-	0746657 / 6994679	Foi alvo de escavação de salvamento, realizada por Rodrigo Lavina (2005). Caracteriza-se por uma camada conchífera de 0,40 m e vários vestígios de fogueiras.	Possui ainda de 25% a 75% de sua integridade, tendo sido danificado pela construção de estrada e edificações (1996).	Camada arqueológica com 1,15 m de espessura (2005) / 800 m² (1996).	COMERLATO, 1999; LAVINA, 2005.

4	SC01020	BGG 004	Areias de Baixo	-	0736181 / 6966891	Existe a possibilidade de este sítio corresponder ao sítio Governador Celso Ramos 5, descrito por Rohr, uma vez que a comunidade de Areias Pequenas descrita no texto de Rohr possivelmente corresponde à atual comunidade de Areias de Baixo que se localiza no município de Governador Celso Ramos e também é conhecida como Areias Segunda. Isto, no entanto, pode ser apenas uma coincidência. O sítio em questão pode, realmente, estar localizado no município de Biguaçu, porém próximo à comunidade de Areias de Baixo de Governador Celso Ramos, enquanto o sítio descrito por Rohr pode estar localizado em Areias de Baixo, no município de Governador Celso Ramos. Situa-se a 800 m de um riacho. É constituído por material conchífero misturado com terra escura.	Bastante destruído para a fabricação de cal, além de sua superfície estar dividida por uma cerca de arame farpado e seu material arqueológico ter sido removido de um lado, até a base, para a instalação de um campo de criação de gado (1996).	20 x 40 x 1 m (1996)	UFSC, 1996; SCIENTIA, 2011b.
---	---------	---------	-----------------	---	-------------------	---	--	----------------------	------------------------------

GAROPABA

CNSA	Sigla	Nome no CNSA	Outros nomes	Coordenadas UTM	Descrição sumária do sítio	Estado de preservação	Dimensões	Bibliografia	
1	SC00404	GRB 001	Capão de Garopaba	-	-	Situa-se em pequeno outeiro que forma uma península na desembocadura da lagoa da Garopaba. O sambaqui ocupa toda a área do outeiro. Ao construir um rancho de pesca, pescadores encontraram um sepultamento humano, machados polidos, amoladores, batedores, pedras corantes e outros materiais arqueológicos.	Praticamente intato (1971).	100 x 50 x 3 m (1971)	ROHR, 1984.

GOVERNADOR CELSO RAMOS									
CNSA	Sigla	Nome no CNSA	Outros nomes	Coordenadas UTM (SAD 69 / 22 J)	Descrição sumária do sítio	Estado de preservação	Dimensões	Bibliografia	
1	SC00417	GCS 001	Casa Grande	-	-	Situa-se a 100 m da praia e a 50 m do rio das Palmas, apresentando forma mais ou menos retangular.	Está parcialmente ocupado pelas ruínas (muros e escombros) de antigo prédio (Casa Grande) (1965).	40 x 20 x 0,5 m (1965)	ROHR, 1984.
2	SC00418	GCS 002	Governador Celso Ramos I	Governador Celso Ramos 5 (Rohr)	-	A associação entre os sítios Governador Celso Ramos I (CNSA) e Governador Celso Ramos 5 (Rohr) não está comprovada, contudo, foi feita com base em alguns pontos em comum entre a descrição de Rohr e a ficha no CNSA. O primeiro e mais significativo ponto seria o ano de registro do sítio que, tanto no CNSA quanto na publicação de Rohr, é 1977. Um segundo ponto em comum seria a semelhança na atribuição de dimensões: 6.000 m ² e 2 m de altura no sítio do CNSA e 160 x 40 x 2 m no sítio de Rohr. Um terceiro e último ponto seria o estado de conservação do sítio, tendo este sido considerado destruído por fabricantes de cal em ambas as fontes. A equipe do GRUPEP - Arqueologia, sob coordenação de Deisi Scunderlick Eloy de Farias, realizou atividades de resgate num sítio chamou de "Governador Celso Ramos I", localizado no bairro Praia Grande, porém, ao final do relatório de pesquisa (FARIAS, 2011), a conclusão é de que provavelmente o "sítio" escavado se trate de um pseudo-sambaqui, resultado do remanejamento de material proveniente de sambaquis da região para aterro do terreno. Bem, para o caso de este sítio corresponder àquele mencionado por Rohr, cabe colocar que nele foi constatada a presença de esqueletos humanos e líticos trabalhados.	Totalmente destruído para fabricação de cal (1977).	160 x 40 x 2 m (1977)	ROHR, 1984; FARIAS, 2011.
3	SC00419	GCS 003	Armação da Piedade I	Governador Celso Ramos 1 (Rohr)	743824 / 6970392	Este sambaqui teve sua base resgatada pela equipe do GRUPEP - Arqueologia, sob coordenação de Deisi Scunderlick Eloy de Farias (2008). Situa-se a 200 m da praia de mar grosso. Rohr constatou a presença de quebra-cozinhos, seixos rolados de diabásio e fragmentos de quartzito.	Quase completamente destruído por fabricantes de cal (1966).	80 x 60 x 3 m (1966)	ROHR, 1984; FARIAS, 2006, 2008, 2011.
4	SC00420	GCS 004	Armação da Piedade II	Governador Celso Ramos 2 (Rohr)	-	Situa-se a 100 m da praia de mar grosso. Rohr constatou a presença de quebra-cozinhos, batedores, restos de esqueletos humanos e seixos rolados de diabásio.	Quase completamente destruído por fabricantes de cal (1966).	25 x 20 x 2 m (1966)	ROHR, 1984.
5	SC00421	GCS 005	Armação da Piedade III	Governador Celso Ramos 3 (Rohr)	743789 / 6970495	Situa-se a 20 metros da praia de mar grosso. Rohr constatou a presença de restos de esqueletos humanos, batedores, quebra-cozinhos, lascas de diabásio e quartzito.	Em grande parte destruído por fabricantes de cal (1966).	70 x 40 x 5 m (1966)	ROHR, 1984; FARIAS, 2006, 2008, 2011.
6	SC00422	GCS 006	Armação da Piedade IV	Governador Celso Ramos 4 (Rohr)	743665 / 6970493	Situa-se no topo de pequeno pontal, próximo à área de mangue. Rohr constatou a presença de seixos rolados de diabásio e quartzito, lascas irregulares de núcleos de ocre vermelho.	Intato (1966).	60 x 30 x 2 m (1966)	ROHR, 1984; FARIAS, 2006, 2008, 2011.
7	SC00992	GCS 008	Armação da Piedade V	-	743929 / 6970385	Este sítio aparece no CNSA como registrado por Rohr em 1966, porém não consta na publicação deste autor. No ano de 2008, Farias realizou pesquisas para a implantação do loteamento Fazenda Armação da Piedade, com abertura de alguns perfis e coletas de amostras para datação e análise sedimentológica em sítio que chamou de "Armação da Piedade V" (e também nos sítios Armação da Piedade III e IV), sem levantar discussão alguma sobre uma possível correlação deste sítio com outros registrados no CNSA. Em relatório de 2011 relacionado a outro empreendimento, no entanto, Farias busca uma correspondência entre o sítio Armação da Piedade V e os demais. Devido à falta de informações em sua ficha no CNSA, não foi possível verificar se, de fato, trata-se de sítio diferente dos outros cadastrados ou se, na verdade, correspondende a algum dos sítios aqui mencionados. A única informação fornecida pelo CNSA é de que situa-se no costão próximo ao mar.	Parcialmente destruído para a fabricação de cal (2006).	-	FARIAS, 2006, 2008, 2011.
8	SC00993	GCS 009	Armação da Piedade VI	-	-	A existência deste sítio no CNSA provavelmente é resultado de um registro duplo do sambaqui Armação da Piedade II. Isso pode ser percebido a partir da grande semelhança entre as descrições destes dois sítios no CNSA, que repetem a informação de que o sambaqui está localizado "entre o povoado da Fazenda e a Ponta da Armação da Piedade". Além disso, as dimensões atribuídas a ambos os sítios são parecidas de forma muito interessante: 25 x 20 x 2 m para o Armação da Piedade II e 35 x 30 x 3 m para o suposto Armação da Piedade VI. A título de curiosidade, cabe ainda mencionar que a característica de "altos e baixos na superfície", atribuída ao Armação da Piedade VI no CNSA devido à utilização de suas conchas por fabricantes de cal é também atribuída a um terceiro sítio, o Armação da Piedade III.	-	-	-
9	SC01096	GCS 011	Anhatomirim I	-	0740742/ 6963890 Ponto aproximado, do centro da ilha, para fim de mapeamento.	Situa-se na ponta sudoeste da Ilha de Anhatomirim.	Bastante danificado (1990).	-	-

PALHOÇA									
CNSA	Sigla	Nome no CNSA	Outros nomes	Coordenadas UTM (SAD 69 / 22 J)	Descrição sumária do sítio	Estado de preservação	Dimensões	Bibliografia	
1	SC00739	PAC 001	Praia de Fora	Segundo o CNSA, corresponde ao SC-PEST-24 (Eble e Reis).	-	Rohr classifica-o como "sítio raso de sepultamentos", e o CNSA como "cemitério". Como Rohr não menciona a presença de cerâmica, até o momento este sítio pode ser considerado um sítio conchífero raso sem cerâmica. Segundo Rohr, sítiantes retiraram um esqueleto humano do local.	Possui ainda mais de 75% de sua integridade. Área utilizada para lavoura (1966).	350 m ² (1966).	ROHR, 1984; EBLE e REIS, 1976.
2	SC00740	PAC 002	Praia do Constantino	-	-	Rohr classifica-o como "sítio raso de sepultamentos", e o CNSA como "cemitério". Apesar de dizer ser muito semelhante ao sítio da Tapera, de Florianópolis, Rohr não menciona a presença de cerâmica. Assim, até o momento este sítio pode ser considerado um sítio conchífero raso sem cerâmica. Situa-se na ponta do Constantino. Foram encontrados machados polidos e batedores em diabásio, além de vários sepultamentos encontrados e destruídos por operários durante a construção de uma residência.	Possui de 25% a 75% de sua integridade, tendo sido em parte destruído pela construção de uma residência. Área utilizada para lavoura (1979).	Menos de 1 m de espessura e 600 m ² (1979). Estas dimensões não constam na publicação de Rohr, mas na ficha no CNSA sim.	ROHR, 1984.
3	SC00741	PAC 003	Praia da Pinheira I	Pinheira (Rohr)	-	É possível associar este sítio registrado no CNSA ao sambaqui da Pinheira descrito por Rohr pelas dimensões de 600 m ² que constam nas duas fontes. Situa-se em encosta de morro, a 10 m da praia. Conchas misturadas a alto teor de húmus e argila. Rohr fez uma sondagem neste sítio, deparando-se com um sepultamento humano que foi recolhido ao Museu do Homem do Sambaqui.	Por estar dentro do povoado da Pinheira, é um sítio difícil de se preservar (1965 no CNSA e 1966 na publicação de Rohr).	30 x 20 x 1 m (1965 no CNSA e 1966 na publicação de Rohr).	ROHR, 1984.
4	SC00743	PAC 005	Porta do Maruim	Segundo o CNSA, corresponde ao SC-PEST-01 (Eble e Reis)	0731169 / 6941642	Foi alvo de escavação de salvamento, realizada pela equipe do Museu Universitário da UFSC (1998). Situa-se em solo arenoso. Antes da passagem da BR-101, o sítio encontrava-se numa grande área de mangue, sobre uma pequena elevação que, segundo os moradores locais, transformava o sítio numa ilha quando havia inundação. Irregular e com formato trapezoidal, classificado no CNSA como sambaqui do tipo "sujo" - o que seria chamado de acampamento conchífero por Prous e Piazza (1977) e de sítio conchífero raso sem cerâmica aqui neste trabalho.	Remexido por curiosos que deixaram esparsos na superfície restos de dois sepultamentos (1965). Destruído pela construção da BR-101 e adutora (1998).	40 x 30 x 0,60 m (1965). 20 x 30 x 0,80 m (1998)	ROHR, 1984; EBLE e REIS, 1976; UFSC, 1998.
5	SC00746	PAC 008	Albardão	Segundo o CNSA, corresponde ao SC-PEST-12 (Eble e Reis)	-	Pequena elevação em meio à planície paludosa, rodeado por mato. Segundo Rohr, no passado o dono do terreno tinha uma plantação de feijão na superfície do sambaqui, ocasião em que encontrou um zoólito representando uma ave que, na época da visita de Rohr ao sítio, ainda conservava em sua casa. Rohr também verificou a presença de esqueletos humanos e ossos de peixes e mamíferos.	Possui ainda de 25% a 75% de sua integridade, devendo sua destruição à abertura de valas (1977).	100 x 50 x 3 m (1977).	EBLE e REIS, 1976; ROHR, 1984.
6	SC00747	PAC 009	Morro do Tomé I	-	-	Este sítio consta no CNSA como registrado por Rohr, porém não é mencionado na bibliografia consultada. Situa-se em encosta de morro, a 10 m do mangue.	Sua área é utilizada para lavoura (1965).	270 m ² (1965).	-
7	SC00748	PAC 010	Morro do Tomé II	-	-	Este sítio consta no CNSA como registrado por Rohr, porém não é mencionado na bibliografia consultada. Situa-se na base do morro, à beira de terreno alagadiço	Sua área é utilizada para lavoura (1965).	600 m ² (1965).	-
8	SC00749	PAC 011	Pinheira	-	-	Este sítio consta no CNSA como registrado por Rohr em ano idêntico ao do registro do sítio Praia da Pinheira I e, além disso, é descrito como rico em sepultamentos (sendo que no outro sítio em questão foi encontrado um sepultamento) e como situado em encosta de morro também, o que levaria-nos a cogitar uma correlação entre estes dois sítios, ou seja, num registro duplo do sambaqui da Pinheira de Rohr. As dimensões deste sítio "Pinheira" no CNSA são, no entanto, de 6.000 m ² , completamente diferentes das dimensões do sítio Praia da Pinheira I, de 600 m ² . Em face a isso, nada se pode concluir. Ou este sítio se trata de sambaqui diferente dos demais, registrado por Rohr porém não descrito em sua publicação, ou trata-se de um registro duplo.	Possui ainda mais de 75% de sua integridade (1965).	5.000 m ² (1965).	-

PAULO LOPES										
CNSA	Sigla	Nome no CNSA	Outros nomes	Coordenadas UTM	Descrição sumária do sítio	Estado de preservação	Dimensões	Bibliografia		
1	SC00800	PUL 001	Sorocaba	-	0729978 / 6907855 (Datum desconhecido)	Situa-se próximo à antiga área de manguezal, num banhado, com pouca presença de conchas.	Possui ainda mais de 75% de sua integridade, tendo sido danificado apenas por queimadas e lavoura (1993). Área fora de uso, o que mantém o sítio bem preservado (1999).	Pequeno, com 2 m de altura e 250 m ² (1993). 60 x 10 x 1 m (1999).	SILVA, 1999.	

2		Fazenda da Madre	-	0730533 / 6909274 (Datum desconhecido)	Encontra-se a 100 m do rio da Madre. A equipe de Silva coletou de sua superfície alguns fragmentos de ossos humanos (tibia, fêmur e outros) e peças líticas com sinal de polimento e lascamento.	Destruído por terraplanagem para plantação de arroz, o que espalhou seus vestígios superficiais pelo terreno. Esta destruição foi noticiada em 07/12/1987 no jornal "O Estado" (1999).	100 x 50 m (1999).	SILVA, 1999.	
---	--	------------------	---	---	--	--	--------------------	--------------	--

PORTO BELO									
CNSA	Sigla	Nome no CNSA	Outros nomes	Coordenadas UTM (SAD 69 / 22 J)	Descrição sumária do sítio	Estado de preservação	Dimensões	Bibliografia	
1	SC00833	PEB 003	Porto Belo III	-	-	Este sambaqui consta no CNSA como registrado por Rohr, porém este não faz menção a ele em sua publicação. Há poucas informações em sua ficha no CNSA, que parece misturar dados de pelo menos dois sítios descritos por Rohr. O único sítio ao qual este poderia ser associado é o sambaqui "Porto Belo 2" mencionado por Rohr, tendo em vista semelhanças nas dimensões (3 m de altura), porém, "Porto Belo 2" já consta nessa lista como sítio correspondente ao "Perequê II" e, assim, estaríamos frente ao registro duplo de um mesmo sítio.	-	-	-
2	SC00834	PEB 004	Porto Belo IV	Porto Belo 1 (Rohr)	-	Rohr descreve este sítio como "sambaqui", porém no CNSA ele aparece como "cemitério". Situa-se a 50 m da praia do Embrulho, ao lado direito de um córrego. As conchas estão misturadas com muito húmus. Nele foi constatada a presença de sepultamentos humanos, ossos de baleia e de outros peixes e outro material arqueológico.	Possui de 25% a 75% de sua integridade. Construção de estrada destruiu vários sepultamentos (1978).	60 x 60 x 5 m (1978).	ROHR, 1984.
3	SC01021	PEB 006	Perequê I	-	0736946 / 6993914	Situa-se a 2.000 m do rio Perequê e a 250 m do sítio "Perequê II"	Proprietário destruiu o que restava do sítio para nivelar o terreno e sobre uma parte dele há uma pequena plantação de cana de açúcar (1996).	Vestígios espalham-se por área de 200 m ² (1996). Antes do terreno ser nivelado, possuía 1 m de altura.	UFSC, 1996.
4	SC01022	PEB 007	Perequê II	Porto Belo 2 (Rohr)	0737186 / 6993509	Em UFSC (1996), é mencionado que este sítio teria sido descrito por Rohr (1984). Como o sambaqui "Porto Belo 1" por ele descrito corresponde ao "Porto Belo IV" no CNSA, "Perequê II" só poderia corresponder ao sítio "Porto Belo 2" descrito por Rohr. Situa-se em área de banhado recentemente desmatada, a 2.200 m do rio Perequê e a 250 m do sítio "Perequê I". Rohr constatou a presença de carvão vegetal, quebra-cozinhos, ossos de peixes e outro material arqueológico.	Em grande parte destruído (1973). Há sinais de retirada de material conchífero (1996).	10 x 10 x 3 m (1973). 1,50 m de altura e 180 m ² (1996).	ROHR, 1984; UFSC, 1996.